

Órgão Central
do Partido Comunista
Português

Semanário
Director:
António Dias Lourenço

 **Avante!**

**Proletários
de todos os países
UNI-VOS!**

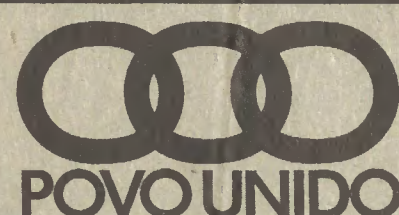
Ano 53 - Série VII - N.º 614
3 de Outubro de 1985
Preço: 40\$00

Propriedade do Partido Comunista Português Dir./Red. - Soeiro Pereira Gomes, 1699 Lisboa-CODEX Tel. 76 97 25 - Telex 18390 Composição e Impressão - Heska Portuguesa Distribuição - CDL, R. Santos Dumont, 57-2.º - 1000 Lisboa

vota APU

Aliança Povo Unido

APU



POVO UNIDO

**O PCP aponta ao Povo português
três grandes objectivos nas eleições
de 6 de Outubro:**

**1.º - Atirar definitivamente para
a rua o Governo de Mário Soa-
res/PS/PSD, que se encontra demiti-
do, mas ainda em gestão e abusando
das suas funções.**

**2.º - Pôr termo à política de di-
reita e aos governos de direita (com
ou sem PS), política e governos cau-
sadores do desastre da economia, do**

**agravamento das condições de vida
dos trabalhadores e do povo em ge-
ral, do endividamento externo, da
submissão ao estrangeiro, da corrup-
ção generalizada a partir do próprio
Governo.**

**3.º - Criar condições, como resul-
tado das eleições, para a formação
de um governo que ataque com deci-
são e resolva os gravíssimos proble-
mas nacionais criados pela política de
restauração monopolista dos gover-
nos dos últimos nove anos.**

Editorial

Avante!

Ano 53 — Série VII
N.º 614

3 de Outubro de 1985

1.º Caderno

Não pode ser vendido
separadamente

Domingo — vota certo e útil vota APU!

Votar APU no próximo domingo 6 de Outubro é uma exigente opção política que durante a campanha eleitoral em curso cresceu e ganhou decisiva força na convicção de milhares de portugueses e portuguesas patriotas, muitos até agora indecisos, que anseiam por um novo rumo para a política nacional no quadro da democracia e da liberdade.

Uma campanha plena de confiança, animada por todo o País por milhares de activistas homens, mulheres e jovens — estes com um activo notável e uma participação entusiástica — permitiu anular no essencial a barreira do silêncio e da torpe calúnia erguida pelos inimigos de Abril contra a APU e o PCP.

Por toda a parte portugueses e portuguesas das mais variadas condições sociais, credos políticos e crenças religiosas acolheram as propostas do PCP e da APU de uma maneira nova, profundamente convictos da necessidade de uma alternativa democrática à política de bancarrota e miséria das coligações da direita, incluindo o PS, e da possibilidade real de concretizar com uma votação em massa na APU nas eleições de domingo.

Concentrações jamais vistas em anteriores campanhas, numa imensa massa humana onde se encontravam fraternalmente com os comunistas muitos milhares de trabalhadores socialistas e democratas de outras tendências e independentes, rodearam os dirigentes do PCP, escutaram e aprovaram as suas propostas.

A necessária tradução desta convicção profunda em votos é um passo de consciência e de coragem cívicas que só a realidade dos números de domingo permitirá concretizar na prática.

A três dias das eleições os dados estão lançados.

O Povo português, submetido a uma intensa campanha mistificadora de demagogia e mentira dos partidos da direita, PS incluído, e pese a tenebrosa conspiração do silêncio dos órgãos de comunicação social do Estado controlados pelo PS e o PSD, em particular da TV e da Rádio, relativamente à campanha e às propostas políticas da APU e do PCP, têm assim mesmo matéria suficiente para uma justa opção de voto.

Durante quase uma década, particularmente nos últimos dois anos, os cidadãos que vão intervir no acto eleitoral de domingo fizeram ou puderam fazer a prova da coerência entre as promessas e a prática política dos principais partidos que disputam as eleições, entre as palavras e os actos dos seus mais responsáveis dirigentes.

A prova é esclarecedora e pode e deve ser determinante.

A medida que se aproxima o fim da campanha e a hora da verdade eleitoral, os dois derrotados partidos que ainda partilham o Governo de gestão revelam toda a sua índole de embuste, toda a abjecção dos seus métodos, o seu total desrespeito pelas instituições e pela legalidade democrática, a sua imoralidade.

A «lixívia» com que procuram branquear-se das responsabilidades da política contra o povo e contra Portugal que ambos praticaram na governação do País é um ingrediente de cosmética na disputa pela hegemonia de uma nova coligação governante que negociam desde já secretamente para depois das eleições.

Cada um deles, com o CDS, tem um «programa» para estas eleições. Mas as diferenças «programáticas» são uma pura fachada do verdadeiro «programa» contra-revolucionário que ambos negociaram em Julho de 83 e «renegociaram» em Dezembro de 84, a que, com pequenas divergências de forma e de «timing», continuam fiéis apesar da ruptura de Junho de 85.

Desmantelar o sector público e nacionalizado e reconstituir os antigos monopólios associados ao imperialismo, submeter ao seu domínio e aos seus interesses a economia nacional; destruir a Reforma Agrária e reconstituir os latifúndios, porventura alargados, nos campos do Alentejo e do Ribatejo; promulgar nova legislação rural que submeta os pequenos e médios agricultores proprietários e rendeiros à usura e à gula dos proprietários ricos; impor leis laborais que coloquem os trabalhadores à mercê da exploração e espoliação do grande patronato, que fomentem a insegurança no emprego e no trabalho, que reduzam a uma caricatura os direitos, liberdades e garantias dos trabalhadores, e, agora, condenar os sectores mais rentáveis da nossa indústria e da nossa agricultura à engrenagem trituradora dos monopólios da CEE — eis o verdadeiro «programa» do PS, do PSD e também do CDS.

Ao mesmo tempo, e neste campo às claras, burlando a boa-fé dos seus aderentes e eleitores, os dois partidos derrotados selam novas alianças antidemocráticas, pretendendo agrupar todos os sectores da direita e da reacção contra as autarquias sob a direcção da APU, montam provocações contra a APU.

Cavaco e Silva aconselha tais alianças e Mário Soares em Viseu denuncia «vastíssimas alianças» claramente com os partidos da direita.

Os casos de Setúbal, Almada, Moita, Vila Real de Santo António, Vila Franca de Xira, Loures e outras, o da Amadora, com a significativa encenação da assinatura do «acordo» são degraus visíveis do ressurgimento da coligação PS/PSD, dirigida pelo mais votado, para levar avante o velho plano contra-revolucionário.

Na propaganda do PS e do PSD vale tudo, sem a mínima consideração pelas determinantes legais e constitucionais do Governo de gestão e dos seus poderes.

Soares, contra os pareceres da Comissão Nacional de Eleições, voltou a infestar o País com cartazes da sua propaganda como candidato à Presidência da República, quando a sua função de Primeiro-Ministro — mesmo gestor — terminantemente lho proíbe.

Agora, como nos velhos tempos da outra senhora, Soares empunha a tesoura e mete-se a cortar fitas numa evidente e caricata campanha personalista à custa dos dinheiros do orçamento, aliás esbanjados pelos ministros e secretários de Estados dos dois partidos em funções de gestão. Mas a derrota os espera.

Na luta contra a APU e contra o PCP, o PS e o PSD e os seus dirigentes mais responsáveis procuram ensombrar os últimos dias da campanha eleitoral com grosseiras provocações e baixo golpismo.

Particularmente Almeida Santos assume atitudes provocadoras nas zonas de gestão autárquica da APU, suscitando a indignação das populações e vindo depois atacar o PCP como responsável de distúrbios contra os candidatos do PS, como agora em Setúbal, no Barreiro e noutras localidades.

O «indigitado», mentindo conscientemente, acusa o PCP de «inimigo das liberdades»... É significativo depois que frise «a necessidade de conquistar as Câmaras Municipais de gestão APU» como «forma de assegurar a liberdade e a democracia»...

Almeida Santos silencia o facto de em alguns locais, onde provocou a indignação dos transeuntes, dirigentes do PCP e da APU se lhe terem oferecido para o protegerem nas suas incursões e das consequências incontáveis das suas provocações.

O Povo português tem também já matéria suficiente para fazer a prova da coerência entre as palavras e os actos dos candidatos da APU.

A APU não vai submeter-se ao veredicto do eleitorado apenas com as suas propostas programáticas e políticas, não vem de mãos vazias — traz consigo uma incontestável credencial de competência, dedicação e honestidade ao serviço das populações dos 55 concelhos, implantados em 30,5% do território nacional, que dirige e das mais de 85 freguesias APU nos concelhos dirigidos pelo PS, pelo PSD e pelo CDS.

É uma credencial que imprime uma marca de seriedade aos pontos do Programa da Máxima Urgência da APU e do Programa Eleitoral do PCP.

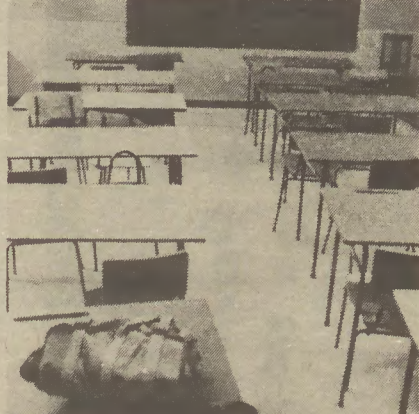
O Povo português sabe que o «Programa» é um compromisso de luta que a APU e o PCP procurarão cumprir quaisquer que sejam as circunstâncias, fora ou dentro do Governo, conforme a vontade popular.

Os trabalhadores sabem que os comunistas, no Governo, em que deverão estar por direito próprio, ou na oposição, lutarão intransigentemente pela rápida liquidação do desemprego, pelo imediato fim do escândalo dos salários em atraso, pela elevação do poder de compra dos salários, pelo melhoramento das suas condições de vida, pela anulação da lei das rendas.

Resumo

25 Quarta-feira

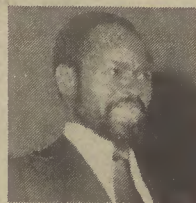
Para a Organização dos Bancários do PCP, o Governo excede os seus poderes de gestão ao nomear 33 novos gestores bancários. Entre estes gestores, o novo presidente do BFB está na lista do crédito mal-parado desta instituição. ■ Os ORT's das fábricas da Sorefame na Amadora e Amora concentram-se junto às instalações da administração. ■ Surto de difteria em Lisboa. Uma criança morta. ■ O gabinete de imprensa da APU acusa a RTP de distorcer a verdade da campanha no Porto. ■ Em conferência de imprensa, a Fenprof salienta que o ano lectivo não começará no dia 7 para mais de vinte mil



Ano Novo?

alunos, só na área da Grande Lisboa. ■ Contraopondo a guerra das estrelas, a União Soviética lança o apelo à convocação de uma conferência de elaboração de um programa internacional de cooperação pacífica que transforme a «guerra das estrelas em paz das estrelas». ■ Explode paiol de quartel nos arredores de Maputo, em Moçambique. ■ Savimbi confessa-se: UNITA só sobrevive graças à «ajuda norte-americana».

26 Quinta-feira



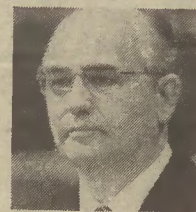
Na ONU

Diariamente continuam a vir à luz do dia casos de corrupção. Uma vez mais, quem está em causa são as instituições de crédito nacionalizadas. A Rádio Bercko, com um capital de apenas 20 mil contos, conseguiu já financiamentos da banca no valor de 1 milhão de contos. ■ Os ORT's do distrito de Setúbal exigem junto da RTP que esta faça uma emissão sobre a situação social no distrito. Os trabalhadores concentram-se junto às instalações da Televisão. ■ Um contrato-programa firmado entre a STCP e o Governo, prevê um aumento de 22 por cento nos transportes públicos do Porto. ■ No Barreiro, a APU realiza um dos maiores comícios que aí já alguma vez se fizeram. No comício participou Álvaro Cunhal. ■ O Governo continua a ser responsabilizado pela existência dos salários em atraso. Desta feita, a acusação parte dos trabalhadores das indústrias químicas. ■ Em discurso na ONU, Samora Machel acusa a África do Sul de mover uma guerra não declarada contra Moçambique. ■ O presidente da Comissão de Forças Armadas da Câmara dos Representantes norte-americanos adverte a Casa Branca para que não recuse as propostas de desarmamento da URSS.

27 Sexta-feira

Cinco anos depois do começo do processo, o governo demitido salda as dívidas contraídas pelo jornal fascista «O Dia». ■ Nove meses depois de terminado o exercício económico de 1984, o governo teima em esconder as contas do Sector Empresarial do Estado. ■ As refinarias da Petrogal de Lisboa, Porto e Sines estão completamente paralisadas em virtude da luta simultânea dos trabalhadores e quadros desta empresa. ■ A União dos Sindicatos do Porto salienta que os salários em atraso servem para demagogia eleitoral. ■ A Comissão Concelhias da Amadora do PCP anuncia que o Partido vai levar a Tribunal, por calúnia, o vereador do PS na Amadora, Andrade Neves. ■ Um grupo de congressistas norte-americanos adverte que a política de Reagan para a América Central pode criar novo Vietnam na Nicarágua. ■ O partido Sikh forma governo no estado indiano do Punjab. ■ O ministro soviético dos Negócios Estrangeiros reúne-se com Reagan e Schultz. ■ Sismos continuam a afectar vários países. ■ Com a ofensiva iniciada em Agosto, as forças armadas angolanas abateram cerca de 1400 elementos da UNITA.

28 Sábado



Carta a Reagan

Soares promete que Alqueva vai para a frente numa clara manobra eleitoralista. ■ José Tengarrinha afirma que um aumento de votação da APU é indispensável para uma verdadeira mudança política. ■ Em Beja, realiza-se o maior comício de sempre nesta cidade alentejana. A iniciativa, evidentemente, foi promovida pela APU. ■ A Aliança Povo Unido denuncia a «deliberada e ostensiva escalada de manipulação» da informação veiculada pela RTP. Para a APU assiste-se a um verdadeiro «terrorismo informativo» contra esta coligação. ■ O furacão «Glória» faz quatro mortos ao passar sobre a costa leste dos Estados Unidos, onde foi considerado o maior furacão do século. ■ O presidente do Panamá pede a demissão depois de se reunir com o comandante das forças armadas. ■ Em carta a Reagan, Gorbachev propõe uma redução de quarenta por cento dos arsenais estratégicos dos dois países.

29 Domingo

A CGTP-IN exige a imediata publicação das contas do Sector Empresarial do Estado. ■ Realiza-se nos Olivais a já tradicional Festa da Liberdade. ■ O Sindicato dos Trabalhadores da Função Pública afirma que as escolas, para funcionarem bem, necessitam de milhares de trabalhadores, enquanto o Ministério da tutela só admite 430. ■ José Casanova afirma que os resultados das eleições podem reabrir caminhos de Abril. ■ A Comissão Nacional de Eleições reafirma que os municípios não podem regulamentar o exercício da liberdade de propaganda. ■ A alegria, o entusiasmo e a confiança são constantes na digressão de Álvaro Cunhal por Évora e Portalegre. ■ Os trabalhadores da Lisnave exigem os seus salários de



Policia mata na RFA

modo a que possam cumprir os prazos de encomendas. ■ Em Alhandra, é inaugurado um monumento a Soeiro Pereira Gomes. ■ Os habitantes da Amadora festejam, desfilando, o 6.º aniversário do município de Abril. ■ Polícia da RFA assassina manifestante antinazi.

30 Segunda-feira



Em Lisboa

Em Lisboa, manifestantes protestam contra a visita do Mayor de Joanesburgo. De manhã, os candidatos da APU por Lisboa apresentaram também o seu protesto. ■ Lívio Borges, presidente da Câmara de Lisboa em exercício, depois de ter recebido o representante racista, foi a tribunal onde está a responder por desrespeito à Constituição. ■ Em conferência de imprensa, a APU faz o balanço da campanha, salientando a grande adesão, confiança e serenidade. O PCP sublinha que o programa do PS agravaria a crise e os conflitos. ■ A CGTP-IN denuncia que o desemprego e os salários em atraso afectam dois milhões de portugueses. ■ O Sindicato da Função Pública do Norte acusa o governo de exorbitar funções. ■ A polícia alemã-federal prende dezenas de manifestantes antinazis. ■ Prosseguem os distúrbios no bairro londrino de Brixton.

1 Terça-feira

Comemorado em várias empresas e localidades o 15.º aniversário da CGTP-IN ■ O Sindicato dos Professores da Grande Lisboa anuncia a falta de escolas para 30 mil alunos na região ■ Por pressão dos estudantes é suspensa a aplicação da portaria que aumenta os preços das refeições na cantina da Universidade Clássica de Lisboa ■ Reformados do Alentejo manifestam o seu protesto pela marginalização de que são alvo por parte da administração da empresa no respeitante à actualização das suas pensões ■ Um raid terrorista de Israel contra o quartel-general da OLP em Tunis provoca pelo menos 50 mortos e dezenas de feridos ■ O ANC rejeita na totalidade as propostas de «reformas» apresentadas pelo presidente do apartheid ■ A força aérea do regime racista sul-africano ataca tropas regulares de Angola em Mavinga ■

Os agricultores sabem que os comunistas lutarão por uma efectiva política de apoio à sua situação e à agricultura nacional, pela garantia de preços justos à produção, pelo barateamento e facilidades do crédito, pelo escoamento em condições compensadoras dos seus produtos.

Os pequenos e médios industriais e comerciantes sabem que os comunistas lutarão pelo melhoramento das suas actividades no quadro da recuperação económica e da elevação do poder de compra dos portugueses.

Os jovens sabem que os comunistas lutarão sem tréguas por uma verdadeira política de juventude, de obtenção do primeiro emprego, de facilidade de acesso ao ensino superior e à cultura, de melhoramento da segurança nas escolas, por uma política de tempos livres para os jovens.

As mulheres sabem que os comunistas lutarão pela dignificação da condição feminina, pela igualdade de direitos e de remuneração para trabalho igual, por uma assistência condigna à maternidade e à infância, pelos direitos da mulher.

Os reformados sabem que os comunistas lutarão firmemente pela elevação das reformas e pensões, por condições humanas e apoio à terceira idade. Os deficientes, que o PCP lutará pela sua gradual inserção na sociedade e no trabalho, por cuidados especiais para as suas deficiências e limitações físicas.

Os intelectuais e quadros técnicos sabem que os comunistas lutarão por uma verdadeira política de promoção e defesa da cultura, de justa participação ao nível da sua especialidade na obra de recuperação económica, social e cultural.

O Povo português sabe que os eleitos APU e do PCP lutarão infatigavelmente pela melhoria das condições de vida, da saúde e da fruição social e cultural no mais curto prazo.

Recuperar a economia, liquidar as injustiças sociais mais gritantes, estabilizar as instituições e a vida dos cidadãos no quadro das liberdades e da democracia, defender a independência nacional são pontos programáticos de máxima urgência pelos quais os eleitos da APU e do PCP se baterão de imediato após as eleições de 6 de Outubro.

São os mais sentidos problemas do Povo o do País e são incontestavelmente os mais urgentes os que em 6 de Outubro concitarão ao voto os cidadãos.

No domingo, nenhum amigo da APU, nenhum português consciente da gravidade da situação nacional, da justeza das propostas é da possibilidade real de lhes dar realização prática, deve ficar em casa, deve deixar de votar APU, deve deixar de ajudar os seus familiares e amigos a votarem APU.

O voto APU é o único voto útil e certo para um novo rumo da política nacional, para sair da crise, para restabelecer o projecto promissor de Abril.

Seguro de que o teu voto é uma contribuição concreta para materializar essa nova política, no domingo que vem, Amigo e Amiga, Democrata e Patriota: VOTA APU!

Avante!
Proletários de todos os países: UNI-VOS!

O jornal
dos trabalhadores
da democracia
e do socialismo

PROPRIEDADE: Partido Comunista Português. Rua Soeiro Pereira Gomes - 1699 - Lisboa CODEX. Tel. 76 83 45

DIRECÇÃO E REDACÇÃO: Rua Soeiro Pereira Gomes - 1699 Lisboa CODEX Tel. 76 97 25/76 97 22

ADMINISTRAÇÃO:
Av. Santos Dumont, 57-3.º
- 1000 Lisboa

DISTRIBUIÇÃO:
CDL, Central Distribuidora Livreira,
SARL, Serviços Centrais: Av. Santos
Dumont, 57 - 2.º - 1000 Lisboa
Tel. 77 98 28/77 98 25/76 97 51

Casa da Venda em Lisboa: Rua do
Século, 80 - 1200 Lisboa Tel. 37 22 38

Centro Distribuidor de Évora:
Alcárcova de Baixo, 13 - 7000 Évora
Tel. 26361

Centro Distribuidor de Faro:
Rua 1.º de Dezembro, 23 - 8000 Faro
Tel. 24417

Delegação do Norte
Centro Distribuidor do Porto:
R. Miguel Bombarda, 578 - 4000 Porto
Tel. 69 39 08/69 96 15

Centro Distribuidor de Coimbra:
Terreiro da Erva, 6 - 3000 Coimbra
Tel. 28394

ASSINATURAS:
Av. Santos Dumont, 57-4.º Esq.º
- 1000 Lisboa. Tel. 76 64 02

EXPEDIÇÃO:
R. João de Deus, 24 - Venda Nova
2700 Amadora. Tel. 90 00 44

PUBLICIDADE CENTRAL:
Alameda St.º António dos Capuchos, 6-B
- 1100 Lisboa. Tel. 77 69 36/77 67 50
Porto - Rua do Almada, 18-2.º Esq.º
- 4000 Porto. Tel. 38 10 67

Composto e Impresso na Heka
Portuguesa - R. Elias Garcia, 27
Venda Nova - 2700 Amadora

Depósito legal n.º 205/85

Tiragem média do mês de Agosto: 32 768

Álvaro Cunhal em cinco distritos ao sul do Tejo

Muita gente, muito entusiasmo e também muita confiança

Por toda a parte multidão. No Algarve, no Alentejo e, a finalizar, no distrito de Setúbal. Três dias e meio de campanha eleitoral, vinte e nove comícios, num encontro permanente com a confiança, o entusiasmo e, também, a juventude, que só não estava presente nas localidades onde, escuraçada pela falta de emprego e a fome, procura na emigração sazonal minimizar a sobrevivência de todo o ano. Eis, em traços gerais (muito gerais, aliás), a digressão de propaganda eleitoral feita por Álvaro Cunhal, secretário-geral do PCP, no passado fim-de-semana aos distritos a sul do Tejo.

«Um arrastar de multidões» como titulava, com verdade, o «Diário de Notícias». Um afluir de gente onde seria difícil imaginar concentrações maiores do que as efectuadas até agora.

Isto, mesmo, em tempo de telenovela; sem «Louco Amor», mas com um amor consciente pela mudança que se impõe, apostando num novo rumo no caminho de Abril.

Visível a presença dos que hoje sabem a importância de um voto diferente, para que tudo não fique na mesma. Por vezes, entre abraços, apertos de mão e beijos, a frase que, não sendo explícita, está carregada de sentido: «Sr. dr., desta vez não me enganam. Sabe o que quero dizer, não sabe?»

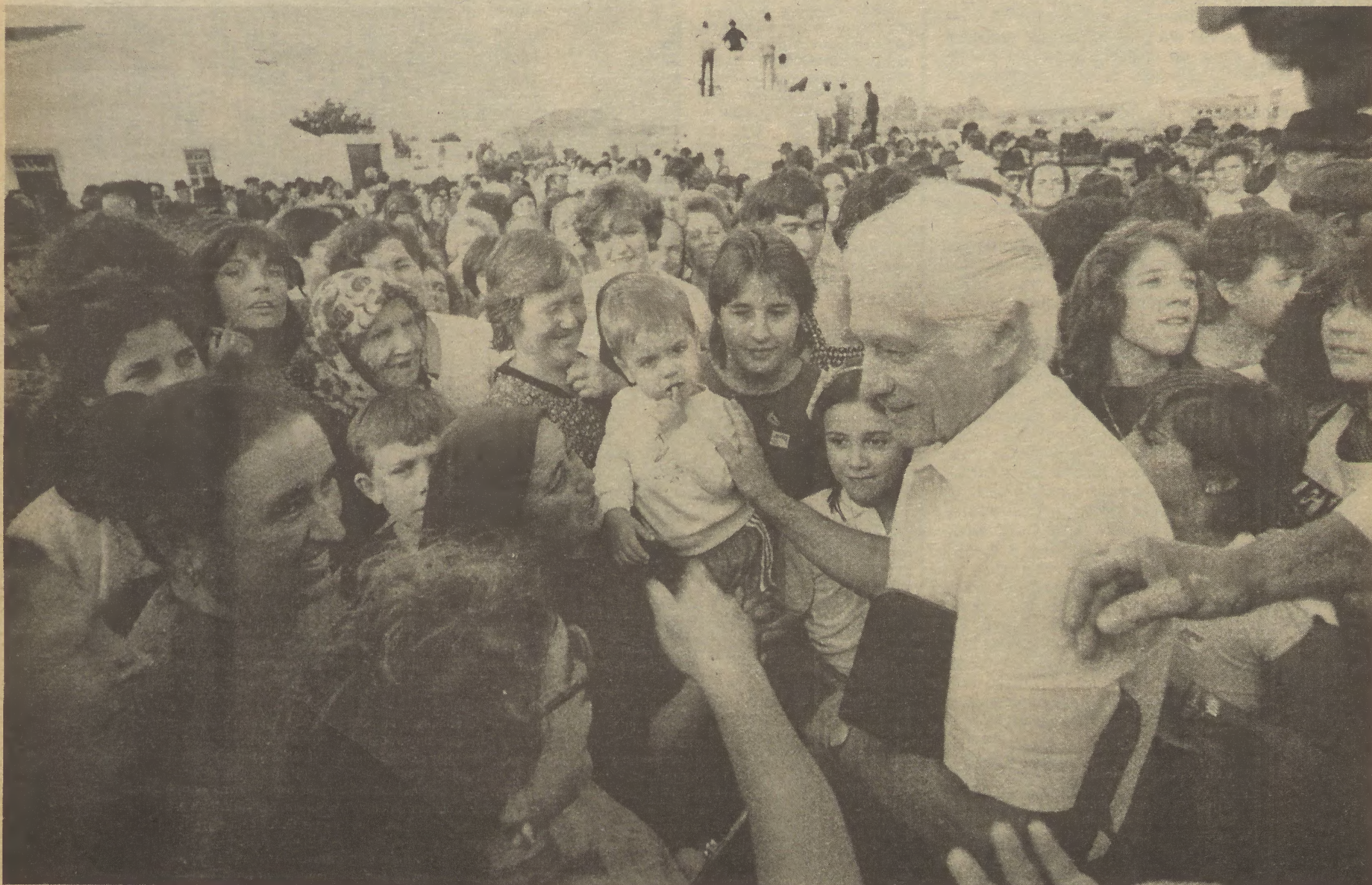
Este arrastar de multidões não pode deixar de ter um significa-

do. Um significado que contagia os jornalistas que acompanham a digressão de Álvaro Cunhal; que contagia as organizações do Partido, mas que produz maior efeito, precisamente, entre as populações por onde a caravana passa.

E a notícia espalha-se, ganha volume, corre de café em café, de taberna em taberna, de casa em casa; apesar do silêncio a

que foi votada na Televisão ou na Rádio, principais meios de difusão informativa.

Nunca houve nada de semelhante em Beja, já corre pelo Alentejo, e na Amareleja, e em Montargil, e em Alcochete, e no Montijo, e em Santa Luzia, e em Faro, e em Olhão, e no Escou-



Programa Eleitoral do PCP

Eleições
para
a Assembleia
da República



PCP

Muita gente...

ral, isto para não citarmos todas as terras por onde Álvaro Cunhal passou.

...e de repente se fez gente

Olhão, Vila da Restauração, hoje cidade, por onde começou o périplo apresentava-se sob o signo do fracasso à hora a que estava previsto o comício.

«Os comunas não têm ninguém!», foi a exclamação de um transeunte para o seu companheiro, ao passarem no Largo da Igreja. Enganou-se. Dentro em pouco o recinto estava cheio. Superava as expectativas, num local onde as votações anteriores pouco ultrapassam os 3000 votos.

Isto às 18.30, hora a que muita gente trabalha e tendo em conta que os locais de trabalho estão afastados do centro da cidade.

Atrás da tribuna improvisada, o edifício da Caixa de Previdência e Abono de Família dos Profissionais de Pesca, ostentando três placas comemorativas. A primeira diz que aquela «obra foi feita à custa dos marítimos na nobre Casa do Corpo Santo deste lugar de Olhão», em 1771; a segunda recorda o centenário do levantamento popular e patriótico de 1808; a última é uma «homenagem olhanense aos valorosos tripulantes da pequena embarcação 'Natália Rosa' pela gloriosa travessia Olhão-Agadir-Dakar-Porto Seguro (Brasil) de 1/X/1958 a 29/VI/1959».

E da pesca e dos pescadores falam Carlos Luís Figueira, membro do CC e Álvaro Cunhal; da pesca artesanal que corre o risco de ser liquidada depois dos acordos com a Espanha, o perigo dos acordos de pesca com a CEE que limita a actividade da faina dos portugueses e quase a elimina.

Álvaro Cunhal refere que os resultados da política do Governo PS/PSD e dos anteriores está à vista de toda a gente — de-



Borba



Aldeia Nova de S. Bento

semprego, fome, miséria, salários em atraso.

Mas está à vista, também, desses partidos e por isso não se querem responsabilizar pela política que praticaram. Mário Soares arranhou um biombo, Al-

meida Santos, o PSD arranhou um novo dirigente que vem dizer que está contra a política deste governo, acrescenta Álvaro Cunhal.

E prossegue, salientando que, à última hora, vêm com promes-

sas de que vão resolver tudo. Entre a assistência eleva-se uma voz: **Agora dizem que vão arranjar o caminho para Estóil!** Mais pessoas falam, referindo outras promessas. Já ninguém acredita.



Beja

Ao fundo

O dr. Soares foi ao fundo.

Claro que, abordando a política com terminologia náutica, pode afirmar-se categoricamente que outra coisa não seria de esperar de quem tem metido tanto e tanto almude de água. Sem a grandeza de Fernão Mendes Pinto, o dr. Soares é mesmo um naufrago experimentado: tem naufragado sucessivamente com diversos governos e, ao contrário dos capitães que vão ao fundo com o seu navio, pretendia agora que o País fosse ao fundo com o seu naufrágio.

Desta feita porém, o dr. Soares foi ao fundo... em terra. «Saltitando sobre os carris das vagonetas», na mimosa descrição de um vespertino, o demitido primeiro desceu 360 metros e foi ver as minas do Pejão lá em baixo. Envergou um fato a preceito, cobriu o occipital com um capacete e «viajou durante dois minutos à velocidade de seis metros por segundo» — para baixo. Não foi uma performance famosa pois as velocidades a que se tem despenhado em anteriores descidas a inomináveis baixezas é bastante superior aos 21 quilómetros por hora.

Lá no fundo, o dr. Soares viu carvão. Foi-lhe revelado que aquele carvão era para ser retirado e que tal tarefa estava a cargo de umas pessoas que ele jamais vira de perto e que ficou a saber chamarem-se mineiros.

Arguto, contemplando picaretas e vagonetas, o dr. Soares extraiu conclusões fulgurantes e elevadas, na linha daquele desabafo histórico ao visitar o centro de comando das Forças Armadas americanas, o Norad («Parece que estou num filme do 007», tonitruou então S. Exa.). Desta feita, a crer no mesmo vespertino, foi assim:

«Estou surpreendido com tudo o que acabo de ver e até porque acaba de nos ser provado que este tipo de empresas é rendável em Portugal», frisou Mário Soares, ao iniciar a viagem para a superfície da mina.»

A asserção merece que nos detenhamos sobre ela.

Que tenha ficado surpreendido é coisa que não causa surpresa a ninguém: em matéria de minas, o dr. Soares conheceria seguramente apenas as das lapiseiras. Agora que a contemplação das subterrâneas galerias tenha revelado ao primeiro-ministro os segredos da rentabilidade económica é que denota duas importantes coisas: primeiro que, apesar de andar alancorado no Governo há anos que parecem séculos, o primeiro-ministro não sabia destes pormenores; a segunda é que o dr. Soares retira rapidamente estas conclusões quando contempla uma picareta e que só quando as contempla é que consegue retirá-las.

É manifestamente impossível contar com um político assim. Para concluir da rentabilidade das pescas, o dr. Soares tem de ir ver pescar; quanto à agricultura, há que ver a ceifa, a monda, a poda e tudo o mais; na metalurgia, impõe-se a contemplação da rebitagem, da laminagem, do torno; na construção civil, o dr. Soares terá infindáveis dúvidas até contemplar o enchimento de uma placa de betão ou o assentamento de azulejos; e por aí fora.

É transparente que não há tempo para lhe ensinar tudo quanto ele ainda desconhece e à cerca do que não pode concluir. Manifestamente, não serve.

Note-se contudo que, hábil, o dr. Soares tem algumas soluções. Assim, pouco depois da reveladora visita ao Pejão, declarou em Vagos: «A palavra crise deve ser banida do nosso vocabulário».

É um rasgo. De facto, com uma medida ortográfica, resolve-se a crise. O dr. Soares não vislumbra outra alternativa.

Para ele — já se sabia — é tudo uma questão de palavras. ■

PCP

Com as eleições que houve e as promessas feitas pelos partidos que têm estado na governação, caso tivessem sido cumpridas, Portugal seria o País com o melhor nível de vida, o maior desenvolvimento económico, em resumo, o «paraíso na Terra».

O discurso prossegue. O mais importante, diz Álvaro Cunhal, não é convencer os que já estão convencidos. Aqui, em Olhão, pelos resultados das últimas eleições verifica-se que há muitos trabalhadores que, sofrendo a política do Governo, têm votado no PS e no PSD. Mais de nove mil nos socialistas e mais de cinco mil nos sociais-democratas.

E passa a interrogar. Na Gelmar, que foi encerrada, não haverá trabalhadores que votam nesses partidos? E trabalhadores com salários em atraso e que nestas condições votam nesses partidos? E alguns reformados, com pensões de miséria? E os jovens, sem escola e sem emprego? E os pequenos e médios comerciantes, que vêem o volume de vendas descer e o rol de fiados aumentar? E as mulheres — e não só as trabalhadoras, que são as primeiras a serem despedidas e discriminadas — mas também as que têm como encargo a administração da casa para quem a carestia de vida é um flagelo? Muitas destas pessoas não votaram e, possivelmente, não se preparam para irem votar, novamente, nos partidos que têm contribuído para a degradação da sua vida?

A importância de elucidar esses eleitores foi sublinhada a seguir pelo dirigente comunista. São trabalhadores como os outros, sofrem os mesmos efeitos da política do Governo. Se voltarem a votar nesses partidos estão a votar contra eles próprios. Ou acreditam que o PS e o PSD, novamente no Governo, iriam fazer uma política diferente? É urgente, pois, esclarecer os que ainda estão enganados. Não os pôr à margem, mas fazê-

-los ver que é possível mudar para melhor. São companheiros de luta que só por engano e falta de esclarecimento não estão do nosso lado.

À noite, Faro. Pelas ruas vedadas ao trânsito o turismo ainda é uma constante. Os aviões que passam com frequência levam e ainda trazem gentes de outras terras.

No jardim, de novo a multidão. Qual telenovela? Um episódio pode-se perder. Antes de Álvaro Cunhal, falou Carlos Brito e José Manuel Tengarrinha.

O primeiro é cabeça de lista da APU pelo distrito de Faro, refere a actividade do Grupo Parlamentar do seu partido relativamente ao Algarve. Nem os outros, todos juntos, terão tido tantas iniciativas. E recorda o cabeça de lista do PSD, António Capucho, e a sua acção como mi-

nistro da Qualidade de Vida quando mandou derrubar as casas da Ilha Formosa, num processo ainda hoje bastante obscuro.

José Manuel Tengarrinha, presidente do MDP/CDE, é natural do Algarve. Fala da tentativa que há por parte do PS e PSD para camuflarem o estado a que o País chegou. Para os que andam mais arredados da política informa que no dia 22 de Setembro, em entrevista à Rádio Renascença, a Almeida Santos fugiu-lhe a boca para a verdade quando referiu o perigo de a APU vir a ter mais de 20 por cento dos votos, **porque senão nós (o PS) não podemos alterar a Constituição**. Por aqui se vê a alteração que pretendem.

Álvaro Cunhal encerra o comício. E ali é preciso recordar certas coisas. Foi Cavaco Silva —



Ficalho



Faro

diz — quem dirigiu no Governo AD as conversações pela parte portuguesa com o FMI e foi ele quem esteve na origem do aumento de preços, foi ele quem tentou, sem êxito, aumentar a jornada de trabalho ao pretender que só contassem os tempos úteis de trabalho, impôs o tecto salarial, boicotou a contratação colectiva e hoje diz-se em luta contra a corrupção quando o Governo AD, de que era ministro, ficou marcado pela corrupção. A terminar faz votos que a confiança ganhe todos e que cada um seja propagandista da APU.

De Portimão a Beja

Sexta-feira, logo de manhã, é o encontro com os pescadores de Portimão. Ao cais atraca uma traineira carregada de sardinha prateada. As gentes do mar informam que aquele peixe se destina às fábricas de farinha, comprado a 10\$00 o quilo. Em



Montargil



Montijo



Olhão



Vila Viçosa

PCP

... muito entusiasmo...

contrapartida falta nas zonas do interior do País e é vendida nos mercados da capital e outros por preços dez vezes superiores. E, no entanto, há fome em Portugal...

As pessoas que se acercam do dirigente comunista nem sempre têm como objectivo o abraço ou o aperto de mão. São muitos os que lhe dizem: **Não esqueça os reformados! Não esqueça os jovens!**

Como esquecê-los? Se eles estão ali, em Portimão e mais adiante, na Aldeia de Palheiros, já no concelho de Ourique, para onde prossegue a viagem e sempre onde se efectua uma paragem.

Mas não só os reformados ou os jovens. Também os desempregados, os que têm salários em atraso, os pequenos e médios comerciantes e agricultores e tantos outros para quem viver custa. Como esquecê-los se são uma constante de toda a viagem. Que não se esqueçam eles, nem deixem que os outros se esqueçam e tudo será diferente.

Depois do almoço, uma breve visita à Câmara de Ourique, antes PSD, agora APU. À saída, o diálogo. A maior parte dos presentes são reformados. As queixas são constantes: **Ainda hoje fui à farmácia e deixei lá 2000\$00. Metade da minha re-**

forma e daqui a 15 dias tenho de lá voltar. E as mulheres, sem papas na língua, desfiavam os seus problemas.

Em S. Luís, já no concelho de Ourique, dá a sensação de que não mudámos de povoação. Terra de pequenos agricultores sem terra, que os agrários a deixam ao abandono e só recolhem a cortiça. As queixas sucedem-se. E há quem diga, logo à chegada de Álvaro Cunhal: **A saúde ainda val boa, o pior é o resto.**

A caminhada prossegue. Desta vez, Odemira, o maior concelho do País e talvez o que se encontrava em piores condições. Mas isso, apesar das dificuldades que ainda existem, já quase que pertence ao passado.

Está cheio o Largo da República e, frente à tribuna, localiza-se a sede do PSD. À janela dois sociais-democratas ouvem o discurso de Álvaro Cunhal. Mais uma vez o dirigente comunista apela para a necessidade do esclarecimento e acrescenta que se partissemos da ideia de que todos estão esclarecidos, então, em 6 de Outubro, a APU era a força maioritária.

Até Beja, a última paragem desse dia, distam cerca de 100 quilómetros. Mas ainda é preciso parar em Santa Luzia, novamente no concelho de Ourique. É já noite cerrada. O povo estava na estrada nacional e foi preciso convencê-lo a retirar para a aldeia. Com os carros que passam poderia haver um acidente.

Que não vem, diziam uns; fazer o quê, a uma aldeia destas, para aqui perdida, acrescentavam outros. Mas iam ficando, que a esperança demora a mor-



Santa Eulália

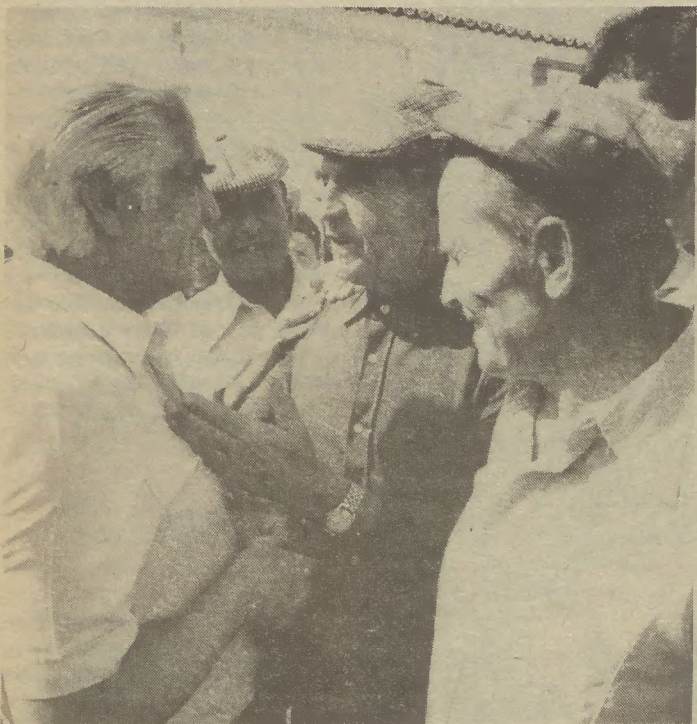
rer. E quando os faróis fizeram pressentir a chegada de vários automóveis aí todos se convenceram de que, pela primeira vez Álvaro Cunhal visitava a freguesia, de maioria PS.

São analisados os problemas dos pequenos e médios agricultores, nomeadamente o aumento dos factores de produção — se anteriormente eram precisos dez sacos de batata para pagar os adubos, hoje, são precisos 30 ou ainda mais —, o escoamento dos produtos, a falta do crédito bonificado, e tantas outras coisas que os agricultores sabem e sentem na carne sem terem visto, até agora, resolvidos, após nove governos, que sempre prometeram, sem resolver, os interesses desta camada social.

Por fim, Beja. Aqui Álvaro Cunhal leva quase tanto tempo a romper a multidão que enche o Jardim do Bacalhau, como depois a fazer a sua intervenção



Portalegre



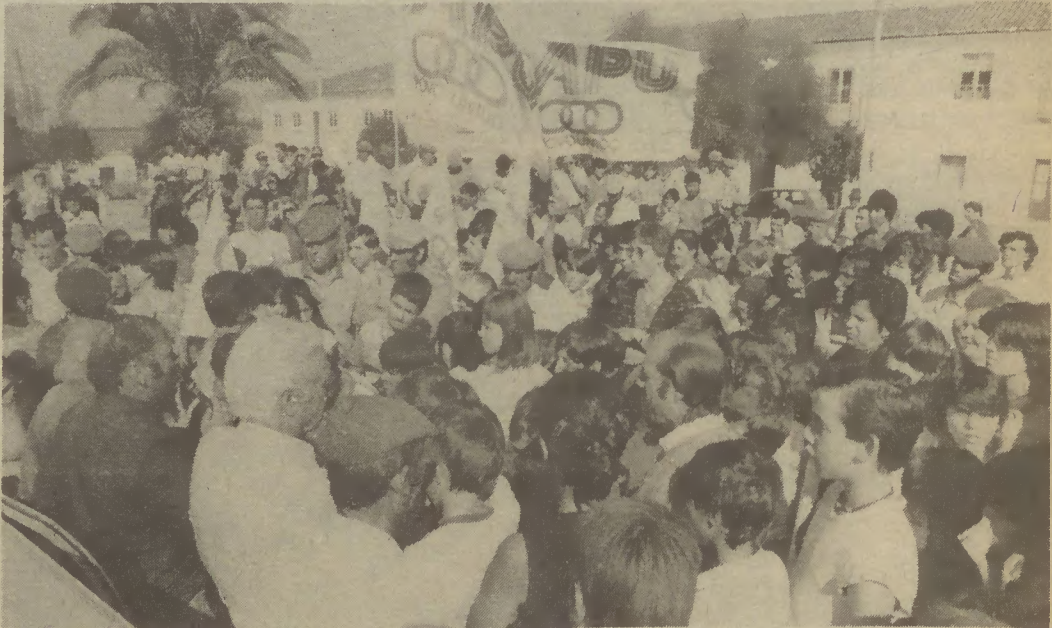
Santo Aleixo



Alcochete



S. Luís



Safara



Arronches

PCP



Reguengos de Monsaraz



Portimão

política, que não foi curta. Beja foi a prova de que é sempre possível fazer um comício ainda maior do que os anteriores.

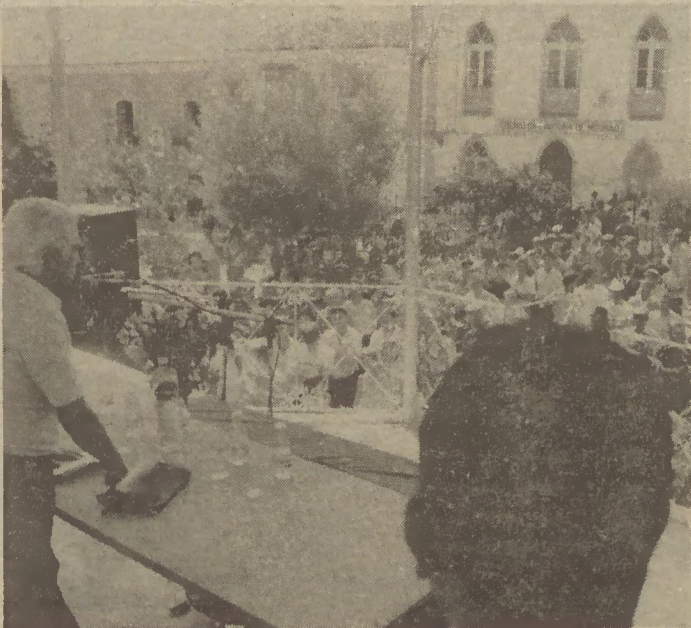
A caminho de Évora

Na manhã de sábado, a partida é cedo. Em A-do-Pinto, na sua maior parte vestidas de preto, as mulheres obrigam os carros a pararem, por alguns minutos. Que em Aldeia Nova de S. Bento está cheio de povo, dizem. E assim é. Novamente as queixas dos reformados, enquanto as crianças empoleiradas nos cimos dos muros observam tudo o que se passa.

E as queixas sucedem-se em Ficalho, onde o microfone anda de mão em mão. Que não há médico, é outro dos problemas que ali também se faz sentir. E o panorama repete-se em Sobral da Adiga, Safara e Amareleja, tudo terras onde se faz sentir a presença dos pequenos agricultores.

Em Mourão, começa o périplo pelo distrito de Évora. Câmara que já foi socialista, é agora APU. Podia estar mais gente, verdade se diga, embora não fosse um fracasso. Em contrapartida, em Reguengos de Monsaraz, autarquia do PS, a assistência é vasta apesar da canícula e de ser hora do almoço.

E continuam as multidões, da parte da tarde, no Escoural, onde houve uma romagem, após o comício, ao cemitério onde estão as campas de Caravela e Casquinha, os jovens operários agrícolas assassinados, em 1979, quando defendiam a Reforma Agrária, e também em Vendas Novas e por último em Évora, no pavilhão do Rossio de S. Brás.



Mourão

Por toda a parte se sente o descontentamento que não está apenas circunscrito ao eleitorado da APU. Por mais de uma vez surgem pessoas que se identificam como antigos eleitores de outros partidos a dizerem que o seu sentido de voto desta vez será diferente.

No fim do comício de Évora, os jornalistas que acompanham a campanha, durante uma breve troca de palavras com Álvaro Cunhal confessam-se cansados e interrogam-se como o dirigente comunista consegue aguentar. Nessa noite, mercê da mudança da hora, é possível dormir mais uma hora.

De Vila Viçosa ao Montijo

É o último dia, domingo, da longa caminhada pelos distritos ao sul do Tejo. A deslocação ao Alentejo não constitui um marcar



Amareleja

presença. Pelo contrário, a convicção é de que será possível aumentar ainda a votação e mesmo o número de deputados. Os comícios e paragens efectuados parecem indicar tal eventualidade.

A primeira paragem é em Vila Viçosa, junto ao mercado, com uma assistência numerosa que parecia dispersa em virtude de procurar as sombras, que a manhã estava quente e o sol de rachar. Estamos na região dos mármore, actividade importante para o concelho e também, para Borba, que foi a paragem seguinte, e que do Governo não tem merecido a menor atenção para que se modernize e obtenha nova tecnologia.

Na Avenida do Povo, em Borba, a multidão já não causa surpresa, tão habituados estamos a

que surja em todos os locais. Como novidade Álvaro Cunhal sobe à camioneta que serve de palco com uma abóbora-menina, mogango, como aqui se diz. Oferecera-lhe um agricultor que lhe disse apenas: **Eu sou um pequeno rendeiro.**

É pretexto para falar da adesão à CEE, tanto mais ruínoza quanto agora, ao contrário dos acordos, nos obrigam a pagar mais do que vamos receber no período de transição. Ou seja, como refere Álvaro Cunhal, Portugal ainda tem de pagar pelo grande favor que os países da CEE nos fazem ao virem concorrer com a nossa agricultura e a nossa indústria.

Santo Aleixo, freguesia PS, é a primeira localidade do distrito de Portalegre. Os presentes avançam no diálogo. **Ninguém**

está contente, diz uma mulher nova, com uma criança ao colo. É desempregada. Um agricultor exclama por seu turno: Dizem que cada português deve centenas de contos ao estrangeiro. Mas afinal quem é que gastou esse dinheiro? Um outro, ainda, acrescenta: **Ouvi dizer que cada deputado ganha 100 contos. Para que ganha tanto se eu só ganho cinco de reforma.**

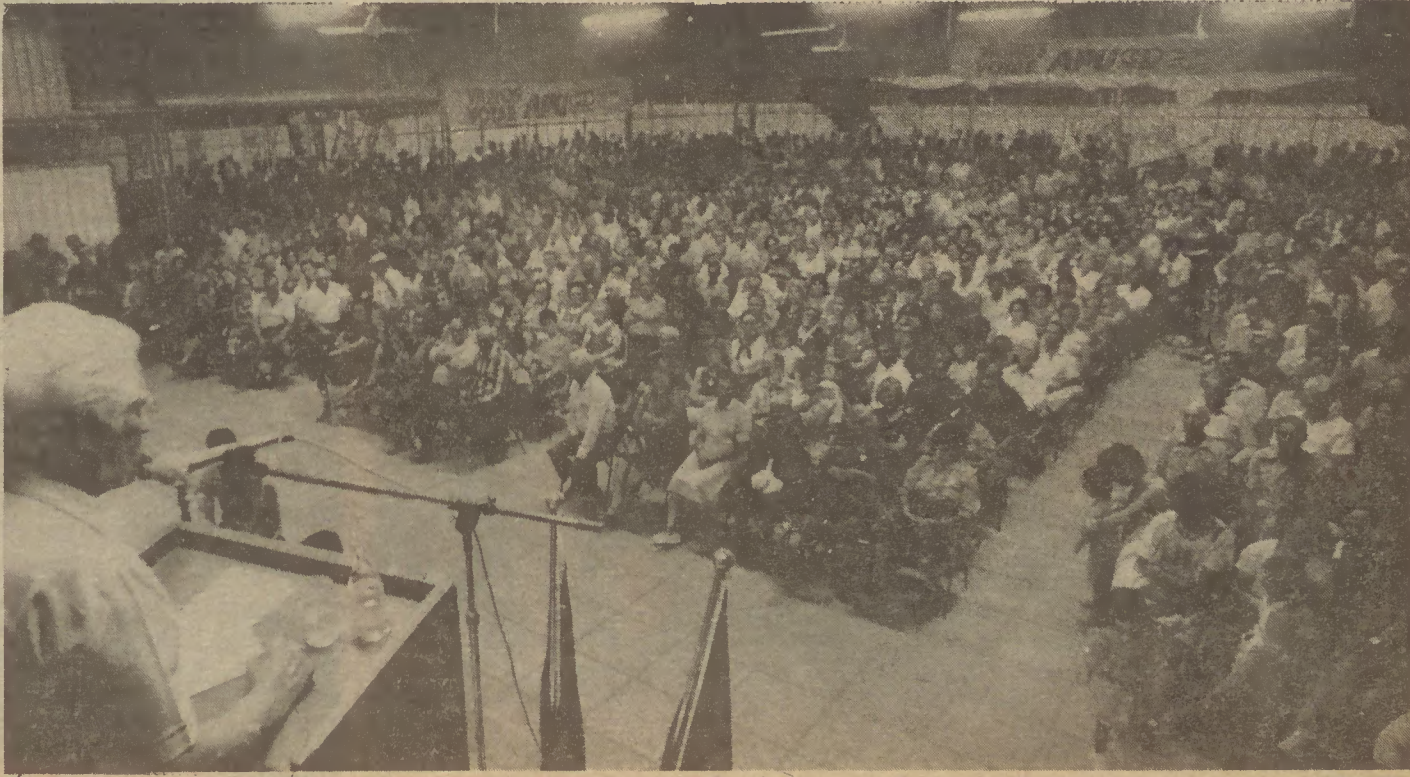
Álvaro Cunhal explica que toda a produção de cereais, vinho e azeite durante dois anos não é suficiente para pagar os juros da dívida externa. Quanto a quem o gastou, acrescenta, não foram os trabalhadores. Esclarece que neste momento os bancos têm mais de 350 milhões de contos em empréstimos aos grandes capitalistas e que já não contam recebê-los. Estes capitalistas, refere ainda, não metem este dinheiro ao bolso porque o bolso não chega para tanto dinheiro, mas metem-no no estrangeiro.

A partida da caravana, as mulheres protestam: **Agora aumentaram-nos a quota da Casa do Povo para 908\$00 por mês e se não pagamos (como vamos pagar se estamos desempregados) lá se vai a reforma e a assistência.**

Em Elvas, no Centro Popular dos Trabalhadores da Boa Fé realiza-se um almoço-convívio com algumas centenas de pessoas e logo a caravana segue para Santa Eulália, no caminho de Portalegre. No café do largo onde decorreu o comício, um homem comentava: **Devemos res-**



Aldeia de Palheiros



Évora

PCP

... muita confiança!

peltar todos, mas há uma coisa que me preocupa — deviam falar mais das reformas. É pedreiro, tem mais de cinquenta anos e viemos a saber, numa curta conversa, que apesar de não ganhar mal tem de sustentar os pais que têm uma reforma de miséria. Amanhã é a sua vez, sem a certeza de que os filhos, se acaso os tem, procedam da mesma maneira.

Em Arronches, onde a população enchia o largo principal as promessas dos partidos do Governo já não fazem fé. Em 1984, o ministro Rosado Correia disse que a escola local seria inaugurada em Outubro desse ano. Mais tarde Mário Soares disse que seria inaugurada em De-

zembro desse ano. Estamos em Outubro de 1985 e não há conhecimento de qualquer inauguração. Ali, as promessas foram chão que deu uvas...

A paragem seguinte foi no Bairro do Atalaião, em Portalegre. Para além das pessoas presentes via-se muita gente nas janelas e varandas. Também aqui houve promessas — arranjar a estrada de Portalegre a Estremoz que está em péssimo estado. É uma pequena promessa, diz Álvaro Cunhal, mas ainda há dias Almeida Santos, em Trás-os-Montes prometeu uma estrada de Bragança a Beja, se calhar passando por Portalegre. Como se pode acreditar nas promessas de resolverem tudo

quando até agora não resolveram nada.

Cada vez a caravana se atrasava mais, com a agravante de que a partir de agora as distâncias eram maiores. E em Montargil se ainda era possível a surpresa, ela sucedeu face ao mar de gente que enchia as ruas. Poucos foram os que ficaram em casa. Era a inauguração do Centro de Trabalho do PCP, resultante do trabalho voluntário de grande parte da população e de ofertas. Uma exigência, apenas; só seria inaugurado com a presença do secretário-geral do PCP. Antes do comício respeitou-se um minuto de silêncio pelo falecimento de um dos camaradas que bastante contribuiu

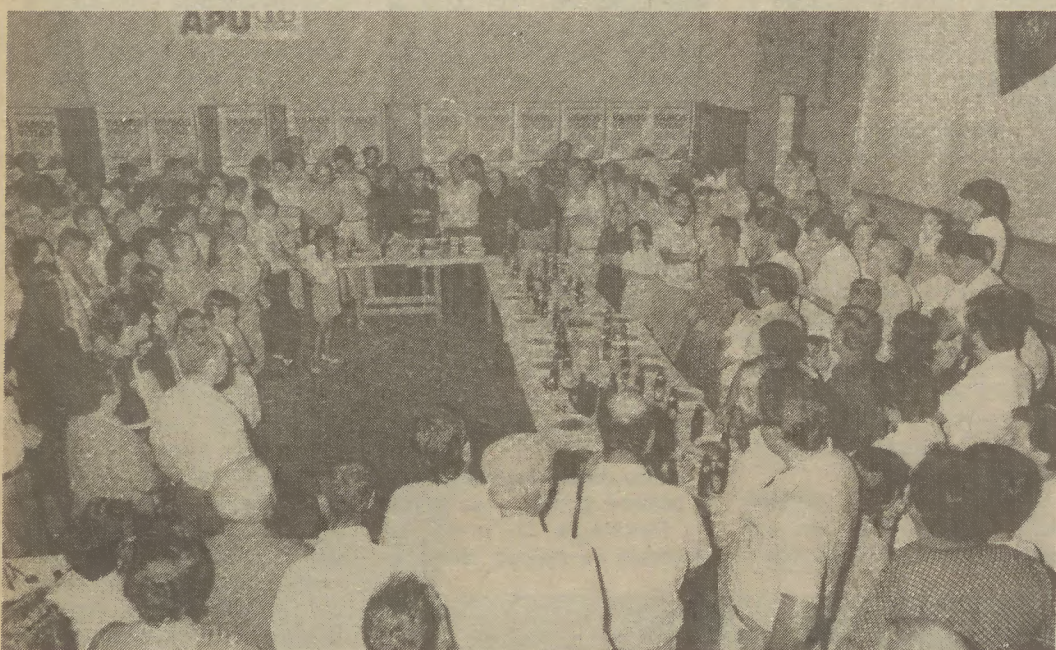
para erguer aquela casa, José Campino Silva, 55 anos, pedreiro, que falecera na véspera vítima de uma trombose.

Em Alcochete, o jantar APU foi antes um romper a multidão numa extensão de quase trezentos metros. Não houve tempo sequer para comer qualquer coisa. Após uma breve alocução e a caravana já estava a caminho do Montijo, etapa final, onde chegou com mais de uma hora de atraso.

Atraso que não foi suficiente para desmobilizar a multidão que enchia a Praça da República e onde a juventude estava em força agitando bandeiras da APU. Era a crista da onda da maré que vinha já desde o Algarve.



Ourique



Elvas



Vendas Novas



Santa Luzia



Sobral da Adiça



Escoural



Odemira

PCP

Álvaro Cunhal no Seixal e Barreiro Querem multidões? Andem com a APU!

Vai ali! Não vês a cabeça branca? Ia lá. E lá ia, quase ao colo da multidão que primeiro o submergiu em abraços, depois se organizou a seu lado e em caudal quase até ao fundo da rua, fluindo de mansinho e gritando bem alto as razões da APU. Estava-se no concelho do Seixal, na quarta-feira da semana passada, eram 18.45 e Álvaro Cunhal havia iniciado 15 minutos antes, com uma visita à Central Elevatória da Cruz de Pau, a jornada que nesse dia culminou com um espantoso comício no «Largo 3 de Maio», Alto do Seixalinho, no Barreiro. Já lá iremos. Por enquanto estamos à procura do secretário-geral do PCP numa rua da Cruz de Pau.

Era uma rua larga e comprida, que fazia tangente ao gradeamento da Central Elevatória. Aí estava a multidão comprimida contra as grades, agitando bandeiras, gritando *slogans*, esperando pacientemente — o que parece um contra-senso, mas não é: a impaciência gera-se com os atrasos e Álvaro Cunhal prima pela pontualidade.

Às 18.45 transpôs o portão do gradeamento e foi literalmente «engolido» pela multidão. Foram uns primeiros minutos de redemoinho, onde já não se sabia muito bem onde parava o secretário-geral do PCP e muito menos se fazia ideia para onde evoluiria aquele turbilhão. Mas eis que a tempestade amaina como se óleo fosse por ali derramado (e perdoem-nos as referências náuticas, mas parecem-nos as mais apropriadas), e Álvaro Cunhal «emerge» à cabeça de uma manifestação que só não foi grandiosa para a Televisão, porque lá não pôs os pés (surgiria mais tarde no Barreiro, para uma curiosa cobertura do comício. Também já lá iremos).

Havia gente em autocarros apinhados arrumados ao passeio, automóveis em bicha de espera, janelas abertas em todos os prédios: assistiam à passagem do desfile, apontavam com grande excitação a tal «cabeça branca» facilmente localizável na multidão que, entretanto, ia engrossando em direcção ao local do comício. Uma senhora, sentada à janela de um autocarro, contrastava com a animação geral dos seus companheiros de viagem e meneava a cabeça com pretensa ironia, mas quando Álvaro Cunhal lhe passou ao lado, esbugalhou os olhos quanto pôde para não perder pitada. Alguns travavam o caminho do visitante para um cumprimento mais pessoal e Álvaro Cunhal tinha de se multiplicar para curtos diálogos em andamento e resposta aos cumprimentos que vinham da multidão movendo-se nas margens do desfile. Desembocaria tudo no largo onde estava montado o palco e quando Álvaro Cunhal, acompanhado pelo presidente da Câmara do Seixal (que o recebeu à chegada à Central Elevatória), subiu para o estrado, já o largo estava pejado de gente. «E mais é num dia de semana, a uma hora em que as pessoas vêm aí pelas estradas de regresso a casa!», comentava um seixalense de cinco costados, transbordando orgulho pela sua «terra APU». Estava, de facto, muita gente.

Desenganam-se
Se a presença de Álvaro Cunhal na Cruz de Pau (e nos

ponto de o auditório intervir, recordando esta ou aquela situação, como aconteceu no comício da Cruz de Pau quando uma voz se ergueu para gritar: «E a situação nos transportes marítimos?» (como é seu hábito, Álvaro Cunhal respondeu de imediato à interpelação, afirmando que «já lá vamos!», o que fez após terminar o que estava dizendo sobre o afundamento,

microfone a quem queria dizer de sua justiça e a todos dando resposta clara, incisiva. A partida para o Alto do Seixalinho foi feita com a multidão a acompanhar durante vários metros a viatura onde seguia o orador.

E estamos no largo «3 de Maio»/Alto do Seixalinho. Quem viu a reportagem da Televisão não deu conta de nove décimas partes da multidão que lá estava,



E eis que Álvaro Cunhal «emerge» do redemoinho, à frente de um cortejo na Cruz de Pau



A imensa multidão do comício do Barreiro perdia-se na noite

outros locais da jornada de quarta-feira) desencadeou a onda de entusiasmo que temos vindo a descrever, não é menos verdade que o calor das multidões se encaminhou sempre, e rapidamente, para o acompanhamento das questões políticas colocadas pelo secretário-geral do PCP. Desengane-se quem espera assistir nestes encontros ao espectáculo de feira, ao discurso fulminante, à exibição do líder. E ao chover de promessas temperadas com chavões de bota-abaiço. Se impressiona o evidente carinho das multidões por Álvaro Cunhal, mais notável se torna a sintonia que, com ele, todos os auditórios estabelecem à volta das questões concretas e da sua apreciação política, através do discurso do secretário-geral do PCP.

Discurso que toma sempre em conta a realidade dos locais onde é proferido, enquadrando os problemas específicos no quadro mais geral da política ruinosa do Governo PS/PSD. A

pelo Governo, da Siderurgia Nacional).

A velhinha?!...

Depois da Cruz de Pau rumou-se para o Barreiro, já o sol se escondia, o que não impediu que nova multidão aguardasse o visitante na rua do CT de Santo António da Charneca. Foi breve, a paragem — o suficiente para uma visita rápida ao Centro de Trabalho, dois dedos de conversa à volta de uma bica e novo cortejo a pé rumo à «Cidade do Sol», urbanização nova onde a demagogia dos governos de direita lançou uma data de gente retornada das ex-colónias, deixando-a a seguir a braços com graves dificuldades. A Câmara do Barreiro é que teve de lançar mão ao bairro, dando-lhe condições de habitabilidade.

Foi curiosa, a intervenção de Álvaro Cunhal na Cidade do Sol. Falando através do microfone de um carro de som, o seu diálogo com a população fez-se quase à média luz e com o secretário-geral do PCP completamente rodeado de gente, estendendo o

nem se apercebeu que todas as janelas de todos os prédios que circundam a praça se encontravam engalanadas com colchas e a transbordar de gente, nem apreciou um segundo cordão de ouvintes encarrapitados nas elevações que circundam a praça.

Quem viu tal reportagem ficou apenas com uma breve «fatia» dos espectadores, um excerto da intervenção de Álvaro Cunhal e a presença, por duas vezes, de uma velhinha que se chegou ao palco para ser cumprimentada por Álvaro Cunhal, banalidade que o repórter de serviço achou azada para uma charada que ninguém, a não ser eventualmente ele próprio, percebeu. Dizia ele: «Reparem bem nesta velhinha», e repetiu a sua «descoberta» também no fim da «reportagem», voltando a mostrar a senhora...

A grandiosidade do comício do Alto do Seixalinho era de tal ordem que Álvaro Cunhal não resistiu à ironia, afirmando que se Mário Soares desafiava o PCP e a APU a «juntar tanta gente» como o PS o fez no campo de treinos do Bessa, o Barreiro, por si só, dera-lhe a resposta.

Uma resposta que, com grande veemência, soube dizer que «assim se vê a força da APU», numa adaptação espontânea do célebre *slogan* «Assim se vê a força do PC». A subtileza não escapou ao secretário-geral do PCP, que chamou a atenção para ela e concluindo que, na verdade, a APU estava em maré cheia, como, de resto, também foi afirmado com grande entusiasmo por António Galhordas, do MDP/CDE, que interveio antes de Álvaro Cunhal.

Era capaz de não estar longe da razão aquele amigo que gritava a nosso lado: «Querem multidões? Andem com a APU!».

Paulo de Carvalho no Alvalade

Lugar de encontro, de cultura, de arte, de convívio, o cinema Alvalade vai ter, nestes últimos dias de campanha, muito ainda para mostrar, muito que contar, muito que partilhar com todos os que por lá têm passado. Cinema, convívio, colóquios, teatro. E o espectáculo a encerrar este ciclo, com a actuação de Paulo de Carvalho, que é já amanhã, no Espaço Salão, às 21.30 horas. Mas vamos ao programa todo:

Quinta-feira, 3

Espaço Salão

Cinema, às 14.15, 17.00, 19.00, 21.30 horas — «Fanny e Alexandre», Real. Ingmar Bergman.

Café Encontro

23.00 — Convívio dos artistas participantes.

Forum

18.30 — Colóquio sobre Cinema e a Juventude.

Sexta-feira, 4

Espaço Salão

21.30 — Espectáculo com Paulo de Carvalho e a sua Banda.

Café Encontro

23.00 — Encontro com os artistas do Grupo de Teatro de Campolide.

Forum

18.30 — Colóquio organizado pelo sector público.

Sessões de Cinema

Dia 8 (Terça-feira), às 14.15, 16.30, 19.00, 21.30: «Jogos de Guerra», real. John Badham.

Dia 9 (Quarta-feira), às 14.15, 16.30, 19.00, 21.30: «O Cla- rim da Revolta», real. Harold Becker.

Dia 10 (Quinta-feira), às 14.15, 16.30, 19.00, 21.30: «Nuclear? Não, obrigado!», real. Danny Goldberg, Anthony Potenza e Julian Schlossberg.

Dia 11 (Sexta-feira), às 14.15, 16.30, 19.00, 21.30: «Diário Íntimo», real. Marta Mészáros.

Alentejo e Ribatejo votam pela Reforma Agrária

O Secretariado das UCP's/Cooperativas do distrito de Évora dirigiu recentemente um apelo à população do distrito no sentido de que o seu voto constitua uma contribuição para defender e prosseguir a Reforma Agrária.

Tornado público em comunicado dirigido aos trabalhadores da região, o apelo salienta que a Reforma Agrária está «particularmente interessada nas próximas eleições» e que, por isso mesmo, «empenhar-se-á para que elas correspondam às necessidades dos trabalhadores, para que se confirme nas urnas o sentido da luta travada em defesa das UCP's/Cooperativas, pela demissão do Governo PS/PSD, por um governo democrático».

Comentando o facto de os cabeças de lista do PS e do PSD pelos círculos de Évora e Beja serem respectivamente António Barreto e Álvaro Barreto, duas figuras que se evidenciaram pela condução de uma política que se caracterizou pelos sistemáticos ataques contra a Reforma Agrária, o Secretariado afirma que ambos surgem como candidatos que «servem os grandes agrários mas não servem, certamente, aos trabalhadores rurais e aos pequenos agricultores».

Porquê? Basta recordar o facto de António Barreto ser o

«principal artífice da Lei 77/77», famigerado diploma que tem servido de pretexto legal para a «cruzada» contra a Reforma Agrária e de ser, igualmente, «um dos maiores responsáveis por um dos períodos mais negros de repressão que viveu o Alentejo depois do 25 de Abril».

No que diz respeito a Álvaro Barreto, recorda o Secretariado de Évora, este dirigente do PSD «desenvolve claramente uma política em benefício dos grandes proprietários e intermediários», conduta de que não nos devemos admirar se se recordar que tinha em mãos uma nova lei contra a Reforma Agrária claramente inconstitucional e «uma nova lei do arrendamento rural, altamente lesiva dos direitos e estabilidade dos rendeiros» que só não foi por diante graças à luta corajosa e decidida do proletariado rural do Alentejo e Ribatejo.

«O voto dos trabalhadores da Reforma Agrária deve estar de acordo — frisa por último o Secretariado das UCP's/Cooperativas — com as lutas que têm travado, com as reivindicações que têm formulado». Óbvio que seja, pois, um «voto certo para defender e prosseguir a Reforma Agrária».



Festa da Liberdade, nos Olivais, em Lisboa: uma iniciativa de convívio com tradições na capital. Na foto, aspecto do comício com Octávio Pato

A campanha analisada pelo PCP

APU com confiança PS e PSD com descaramento e promessas

Em conferência de imprensa realizada na passada segunda-feira, no seguimento da reunião da Comissão Política do CC do PCP, o camarada Carlos Brito deu conta da apreciação feita por aquele organismo executivo do Comité Central sobre o desenrolar da campanha eleitoral da APU e sobre a campanha levada a cabo pelos partidos que ainda partilham as responsabilidades no Governo demitido.

Sublinhando o «grande entusiasmo» em que se desenvolve a campanha APU, Carlos Brito salientou o facto de esta privilegiar «o contacto directo com o povo, a prestação de contas do mandato dos deputados e o debate dos problemas e das soluções».

«A campanha da APU», afirmou, «caracteriza-se por uma grande receptividade e adesão por parte das populações, em particular, por parte dos trabalhadores, dos jovens, mulheres e dos desencantados de outros partidos, e as suas iniciativas têm uma afluência e uma participação significativamente superiores às das campanhas anteriores».

«A campanha da APU», disse ainda Carlos Brito, «tem decorrido num clima de grande serenidade e confiança em diálogo aberto com o eleitorado, quer com o que já antes votou APU, quer com o que tem votado noutros partidos.»

Apagar responsabilidades

Falando depois sobre as campanhas dos partidos do Governo, o dirigente comunista salientou a tentativa destes para «apagarem as suas pesadas responsabilidades na grave crise económica, social, política e cultural a que conduziram o País».

Carlos Brito salientou, por outro lado, a tentativa dos mesmos

partidos de «deturparem a natureza e os objectivos das eleições e a personalização da campanha, procurando inculcar no eleitorado a fatalidade da escolha entre duas políticas iguais» e, ainda, «a tentativa de através de descaradas mentiras e promessas que não pensam cumprir, incluindo as mais inverosímeis, pretenderem fazer esquecer uma acção governativa que lesou os interesses de todas as camadas da população à excepção de um punhado de exploradores do nosso povo.»

«Destes traços se pode concluir», salientou ainda a Comissão política do CC através daquele seu membro, «que se os partidos do Governo demitido — PS e PSD — voltassem a governar juntos ou separados, continuariam a realizar exactamente a mesma política com as mesmas desastrosas consequências para o nosso povo e o nosso País.»

«Em relação ao PS, que se tem desculpado com a coligação e as imposições do seu parceiro, esta conclusão é explicitamente confirmada pelo Programa Eleitoral do Partido Socialista que retoma em todos os aspectos mais graves a política do Governo PS/PSD o que constitui um verdadeiro programa de desestabilização económica, social e institucional.»

A este propósito, um documento distribuído na mesma conferência de imprensa sobre o programa eleitoral do PS se su-

vas, e confirmam, como o PCP tem afirmado, que PS e PSD não só compartilham as responsabilidades em relação à política passada mas que têm os mesmos objectivos em relação ao futuro».

Foi afirmada entretanto a confiança do PCP de que a gestão honesta, eficaz e competente da APU será defendida e que estas coligações serão derrotadas.

O abuso de poder, as ilegalidades, as violações da liberdade e em particular a manipulação de sectores da comunicação social com destaque para a Televisão, foram também denunciados pela Comissão Política do CC que acusou os partidos governamentais e em particular o PS destas ilegalidades e abusos para procurar compensar a nítida perda de apoio social e político.

Os casos de abuso, por parte de Mário Soares que, invocando fraudulentamente a sua qualidade de Primeiro-Ministro para obter cobertura adicional da RTP e de outros meios de comunicação social, deles se serve para a campanha eleitoral, os casos de utilização ilegal de publicidade comercial e os actos de descarada manipulação da RTP a favor dos partidos do Governo foram apontados durante o encontro com a imprensa.

Por fim, a Comissão Política concluiu manifestando a certeza de que «o povo português não esquece a dura experiência destes últimos nove anos de política de direita e especialmente dos dois últimos anos do Governo de Mário Soares e que por isso vai penalizar o PS, o PSD e o CDS pelas graves dificuldades que o País atravessa e vai manifestar o seu apreço e o seu apoio à coerência e às provas dadas pelos partidos da APU e propostas de um novo rumo no caminho de Abril».

Uma campanha entusiástica com a força do Povo

• Iniciativas em todo o País



Um domingo diferente num jardim portuense

para o País, de novas Pides e de venda de Portugal ao imperialismo».

Mais adiante, Ângelo Veloso fez uma vigorosa e persistente denúncia da situação na Comunicação Social, da sua instrumentalização pelo PS e PSD, ao serviço da mistificação das realidades, onde estes partidos escondem as suas responsabilidades através de uma constante campanha de desinformação, alienação e demagogia. Sublinhou-se a situação na TV e em

tura assumida pelos candidatos da APU no distrito do Porto e da necessidade da formação de um governo patriótico de salvação nacional. Concluiu em seguida da urgência do reforço da votação na APU, da urgência do esclarecimento de todos os trabalhadores que votaram no PS e no PSD e que agora se encontram indecisos, dizendo que «os partidos são todos iguais e o que querem é o poleiro». Há que lhes mostrar como «a APU é diferente, como agora chegou a vez de votar APU».

dena no Porto, a APU apresentou no último domingo o painel «Porto/Fragmentos», elaborado com a colaboração de 54 artistas plásticos da cidade do Porto, entre os quais se encontravam nomes conhecidos como Albuquerque Mendes, Alvaro Lapa, Ângelo de Sousa, Armando Alves, Graça Martins, Henrique Silva, Jaime Azinheira, Jaime Isidoro, José Rodrigues e Rodrigo Cabral, entre muitos outros. Este painel foi oferecido à coleção do futuro Museu de Arte Moderna do Porto num jantar de confraternização de intelectuais apoiantes da APU no Mercado Ferreira Borges, no Porto. Ao fundo, o painel elaborado com a colaboração de 54 artistas plásticos da cidade, oferecido ao futuro Museu de Arte Moderna do Porto

sessão, com a actuação do quarteto de António Pinho Vargas, intervieram o camarada Óscar Lopes, candidato a deputado pelo distrito, e o camarada Edgar Correia, da Comissão Política do CC do PCP.

O camarada Edgar Correia referiu que neste momento «já não temos dúvidas — e o próprio andamento da campanha tem-no confirmado — que mesmo em condições que limitam profundamente a democraticidade das eleições, a política de direita seguida nos últimos nove anos irá



Jantar de confraternização de intelectuais apoiantes da APU no Mercado Ferreira Borges, no Porto. Ao fundo, o painel elaborado com a colaboração de 54 artistas plásticos da cidade, oferecido ao futuro Museu de Arte Moderna do Porto



Porto: durante um encontro com José Saramago e Óscar Lopes

demagogia eleitoral de Cavaco Silva e Almeida Santos: «Como estamos em eleições, todos eles voltam a prometer mundos e fundos, com grande descaramento. Parecem aldaibóres de feira.» Denunciaram-se igualmente as alianças do PS e do PSD nas eleições autárquicas para tentar bater a APU: «Podemos estar certos que o tiro lhes vai sair pela culatra e que a APU vai deltar por terra as alianças dos reacionários e onde ainda não as têm, vai mesmo conquistar maiorias absolutas.» Dos partidos de direita se disse que «o que eles oferecem é a mesma política de miséria para o povo, de desastre

fraternização dos intelectuais apoiantes da APU, na cidade do Porto, que reuniu no Mercado Ferreira Borges cerca de 500 personalidades, homens e mulheres da cultura que assim reafirmaram o seu apoio à APU nesta importante batalha eleitoral.

Por último, Ângelo Veloso falou do compromisso de candida-



Distribuição de propaganda da APU à porta da Efanor, na zona do Porto, durante a saída de um dos turnos

Oferta ao futuro Museu de Arte Moderna do Porto

Em apoio da instalação e abertura do Museu de Arte Mo-

sofrer uma importante derrota. Que o resultado das eleições irá traduzir uma significativa deslocação do eleitorado para o campo democrático (para o PCP e a APU e para o PRD). E que estarão criadas condições mais favoráveis para a viabilização ulterior de uma alternativa democrática. Por outras palavras. Com a de-

antes havia enviado 500 GNR's contra os trabalhadores da Reforma Agrária, deixa ver, desde logo, como o PSD e os seus dirigentes resolveriam os problemas da agricultura se os eleitores lhe não barrassem o acesso ao poder no dia 6 de Outubro.

«Mário Soares, Almeida Santos e o PS, estão de igual modo atolados na mentira e na demagogia. De facto, só por ironia, podem os responsáveis do PS com as graves responsabilidades que têm conjuntamente com o PSD e o CDS, no estado de pobreza e atraso a que os portugueses e o País chegaram, vi-rem agora como se nada tivessem a ver com a situação, declarar-se em "guerra" contra a pobreza e a corrupção, o atraso, a intolerância e a ignorância.



Candidatos e activistas da APU em contacto directo com as populações, em todos os locais. Distribuir documentos, ir ao encontro do debate — numa palavra, dar força a um grande esforço de esclarecimento para a garantia da vitória democrática em 6 de Outubro

missão do Governo Mário Soares PS/PSD, a dissolução da Assembleia e a marcação de eleições, é um ciclo político que se aproxima do fim: o ciclo da ofensiva contra as conquistas do 25 de Abril que teve como suporte a coligação do PS com o PSD, com o apelo mais ou menos expresso do CDS».

Por sua vez, Óscar Lopes, depois de dizer que «a luta por uma democracia consequente (...) tem sido sempre por nós considerada como inseparável da expansão cultural, da afirmação do rigor cultural» e de referir o importante papel que associações culturais do Porto desempenharam na luta contra o fascismo e na defesa da democracia, falou dos compromissos eleitorais dos candidatos da APU no terreno cultural, referindo os projectos da criação da Faculdade de Direito no Porto, a aquisição do Teatro de S. João, conjugada com a criação de companhias portuguesas de bailado e ópera, a recuperação da obra-prima do barroco que é o Palácio do Freixo, a instalação definitiva do Museu da Literatura, de um Centro Nacional de Música, de um Museu de Arte Moderna, dum Museu do Trabalho Industrial e de um Museu Mineiro em S. Pedro da Cova.

Face ao avolumar de promessas que não são cumpridas — comentou o candidato da APU — manifesta-se no País e na região de Castelo Branco uma tendência de muitos eleitores já cansados dessa política demagógica. «A prática política do PS», sublinhou, «já demonstrou que as suas mudanças são para pior e cedências à política de direita uma constante». Falando ainda das atitudes do PS de Mário Soares/Almeida Santos, o camarada Gascão Nunes afirmou que o regresso do tradicional cabeça de lista do PS pelo distrito não teve o efeito tira-nódoas que este partido esperava.

Sobre a seriedade ou não das forças políticas, Gascão Nunes falou na sua intervenção sobre as promessas eleitorais do PS, PSD e CDS por um lado, e do trabalho desenvolvido pelos eleitos da APU, por exemplo, nas 55 Câmaras Municipais onde detém a presidência.

Açores: APU encheu o Micaelense

Na Região Autónoma dos Açores, a Aliança Povo Unido promoveu uma campanha eleitoral com dinamismo e vivo entusiasmo. Símbolo desse empenhamento, o comício-festa realizado no passado dia 26 em Ponta Delgada encheu por completo a maior sala da ilha de S. Miguel: o Teatro Micaelense. Ali se viveram momentos vibrantes, numa afirmação democrática de especial significado político. Iniciativa coroada de êxito, este comício-festa da APU registou as intervenções de Paula Reis, que falou sobre problemas da juventude; e de Deco Mota, cabeça de lista da APU pelos Açores, mem-

bro do Comité Central e responsável da Organização do Partido nesta Região Autónoma.

O espectáculo foi preenchido pelas actuações de Paulo de Carvalho, Manuel Ferreira, artista açoriano, e ainda dos cantadores populares Manuel de Sousa e Adelino de Sousa.

Castelo Branco: Iniciativa em Penamacor

«Esta vez» há muita gente que no distrito de Castelo Branco vai mesmo votar APU em 6 de Outubro — esta a convicção do cabeça de lista «Povo Unido» por aquele círculo, Gascão Nunes, numa recente intervenção em Penamacor, numa iniciativa da APU realizada na Casa do Povo local.

Face ao avolumar de promessas que não são cumpridas — comentou o candidato da APU — manifesta-se no País e na região de Castelo Branco uma tendência de muitos eleitores já cansados dessa política demagógica. «A prática política do PS», sublinhou, «já demonstrou que as suas mudanças são para pior e cedências à política de direita uma constante». Falando ainda das atitudes do PS de Mário Soares/Almeida Santos, o camarada Gascão Nunes afirmou que o regresso do tradicional cabeça de lista do PS pelo distrito não teve o efeito tira-nódoas que este partido esperava.

Sobre a seriedade ou não das forças políticas, Gascão Nunes falou na sua intervenção sobre as promessas eleitorais do PS, PSD e CDS por um lado, e do trabalho desenvolvido pelos eleitos da APU, por exemplo, nas 55 Câmaras Municipais onde detém a presidência.

Octávio Pato nos Olivais

«O que se sente e se respira por todo o lado é um grande apoio e uma grande receptividade às posições da APU» — são palavras de Octávio Pato, membro da Comissão Política e do Secretariado do Comité Central do PCP, durante a sua intervenção na 9.ª Festa da Liberdade, realizada no último fim-de-semana no Vale do Silêncio, em

PCP

Campanha da APU



Lisboa. Nesta iniciativa já tradicional, promovida pela organização do Partido nos Olivais, foi apresentado ao povo da grande freguesia lisboeta o cabeça de lista da APU para a AF local nas próximas eleições autárquicas: **Rui Godinho**, vereador na Câmara Municipal de Lisboa. Além de Octávio Pato e de Rui Godinho, que se referiu aos problemas da freguesia, a Festa da Liberdade registou também intervenções de membros do PCP e da JCP dos Olivais.

Voltando à intervenção do dirigente comunista, e candidato por Lisboa, é de salientar por um lado o tom de optimismo retirado da intensa acção da APU junto das populações e da receptividade

firmação de um optimismo quanto aos resultados eleitorais no distrito de Lisboa: «Estamos confiantes que a APU será a força mais votada nas eleições de 6 de Outubro».

Espaço de convívio e de animação, a Festa da Liberdade incluiu uma manhã infantil, a presença viva da juventude e um espectáculo em que a principal intervenção esteve a cargo de Fernando Tordo.

José Casanova na Amadora

«A coligação PS/PSD para as autárquicas, na Amadora e

Zita Seabra em Albergaria-a-Velha

Numa sessão de esclarecimento realizada em Albergaria-a-Velha, Zita Seabra, da Comissão Política do CC do PCP e cabeça de lista da APU pelo distrito de Aveiro, leu aos presentes um excerto das declarações de Almeida Santos reproduzidas no Jornal de Notícias de 26, onde se transcreve a afirmação do dirigente socialista: «Num mês de Governo, acabo com os salários em atraso».

A dirigente do PCP comentou pormenorizadamente esta afirmação e recordou:

«Só aqui, no distrito de Aveiro, existem 4000 trabalhadores de cerca de 50 empresas com salários em atraso. Ora, nem o dr. Almeida Santos nem o dr. Mário Soares resolveram este gravíssimo problema social durante mais de dois anos de governo! Desta afirmação do dr. Almeida Santos só podem resultar duas hipóteses: ou se trata de mais uma falsa promessa para enganar os eleitores ou o que o PS pretende é acabar com os salários em atraso mandando para o desemprego os trabalhadores nestas condições. Ou seja, pretendem curar a doença matando o doente».

Zita Seabra salientou que muitos trabalhadores da Casal, Frapil, Handy, Nova Vouga, Marialva e Saceh não irão aceitar mais falsas promessas. «Eles votaram no PS nas últimas eleições convencidos que iriam votar na solução dos seus problemas mas já não acreditam nesse partido. E é por essa razão que o dr. Almeida Santos sentiu necessidade de fazer uma atabalhoada conferência de Imprensa que imediatamente teve honras de primeira página nos jornais».

A cabeça de lista da APU recordou então que o patronato do distrito deve milhares de contos aos trabalhadores, deve mais de 3 milhões à Previdência, deve ao Fundo de Desemprego, aos sindicatos.

«Entretanto — acrescentou — há trabalhadores ameaçados de ficarem sem casa porque não pagam a renda, trabalhadores a quem os pequenos comerciantes já não podem fiar mais tempo pois arriscam-se a ir parar à falência, enquanto o Governo PS/PSD anda atarefado a arranjar bons negócios para os grandes patrões».

Zita Seabra referiu depois casos de compadrio, como o do patrão da Colep, de Vale de Cambra, que depois de ser organizador do almoço oferecido na localidade a Mário Soares recebeu milhares de contos a pretexto de alargamento das instalações, que nunca foram aumentadas; de Salvador Caetano, que teve um empréstimo de 600 mil por ir também ao almoço com Mário Soares; e ainda da Zina, de Oliveira de Azeméis, cujo patrão recebeu 6 mil contos e, em vez de pagar os salários em atraso, comprou novos carros.

A concluir, Zita Seabra disse: «O PS e o PSD são os responsáveis por estes e muitos outros casos. O povo tem agora a possibilidade de mudar o rumo do País e pôr ponto final ao compadrio e à corrupção, às promes-



Caravanas da APU apareceram um pouco por todo o lado, nas grandes cidades e nas pequenas aldeias

sas que estão a ser feitas por quem já provou que as não vai cumprir».

António Lopes em Guimarães

António Lopes, cabeça de lista da APU por Braga, e membro da Comissão Política do PCP, discursou na festa-comício realizada recentemente na cidade de Guimarães, com entusiástica participação popular. A dado passo, afirmou o dirigente comunista:

«A promessa do dr. Almeida Santos de que resolveria num mês os salários em atraso, caso fosse primeiro-ministro, é a afirmação mais acabada da hipocrisia que rodeia as promessas eleitorais do PS. Isto é, a fome e a dramática situação em que vivem milhares de trabalhadores e suas famílias, que mereceram do Governo PS/PSD o maior desprezo, o insulto, e mesmo a prisão de trabalhadores, são agora,

dente do MDP/CDE, foi o outro orador do comício de Guimarães.

Comício-festa em Bragança

Foi um êxito o comício-festa realizado na noite do passado dia 27 de Setembro pela APU na Escola Secundária da Fé, em Bragança, iniciativa que contou com a participação dos candidatos do «Povo Unido» por aquele círculo eleitoral transmontano.

Mais de 400 pessoas escutaram as canções de Manuel Freire e as intervenções de Leonel Veloso, comandante Eugénio Carvalheira, Carlos Moreno e Modesto Navarro.

O cabeça de lista da APU pelo distrito, Modesto Navarro, referiu vários aspectos da vida da região e os prejuízos que lhes foram causados pelo Governo PS/PSD com a cumplicidade dos presidentes das Câmaras do distrito, nomeadamente no encerramento de linhas férreas, na

«Embora sem ter ainda um deputado por este distrito, têm sido a APU, os deputados do PCP e do MDP quem até agora defendeu no Parlamento os interesses do Nordeste. Esta posição será reforçada quando o povo do Nordeste eleger em Bragança um candidato da APU». «A crescente confiança e interesse com que as populações da região nos ouvem, o clima de liberdade e confronto de ideias que já se vive no distrito são sintomas seguros de que a APU também neste distrito aumentará a sua votação».

Ainda em Bragança, é de salientar o enorme êxito que constituiu a recente festa-comício em Carvalhais, freguesia de maioria APU, durante a qual actuou o conjunto «Feeling» de Vila Real e as mini-caravanas e as visitas às feiras, as sessões de esclarecimento e comícios-festas nas principais localidades do distrito.

Odete Santos em Alfirim

Odete Santos, candidata da APU pelo distrito de setúbal, referiu numa sessão de esclarecimento realizada em Alfirim (Setúbal) que «segundo os dados oficiais, mais de 60 por cento dos desempregados são mulheres».

A candidata da APU acentuou que «com o desemprego e o consequente retorno da mulher a casa, renasce o trabalho a domicílio, muito mal pago, forma suprema de exploração, de que é exemplo mais dramático o caso das bordadeiras da ilha da Madeira».

Criticando a política seguida pelo Governo PS/PSD, política de degradação da situação das mulheres, do aumento dos seus problemas e angústias, de agravamento da sua discriminação e humilhação, Odete Santos recordou algumas iniciativas do grupo parlamentar do PCP que visaram melhorar as condições de vida das mulheres portuguesas, nomeadamente a lei do acompanhamento familiar das crianças nos hospitais, a lei da defesa da igualdade dos conjugues em acções que dêem origem ao despejo e a lei do acompanhamento da mulher durante o parto.

Odete Santos recordou ainda as leis da interrupção voluntária da gravidez, do planeamento familiar e educação sexual, da pro-



Ao peito um autocolante da APU

de com que são encaradas as propostas do «Povo Unido», que vai «subir substancialmente nas eleições», e por outro lado o «contraste» das outras forças que mostram «nervosismo» e «desespero não só pela falta de receptividade mas mesmo por sinais de repulsa que têm notado por todo o País».

Noutras passagens da intervenção de Octávio Pato, a desmontagem de duas situações características da actuação do PS, PSD e CDS. A primeira: personificando a campanha em torno de figuras centrais — «líderes» —, procuram «dar a sensação de que o que está em causa é a eleição de um Primeiro-Ministro e não de deputados, o que é uma mistificação que não é casual». De facto, as eleições de 6 de Outubro são ou não para eleger a futura Assembleia da República? A segunda «desmontagem»: Cavaco Silva grita aos quatro ventos que não haverá alianças com o PS, mas nos concelhos da Amadora, Vila Franca de Xira, Loures e outros, aí estão as coligações PS/PSD para combater a gestão democrática e honesta da APU.

Se quanto ao primeiro dos aspectos referidos, se salienta a deturpação e manipulação da opinião pública, o segundo soma outras duas «componentes»: tentam «vigiarizar» («esta é uma palavra difícil de dizer em política») o povo português e demonstram abertamente uma prova de fraqueza e de medo. Há, sem dúvida, «uma força crescente da APU nas 55 Câmaras em que tem a maioria». E, como acentuou o dirigente comunista, eles vão formar certamente outras coligações pois receiam que a APU em 15 de Dezembro vá ter novas maiorias em novas Câmaras e novas freguesias.

Uma referência final à intervenção de Octávio Pato: a con-

em outros concelhos de maioria APU, é a confirmação da grande fraude que suporta as campanhas eleitorais desses dois partidos; é a confirmação de que Almeida Santos e o PS e Cavaco Silva e o PSD mentem ao eleitorado, quer quando dizem que não se coligam, quer quando inundam o País de promessas que já sabem não irão cumprir» — afirmou José Casanova, membro da Comissão Política do PCP, numa sessão de esclarecimento promovida há dias na Amadora. O dirigente comunista falava para uma assistência interessada, na Sociedade Filarmónica, numa das múltiplas iniciativas da campanha eleitoral da APU.

José Casanova sublinhou que «as populações sabem que a coligação PS/PSD não traz consigo nada de novo nem de bom: «é uma aliança tristemente conhecida pelos desmandos que fez no Governo, é uma aliança já derrotada e, por tudo isso, condenada a nova e mais severa derrota na Amadora, em Loures e Vila Franca de Xira, na Azambuja. Por outro lado as populações sabem também que trabalho, honestidade e competência é igual a APU, sabem que a qualidade e quantidade de trabalho desenvolvido pelas Câmaras APU não tem comparação com a acção das Câmaras de maioria PS, PSD e CDS».

Acrescentaria a este respeito que «também no Poder Local eles são iguais e nós somos diferentes deles: eles são todos iguais no desrespeito pelos interesses da população, na prepotência, no compadrio, nas negociações e especulações de todo o tipo e nós somos diferentes deles e distinguimo-nos deles pelo trabalho, pela honestidade e pela competência. E pela verdade também».



A APU nas ruas de Lisboa: as bancas como forma de contacto, esclarecimento e mobilização

a uma semana do fim das eleições, possíveis de resolução num mês.

«Que julgamento se pode fazer do dito candidato a primeiro-ministro? Que confiança podem merecer as renovadas promessas do PS ao eleitorado senão a mais profunda desconfiança e repugnância?

«As promessas de último momento do PS são o reconhecimento da gravidade da situação social e económica do País, que sempre recusaram ver, é a tentativa desesperada de se salvar da derrota eleitoral que a sua política verificará nas próximas eleições de 6 de Outubro».

António Galhordas, vice-presi-

ocupação da região demarcada do Douro pelas multinacionais no âmbito da integração na CEE, e na destruição do plano siderúrgico nacional, que deixou praticamente paradas as minas de Moncorvo.

Modesto Navarro falou ainda do falhanço do plano de desenvolvimento rural integrado de Trás-os-Montes e Alto Douro.

A finalizar a sua intervenção, salientou que PS, PSD e CDS falam aos eleitores como se tivessem acabado de chegar à cena política, como se não tivessem qualquer responsabilidade em toda a situação criada ao País por nove anos de desgoverno e afirmou:

PCP



tecção da maternidade e paternidade, que nunca seriam possíveis sem a intervenção do PCP, para concluir que «as mulheres portuguesas têm razões para votar na APU, especialmente todas aquelas que na sua vida familiar, no trabalho e nas autarquias em que vivem já beneficiaram de medidas e iniciativas dos deputados do PCP e do MDP/CDE, já beneficiaram com a dedicação e competência dos eleitos da APU nas autarquias locais».

Carlos Costa na Póvoa do Varzim e em Penafiel

«Nesta campanha eleitoral, todos prometem. De repente, parece que passaram todos os partidos a querer o mesmo. Nós fazemos um apelo que nenhuma outra força política pode fazer: olhem para os actos de cada força política e não apenas para as promessas e palavras feitas na campanha eleitoral» — afirmou **Carlos Costa**, membro da Comissão Política e do Secretariado do Comité Central do PCP e cabeça de lista da APU pelo distrito do Porto, numa recente iniciativa eleitoral do «Povo Unido», na Póvoa do Varzim.

Acrescentou o dirigente comunista: «Verão facilmente que a APU é diferente. Numa situação de miséria e dificuldades no País, os deputados e membros do Governo votaram vultuosos aumentos dos seus vencimentos e regalias. Só nós votamos contra. Só os nossos deputados não beneficiam pelo facto de o serem. O excesso em relação ao que ganhavam na sua actividade profissional é dado ao Partido, para ajudar a sua luta, que é a luta dos trabalhadores e do Povo. Os eleitos nas autarquias dão esse excesso que recebem directamente a uma organização, a Associação dos Eleitos Comunistas e Outros Democratas (AECOD), que financia obras e realizações em benefício das populações. Aqui, no distrito do Porto, como em todos os distritos do País, há parques infantis e outras obras e melhoramentos que só foram possíveis com tais verbas. Nenhum outro partido poderia adoptar e levar à prática tal orientação. Pelo contrário, nos outros sectores políticos campeia a mais desenfreada corrupção.

«Nós não falamos das dificuldades dos trabalhadores, do desemprego e dos salários em atraso, dos contratos a prazo ou do trabalho sem contrato, do custo de vida e da falta de habitação, da falta de saúde, da degradação do ensino e dos dramáticos problemas da juventude apenas porque chegaram as eleições.

«Lutamos ao longo dos anos, sem descanso, contra os governos e as políticas que levaram a estes resultados. Fizemos conferências e encontros, publicámos livros e fizemos múltiplas declarações denunciando esta política e mostrando que é possível e necessária uma política alternativa.

«Os trabalhadores em luta encontraram-nos sempre ao seu lado e no seu seio de cada vez que tiveram problemas e procuraram resolvê-los. Eram comunistas boa parte dos dirigentes sindicais

que foram presos à porta do Primeiro-Ministro, Mário Soares, quando queriam expor os problemas das empresas, os abusos do grande patronato, as ameaças de despedimentos ou o drama dos salários em atraso. Eram comunistas e activistas da APU muitos dos que lutaram, nas empresas e nos campos, nas cidades, vilas e aldeias, nas autarquias ou nas organizações unitárias, para que fossem resolvidos problemas concretos. (...)»

Entretanto, intervindo no comício/festa realizado na escola primária n.º 3, em Penafiel, Carlos Costa começou por referir que os candidatos da APU assumem compromissos claros e concretos com o eleitorado e definem a ordem de prioridades dos problemas que resolverão se se concretizar a sua participação no Governo.

O dirigente comunista acrescentou: «Tal como o fizemos no passado, vamos honrar integralmente esses compromissos contidos no

zões porque votaram PS há dois anos e meio, nas esperanças que tinham, na alegria que tiveram por ver a «AD» derrotada. Pensem na aliança do PS com o principal partido da AD, fazendo assim com que os efeitos dessa derrota em grande parte não se concretizassem. Perguntem em que foi diferente a política do governo PS/PSD da política da AD e concluirão que em grande parte foi igual e em muitos aspectos agravou a política que há dois anos e meio foi rejeitada nas urnas.

Pensem nas constantes mentiras e reviravoltas do PS e em particular de Mário Soares (...). Vale a pena reflectir.

No distrito de Santarém

Nota saliente da campanha eleitoral no distrito de Santarém é o acolhimento favorável das



«compromisso de candidatura» especificamente ao povo do Porto, e no programa de máxima urgência da APU. O PS, PSD e CDS não poderão dizer o mesmo. Em 1983, o PS prometeu 100 medidas mas as que tomou apenas beneficiaram um punhado de capitalistas nacionais e estrangeiros. O PSD prometeu mundos e fundos e só trouxe miséria e fome. O CDS diz que o Estado é um monstro devorador da economia e do bem-estar dos portugueses mas quando chegou ao governo, em 1978 com o PS, havia 302 604 trabalhadores na administração central e agora há 500 000. De quem será a culpa?»

Noura passagem da sua intervenção o dirigente comunista salientou: «Quando apelamos ao voto na APU não dizemos: esqueçam o nosso passado. Também nisso somos diferentes. Dizemos: vejam a política que apresentamos para o futuro e dizem também: analisem o que fizemos e o que os outros fizeram no passado».

Carlos Costa dirigiu-se especialmente aos eleitores socialistas para afirmar: «Aos que votaram no Partido Socialista, queremos dirigir uma palavra muito especial. Pedimos-vos que pensem nas ra-

populações às propostas da Aliança Povo Unido para melhorar a vida na região e no País. Esta manifestação de confiança na APU também se evidencia nas zonas que até agora têm registado menor peso eleitoral do «Povo Unido» e com particular incidência nas camadas laborais e no conjunto dos estratos sociais mais afectados pela política do Governo PS/PSD.

Expressivo tem sido o apoio à APU de trabalhadores de empresas da região, como a MDF, do Tramagal, de agricultores que trabalham a terra e dos operários agrícolas que laboram nas UCP's da Reforma Agrária, nesta zona do Ribatejo.

O contacto directo com as populações tem sido ponto destacado da campanha, assinalando-se frequentemente a participação de grupos de centenas de pessoas nos debates espontâneos com os candidatos da APU. Por todo o distrito, tem sido comum o grande interesse das populações nas propostas da Aliança Povo Unido divulgadas através das iniciativas tipo «porta-a-porta».

Nos últimos dias, o quadro da campanha eleitoral da APU no distrito de Santarém incluiu a



Actores bem conhecidos do público em acção de distribuição de propaganda da APU em mercados de Lisboa

afirmação entusiástica dos plenários de trabalhadores de UCP's do concelho de Coruche e um diversificado conjunto de comícios e sessões com o cabeça de lista, **Dias Lourenço**, membro da Comissão Política do Comité Central, designadamente em **Glória do Ribatejo, Pombalinho, S. Miguel de Rio Torto e Rio Maior**, entre outras localidades.

Jaime Serra no distrito de Coimbra

O gabinete de Imprensa da APU divulgou uma breve nota com a opinião de **Jaime Serra**, cabeça de lista da APU por Coimbra e membro da Comissão Política do PCP, sobre a campanha naquela zona do País. Salienta o dirigente comunista:

«Nas três grandes feiras que visitei na região, Cantanhede, Arazede e Montemor, diversas pessoas diziam espontaneamente que foram enganadas, mas que, desta vez (e agora as respostas variavam entre a ideia de votarem na APU e a da abstenção) já não estavam dispostas ao mesmo.

«A aceitação da nossa propaganda e a disposição para ouvir as nossas explicações são muito mais acentuadas do que em campanhas anteriores. Não há praticamente manifestações de hostilidade, a não ser uma ou

outra provocação de profissionais nesta matéria.

«À porta das empresas, onde praticamente nenhuma outra força política vai, a recepção dos trabalhadores é de grande aceitação, ainda que em alguns se façam sentir os efeitos da repressão patronal, através de um certo retraimento.»

No decorrer do período eleitoral foram inúmeras as adesões e manifestações públicas de apoio à Aliança Povo Unido por parte de várias individualidades da região centro, nomeadamente de Coimbra.

De entre as várias personalidades que manifestaram o seu apoio à APU destacamos as seguintes: **Abílio Hernandez**, Assistente Universitário; **Fernanda Oliveira**, professora catrdrática da Faculdade de ciências da Universidade de Coimbra; **Fernando Veríssimo Tenente**, dirigente da União dos Sindicatos de Coimbra; **Graciano de Oliveira**, professor catedrático da Faculdade de Ciências da Universidade de Coimbra; **Ivo Cortesão**, professor aposentado, director da revista *Vértice*; **Joaquim Namorado**, poeta; **Jorge Alarcão**, professor catedrático da Faculdade de Letras de Coimbra; **Jorge Veiga**, professor catedrático da Faculdade de Letras, Vice-Reitor da Universidade de Coimbra; **José Manuel Brinca**, empresário; **Linhares de Castro**, professor, Presidente do Sindicato dos Professores da Região Centro; **Moutinho dos Santos**, engenheiro director das Construções Hospitalares do Centro; **Orlando de Carvalho**,

professor catedrático da Faculdade de Direito da Universidade de Coimbra; **Padre Dinis**, sacerdote; **Rui Carrington da Costa**, professor catedrático da Faculdade de Medicina da Universidade de Coimbra; **Tarquino Hall**, quadro superior da Função Pública; **Zé Penicheiro**, artista plástico; **Pedro Carvalho**, atleta recordista nacional de halteroflismo.

Iniciativa em Chaves

No comício-festa realizado há dias no ginásio da Escola Secundária de Chaves, **Helena Cidade Moura**, vice-presidente do MDP/CDE e cabeça de lista da APU pelo distrito de Vila Real, afirmou a dado passo:

«Portugal é hoje uma criança engeitada e desconhecida daqueles que durante anos impediram o seu desenvolvimento, lhe disfiguraram o rosto e lhe atrofiaram os movimentos».

A cabeça de lista da APU manifestou a sua confiança na vida e na compreensão, pelo povo português, de que os governos PS, PSD e CDS se limitam a representar no palco da política as suas farsas e entremeses, para concluir, caracterizando o projecto da APU: «A APU tem de ser mais do que a voz da denúncia, tem de ser a voz da unidade, a voz da certeza e a voz da solução».

Nacional

Ascensão e queda dos anjos

Os principais «líderes» do PS, PSD e CDS, depois de terem tornado a vida dos portugueses num autêntico inferno (e qual deles o maior diabo) resolveram transformar a campanha eleitoral numa espécie de céu. E para dar força à encenação verbal cada um deles fantasiou-se de anjinho, assumiu o ar mais imaculado possível e, com a pureza da sua santa palavra, alçaram voo todos eles numa ascensão milagrosa à cata do voto do eleitorado.

Ah, mas tão ou mais falíveis que as asas de Ícaro, o tal que quis voar com asas de cera em plena torreia do sol, as asas destes anjinhos (ou anjolas) ameaçam perder rapidamente as penas. A queda é, pois, iminente.

Vejamos cada um dos anjos nas suas evoluções e cabriolices aéreas.

Começamos pelo Almeida, que além de vestir a pele de anjo já está santificado no nome. Os seus voos devem estar a ser muito cansativos pois até já afirmou que se pudesse desistia imediatamente das acrobacias eleicoeiras. Antevirá ele desde já o estrondo quando se estatelar? O seu cansaço é estranho para quem se apresentou ao eleitorado com a virtude de uma grande capacidade de trabalho.

Pois o anjo Almeida Santos mudou subitamente de rota ao sobrevoar o distrito do Porto. Até aí, compungidamente, era todo mea culpa, mea culpa, sim senhor que ele até fora o redactor da lei das rendas e da lei de segurança interna. Era o assumir das responsabilidades numa de grande

honestidade política e um acenar desesperado para o eleitorado de direita. Mas como isso estaria a abrir muito o jogo e a destapar as carecas ao vento, numa manobra arriscada das asas já pendonas, passou a prometer este mundo e o outro e a garantir que com um governo PS e ele como primeiro-ministro num mês acabará com os salários em atraso, com as pensões de miséria e outras coisas do género. Lá lhe chegou de novo, pelos vistos, a sua enorme vontade de trabalhar!

Entretanto, surgiu no ar, com o seu voo um pouco pesadão, o anjo Mário Soares a fazer companhia ao anjo Almeida, a animá-lo a prosseguir. Mas, para não haver dúvidas, disse bem alto que não era a Nossa Senhora de Fátima. Só um anjinho! Ou seja, milagres dele não esperem. Ai está uma atitude avisada, sim senhor. Só fica por esclarecer a quem ele quer avisar. Se aos portugueses, não valeria a pena, já todos sabem que dele e do PS não há milagres possíveis. Nem o da CEE! Se aos correligionários do partido, isso é mais crível, pois de facto andarão neste momento à procura de qualquer milagre do céu para evitar a queda, pois as coisas já nem com raios laser e Fáfás de Belém (a do Brasil) tomam o rumo desejado. As nuvens são cada vez mais densas para aquele lado. Mas mesmo com aquela prevenção do anjo Mário, este nem a si próprio se convence de que não é milagreiro. Então ele não quis promover o plano do Alqueva à categoria de milagre a creditar na sua conta!? Sim, porque os anjos também

têm contas, oh se têm! O ministro demitido do PSD, Barreto de seu nome (a confusão com o Barreto do PS não é de nome como sabem), muito terra a terra, e não andasse ele a sonegar a terra aos trabalhadores da Reforma Agrária, é que pôs fim ao truque do anjo Mário confessando que o projecto do Alqueva nem sequer fora apresentado à CEE e assim ser considerada a obtenção de verbas para a sua concretização. Pois sim, zanguem-se e descubram as mentiras uns aos outros, mas a verdade é que nisso residia exactamente a hipótese do anjo Mário fazer o milagre da energia e da água para o Alentejo...

Agora uma referência ao anjo Lucas Pires, um anjo tão pires e irrequeto que há quem pergunte se Lucas é apenas de nome! Esse anjinho, o único de barbas, destaca-se dos demais ainda pela incontinência das suas orações. Com as quais aliás parece divertir-se muito. Pelo menos haja um que se divirta com tantas máximas! Tem-se mostrado um anjinho atrevidote. Então não foi dizendo para quem o quis ouvir (poucos, valha-o Deus!) que os beijos das mulheres portuguesas são melhores que vitaminas?! Estará ele a propor um novo Serviço Nacional de Saúde? Mas falando a sério, mesmo muito a sério, é preciso avisá-lo que basta já a exploração, a discriminação sexista, a violência a que as mulheres ainda são sujeitas no nosso País, quanto mais agora vir-se desta forma achincalhadas, humilhá-las.

Por último o anjo Cavaco Silva.

Nas suas hostes ele pretende-se o único capaz, competente, honesto e cumpridor. Tem voos rasgados, insinuantes, e sente-se predestinado para voos ainda mais largos. É verdade que as suas asas fazem lembrar mais uma águia do que um anjo, nem sabemos mesmo se não haverá por ali qualquer camuflagem. Este faz muitas, muitas promessas para aqueles que o venham a seguir no voo. Tantas que mais parece um mágico de circo a tirar lencinhos ou coelhos da cartola. É um nunca acabar. Obviamente, depois se verá (como já se viu antes) que são tudo ilusões. Houve quem o confundisse, no seu estilo melífluo de voo e de acrobacias, com a alma penada do Salazar. Ele diz que não senhor, até porque é casado e tem anjinhos descendentes. Que diabo (salvo seja)! Salazar salazarou Portugal e os portugueses por outros motivos, não para se vingar do seu estado civil e do facto de não ter deixado prole. Para além de que se dizia umas coisas sobre isso que... bem, adiante. Ambições não faltam ao anjo Cavaco. E lata também não, diga-se de passagem.

Este seráfico anjinho mostra ser um acrobata encartado e apto para arriscadas piruetas. Aparentemente de relações cortadas com os anjos Almeida e Mário, nos últimos tempos tem afirmado e reafirmado que não mais voará em (es)quadrilha com eles. Mas à medida que todos se vão aproximando do juízo final a linguagem fica mais moderada, conciliatória, angélica mesmo, e já admitiu fazer no

futuro novas viagens em companhia dos anjos soaristas.

O anjo Cavaco mostra ainda ser possuidor de uma candura inultrapassável. Num acto de contrição espectacular proclamou há dias que sente vergonha em ver os políticos portugueses mentir. Ou ele não se considera político, e se assim é para quê esse seu esforço de se afirmar como chefe carismático da (es)quadrilha social-democrática (e talvez olhando mais longe), ou então, pobre anjinho, confrangedora alma, andará há longo tempo a envergonhar-se dele próprio! Não lhe chegarão as penas das asas para tanta pena do espírito.

Esta (es)quadrilha de anjos nos céus de Portugal vai ser obrigada a descer à terra pelos resultados de 6 de Outubro. Então os portugueses poderão constatar aquilo que já muitos sabem e muitos também desconfiam: por baixo da máscara de anjos alugada à pressa saltarão à vista as peles verdadeiras dos diabos que governaram Portugal durante 9 anos e, neste nosso querido torrão pátrio, ergueram um inferno tormentoso em cujas chamas pretendem fazer arder os ideais do 25 de Abril, as transformações socioeconómicas da revolução libertadora dos cravos, para das suas cinzas renascerem as almas penadas, os demónios, os satanazes, todos os diabos e diabinhos do fascismo.

Fora com os diabos do reino do Homem!

■ **Gorjão Duarte**

PCP

CT da DORS

Sines na dianteira

• Campanha chega aos 22 mil contos!

Aproxima-se dos 22 mil contos a campanha para a construção do novo Centro de Trabalho do PCP, registando-se

já vários sectores que ultrapassaram os 50 por cento das respectivas metas. Como se pode ver pelo gráfico que aqui publica-

mos, a organização concelhia de Sines está na dianteira, ocupando um lugar que durante várias semanas esteve ocupado pelo Selxal.

Embora toda a Organização Regional do PCP esteja viamente empenhada no trabalho eleitoral, a campanha não parou, como comprovam os resultados e as informações que chegam dos diferentes sectores no distrito.

Entretanto, as indicações já obtidas permitem concluir que fo-

Centro do PCP em Arganil

A organização comunista de Arganil inaugura **hoje** o Centro de Trabalho do PCP naquela vila do distrito de Coimbra. A nova casa do Partido, instrumento precioso para a actividade e a luta dos comunistas e para o reforço da vida democrática, localiza-se na Rua Maestro Alves Coelho, 14, em Arganil.

Na jornada de inauguração marcada para hoje estarão presentes candidatos comunistas da APU pelo círculo eleitoral de Coimbra.

Prossegue, entretanto, a campanha de fundos para o pagamento dos encargos deste novo CT.

Visita de estudo

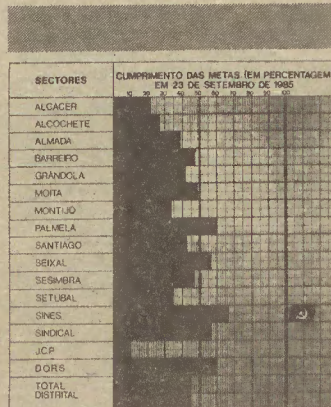
A convite do Comité Central do Partido Comunista da Checoslováquia visitou a Checoslováquia de 23 a 30 de Setembro uma delegação de estudo do PCP sobre o trabalho de pioneiros composta por Dorília Ângelo, Lurdes Pinheiro e Pedró Gomes, membros do PCP.

Durante a sua estadia a delegação foi recebida por Jindrich Polodnik, Secretário do CC do PCCh, e teve encontros diversos com responsáveis da União So-

cialista da Juventude e com a sua Organização de Pioneiros.

A delegação visitou várias instituições infantis e contactou directamente com aspectos do trabalho do PCCh com os pioneiros.

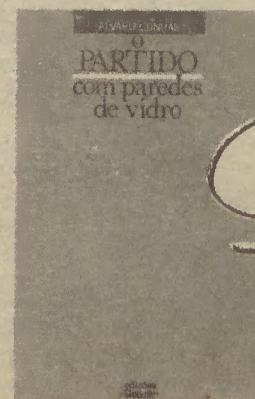
A visita, que se efectuou no quadro das tradicionais relações de amizade, solidariedade e cooperação entre o PCP e o PCCh, contribuiu para conhecer melhor o trabalho do PCCh entre os pioneiros.



ram positivos os resultados das iniciativas da campanha voltadas para a recente 10.ª Festa do «Avante!»

Recorde-se que o novo Centro do Partido será erguido na cidade de Setúbal, na Av. 5 de Outubro.

Trabalhamos lutamos vivemos com transparência



272 págs.
300\$00

De dentro para nós, comunistas, de fora para quem nos observa, propomo-nos dizer com verdade como somos, como pensamos, como actuamos, como lutamos, como vivemos, nós, os comunistas portugueses. Tudo será dito, tornando transparentes as paredes do nosso Partido, de forma a que quem está de fora possa observar o Partido como que através de paredes de vidro.

A verdadeira imagem do PCP

edições
Avante!

Nacional

Povo de Alhandra homenageia Soeiro Pereira Gomes

Foi um miúdo envergando um farto boné e uma camisa às riscas — com aquele ar de catraio que nunca o pôde ser — quem descerrou a lápide. Foi em Alhandra, no passado dia 29.

O miúdo envergava a vestimenta descrita por Soeiro Pereira Gomes em «Os Esteiros». Assim vestido, inaugurava o monumento que a partir de agora passa a constituir cartão de apresentação do povo de Alhandra.

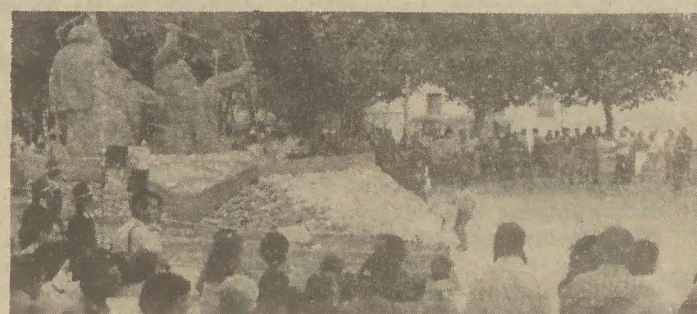
Trata-se de um conjunto arquitectónico da autoria dos escultores João Afra e João Duarte. De um conjunto que retrata o dia-a-dia de um povo, em casa e no trabalho.

O povo de Alhandra esteve assim em festa, homenageando um homem que, vindo do distrito do Porto se fixou nesta terra ribeirinha com 22 anos. De um homem que dedicou a sua vida e a sua arte ao serviço do povo e da luta antifascista. De um militante comunista que, com a sua primeira obra, foi um dos que, com Alves Redol, abriu caminho ao neo-realismo literário português.

Na sessão solene de homenagem ao escritor e lutador, Daniel Branco presidente da Câmara Municipal de Vila Franca de Xira, saudou o povo de Alhandra que «mostra mais uma vez que não foi em vão o juramento de fidelidade

aos ideais da democracia e da liberdade que fez aquando da passagem do funeral de Soeiro Pereira Gomes», já lá vão trinta e cinco anos.

Na referida sessão, Soeiro Pereira Gomes foi ainda evocado



pelo escritor Alexandre Cabral, que conviveu com Soeiro, salientando o seu carácter «modesto, humano, lutador e dedicado».

António Dias Lourenço, depois de se referir ao lutador que foi

Soeiro Pereira Gomes, lembrou da imensa alegria que é a construção de um sonho. Que é a de os homens que nunca foram meninos poderem estar massivamente presentes com os seus filhos que conquistaram o direito de ser meninos.

Mas não só o monumento fica a perpetuar a amizade do povo de Alhandra a Soeiro Pereira Gomes.

Na ocasião da homenagem, os ex-largo Serpa Pinto passou a chamar-se Praça Soeiro Pereira Gomes e a avenida Marginal ficou com o bonito nome de Ave-

nida dos Esteiros.

O primeiro livro de Soeiro Pereira Gomes esteve, aliás, sempre presente na homenagem ao militante comunista, ao homem «profundamente humano». Dele disse Alexandre Cabral: «reatando a tradição humanística do período imediatamente anterior, «Os Esteiros» retratavam uma face ignorada da sociedade portuguesa, que era o mundo marginalizado do rapazio da beira-rio». O mundo dos «homens que não foram meninos».

Participaram na homenagem conhecidos vultos da música, da literatura e da arte do nosso País.

O povo de Alhandra homenageou Soeiro Pereira Gomes poucos dias depois da homenagem que prestou ao campeão de natação Batista Pereira, que inspirou a figura do miúdo «Ginete» de «Os Esteiros».



O progresso e desenvolvimento da agricultura nacional passam por um efectivo e forte apoio do Estado

Governos de direita afundaram a lavoura — urge impor um novo rumo

«A agricultura portuguesa pode produzir os alimentos de que o País precisa e garantir aos agricultores condições de vida condigna». Esta a convicção da Aliança Povo Unido, expressa num manifesto eleitoral dirigido aos homens do campo no qual se procede a um balanço dos efeitos ruinosos da política seguida ao longo dos últimos nove anos e se apontam algumas das medidas indispensáveis para encetar um novo rumo no domínio da lavoura nacional.

Começando por analisar o que foi a acção dos sucessivos governos de direita e suas consequências no plano agrícola o manifesto salienta que a característica fundamental dessa política consistiu, por um lado, na ausência de qualquer projecto de desenvolvimento e modernização da agricultura bem como de qualquer apoio aos agricultores e, por outro, no desvio de grande parte da riqueza criada pelos agricultores para os bolsos de grandes armazenistas, industriais e especuladores.

Política de ruína

Fundamentando esta afirmação, lembra o documento, os aumentos incontroláveis dos preços de todos os produtos essenciais para a lavoura como sejam os adubos, o gásóleo e as rações, a exemplo dos aumentos das rendas de terras e das contribuições para a Previdência.

Ao mesmo tempo, sublinham os subscritores do manifesto, assistiu-se a sucessivas tentativas de asfixia da agricultura, nomeadamente através de medidas como o corte do Crédito Agrícola de Emergência e de outras dezenas de linhas de crédito para o sector, ao corte de bonificações ao Crédito de Campanha, ao aumento das taxas de juro e a modificações profundas na garantia de escoamento dos produtos, como agora acontece com a batata e o vinho.

E os preços dos produtos agrícolas? Como explicar que estes não tenham acompanhado minimamente, na mesma proporção, os pesados encargos que recaem sobre a lavoura e tenha mesmo sucedido, como agora, que o vinho e a batata estejam com preços inferiores aos de anos anteriores?

E que pensar dos propósitos manifestados por diversas enti-

dades oficiais no sentido de acabar com organismos de coordenação económica como a JNV, JNF, JNPP ou das tentativas de destruição da recolha organizada do leite pelo movimento cooperativo e de desmantelamento da EPAC?

E as repetidas tentativas de levar por diante o roubo dos baldios aos povos serranos para os entregar às celulosas e a especuladores imobiliários a par de outras medidas que agravaram consideravelmente as condições de estabilidade e segurança de agricultores, rendeiros e seareiros?

Novo rumo

Desnecessário, por ora, alongar a lista. Os resultados desta política de ruína laboriosamente aplicada pelos governos do PS, do PSD e do CDS, juntos ou separados, aí estão. Retomemos o manifesto eleitoral da APU e verifique-se até onde a política do PS, do PSD e do CDS afundaram a lavoura e empobreceram os agricultores: diminuição dos rendimentos reais dos agricultores e, em contrapartida, aumento dos lucros dos grandes intermediários, armazenistas e industriais; redução do investimento designadamente na diminuição da compra de máquinas, na baixa do consumo de adubos e outros produtos essenciais e no aumento das terras abandonadas ou cobertas de eucaliptos; diminuição da produção agrícola nacional, situação que está na origem da importação de cerca de 60 por cento dos bens alimentares que consumimos.

Como sublinha o documento da Aliança Povo Unido é, pois, a este estado de coisas que urge pôr cobro. Do que se trata é de impôr um novo rumo capaz de implementar um programa de acção que conduza a uma agricultura próspera e moderna capaz de produzir os alimentos necessários e de garantir uma vida condigna a quem trabalha a terra.

Nesse sentido se dirige o apelo contido no manifesto para o voto na APU. É que, como tratam de acentuar, «é preciso um governo com gente que ouça os agricultores, que apole a lavoura, que invista na agricultura, que defenda a produção agrícola nacional, que aproveite tudo o que é português».

Apelo da URAP «Neles não votarão os antifascistas»

A URAP (União dos Resistentes Antifascistas Portugueses) salienta, em comunicado do seu Conselho Directivo, ser seu dever «alertar todos os portugueses para a necessidade de, neste grave momento político, votar em candidatos a deputados que se têm oposto corajosamente a todas as manobras tendentes a voltar a entregar o poder às forças do passado.»

Reconhecendo que «não lhe cabe aconselhar o voto neste ou naquele partido em particular» por ser uma organização de unidade da qual fazem parte democratas e patriotas das mais variadas correntes políticas, o Conselho Directivo da URAP lembra, no entanto, que «fizemos sacrifícios demasiados e não correremos o risco de os ter feito em vão.»

«A meta de Abril — uma verdadeira justiça social baseada principalmente no esforço consciente e patriótico do povo português em liberdade — será alcançada porque foram sempre estes os princípios que nortearam a resistência antifascista», lê-se no documento.

Não aconselhando o voto em tal ou tal partido, a URAP reafirma que os antifascistas portugueses não votarão «em partidos que não garantam o respeito pelo regime democrático con-

quistado pelo povo em 25 de Abril de 1974».

«Ponham eles as máscaras que puserem, façam as promessas que fizerem, a nós não nos enganam. Neles não votarão os antifascistas» — salientam no comunicado.

Prosseguir a defesa dos baldios • Apelo aos compartes de Viseu

Elevaram-se a dez as tentativas efectuadas ao longo destes últimos nove anos para revogar a lei dos Baldios e deste modo subtrair a sua gestão democrática aos povos para a entregar a autarquias, celulosas, multinacionais e especuladoras imobiliárias.

A denúncia partiu dos apoiantes da Aliança Povo Unido do distrito de Viseu e está contida num comunicado dirigido aos conselhos directivos, compartes e povos dos baldios da região, documento esse no qual se afirma que «votar em qualquer um

dos partidos que têm estado no Governo (PS, PSD e CDS) é contribuir para que, mais meses, comecem os ataques à lei dos Baldios».

Recordando o que foram estes anos de política de direita e os seus efeitos desastrosos no distrito de Viseu, assinala o documento as constantes sabotagens de que os CDB's foram alvo, promovidas na sua grande maioria pelos Serviços Florestais e pelo Ministério da Agricultura em obediência a instruções dos governos.

Alvo da cobiça dos grandes

senhores e sobretudo das indústrias de pasta de papel, os baldios e seus respectivos conselhos directivos e assembleias de compartes têm sido também vítimas de uma permanente campanha de calúnias cujo objectivo é ocultar e distorcer o elevado valor e significado das muitas obras, melhoramentos e realizações introduzidas em muitas aldeias do interior por força das receitas obtidas com os maninhos.

Para além destes aspectos, justo é destacar, por outro lado, a própria experiência democráti-

ca que constitui a administração desta riqueza nacional pelos povos e compartes, exercício que é, em si mesmo, um entrave aos projectos restauracionistas e antidemocráticos dos partidos de direita.

Daí que cresça o número dos que acreditam ser a APU a única força política que sempre esteve ao lado dos povos e baldios em defesa da sua lei e que nos momentos decisivos sempre soube apontar o caminho da luta e do protesto contra os que pretendiam roubar essas terras comunitárias.

Trabalhadores**Acaba-se a feira das promessas****Desemprego e salários em atraso: 2 milhões de pessoas afectadas****Afirma a CGTP-IN**

«De falsas promessas e demagogia está o povo farto.» Apesar da luta persistente, há «dois milhões de pessoas afectadas pelo desemprego e os salários em atraso», sublinha a CGTP-IN, que divulgou no último sábado vários indicadores utilizados numa análise da situação social do País. «Atendendo à dimensão média do agregado familiar (3,3 indivíduos: recenseamento da população-1981)», a CGTP-IN, que «sempre se opôs ao sentido da política seguida nos últimos três anos», recorda que, «segundo dados oficiais, a população activa é de 4,6 milhões e o número de trabalhadores assalariados de 2,7 milhões» — o que torna na verdade surpreendente tanto o volume das promessas (alguns governantes até as fazem com um prazo de 30 dias) como a extensão da verdadeira calamidade para a qual a CGTP-IN solicita a atenção da opinião pública, considerando «indispensável que os trabalhadores votem nas próximas eleições pelos seus interesses de classe e em consonância com a luta que têm desenvolvido».

A Central sindical unitária, com a representatividade que lhe pertence ao fim de quinze anos de acção e luta dentro do movimento operário e popular, manifesta-se por «uma mudança real na vida política» e realça a importância das eleições do próximo domingo.

Três indicadores bastam

Do estudo sobre a situação social do País, a CGTP-IN destaca três indicadores que representam uma acusação quantificada contra a política dos gover-

nos de direita, armados agora em ilusionistas com as promessas sempre prontas na ponta da língua — tanto mais prontas quanto maiores foram os falhanços verificados nos últimos anos.

• **Cerca de 13 por cento da população activa não tem emprego ou não recebe pontualmente os salários, sendo a percentagem maior nos distritos de Setúbal (18,8%) e Beja (19,4%);**

• **A taxa média de desempregados em relação ao total de trabalhadores assalariados é, no Continente, de 15 por cento, elevando-se para 27,2 por cento em Beja, 24,4 em Bragança, 21,8 em Viseu, 20 em Vila Real e 20,4 em Évora;**

• **A percentagem de desempregados e sem salários, em relação ao conjunto dos assalariados, é ainda maior — 18 por cento no Continente — havendo porém distritos em que chega a atingir mais de um quinto ou de um quarto dos trabalhadores por conta do outro: Porto, Braga, Coimbra, Santarém, Leiria, Viseu, Guarda, Setúbal (22,5%), Évora Faro e Beja (27,8%).**

Destas realidades verificadas, que a Inter se encontra em condições de garantir, os trabalhadores saberão tirar as conclusões indispensáveis, à orientação do seu voto nas eleições do próximo domingo.

Diluir as culpas

As culpas quando «abstractas» magoam menos. Assim os responsáveis (gestionários agora, de pleno direito antes) procuram diluir — confundindo — as responsabilidades objectivas, remetendo-as para entidades como o sector empresarial do

Estado. A crer no que contra este sector da economia foi proferido durante a campanha eleitoral, o grande bode expiatório estaria arranjado e não haveria mais que votar nos que querem liquidá-lo para a economia do País respirar fundo.

Mas quando técnicos habilitados, dispendo da confiança dos trabalhadores, apresentam ao Governo análises das situações concretas e propostas exequíveis, o Primeiro-Ministro manda dizer que não está.

Mais uma vez os trabalhadores do sector empresarial do Estado, a que pertencem como é sabido as empresas públicas, nacionalizadas e participadas, bem como as maiores unidades industriais do País, a banca, os seguros e os transportes, acusam o Governo de esconder dados sobre a situação no sector.

Mas o Primeiro-Ministro não recebe a delegação que os trabalhadores lhe enviam. E entretanto não aparece na folha oficial «qualquer relatório e contas das empresas públicas sobre o exercício de 1984».

As organizações representativas (ORT's) dos trabalhadores do SEE, que não foram recebidas por Mário Soares na passada sexta-feira, apenas pretendiam entregar-lhe, em audiência solicitada para o efeito, um memorando que «analisava a situação global do SEE e resume a situação concreta de mais de trinta empresas do sector, incluindo a banca e os transportes».

As ORT's de empresas como a Siderurgia Nacional, Petrolgal, EDP, Setenave, Sorefame, CP, Cometa, Mompur, Quimigal, CNP, TAP, RN, Secil, Carris, Metro, EPAC, Centralcer, Tabaqueira, apoiados por representantes da banca e dos seguros, afirmam, no memorando que o

Governo em gestão acaba de recusar, que:

«Muitos daqueles que publicamente exigem agora a destruição das empresas públicas, a pretexto das suas dificuldades, são os mesmos que, a diversos

níveis — no Governo, nos conselhos de administração, noutros cargos de responsabilidade, na Administração Central e nas empresas — agiram e agem no sentido de minar a estabilidade financeira e a prosperidade eco-

nómica das empresas públicas.»

Vamos deixar que estas eleições sirvam para continuar a agravar-se uma situação de que depende a subsistência de regiões inteiras, de centenas de milhares de postos de trabalho?

LUTAS E TAREFAS

Nas lutas e tarefas desta semana ganha projecção evidente o fim da campanha eleitoral. O sentido do voto democrático e popular é aqui apenas a florado em algumas acções e formas de luta de mais actualidade. Muito mais do que em eleições passadas, um número extraordinário de trabalhadores, que participam na vida sindical nos respectivos sindicatos e locais de trabalho, expressarão nas urnas no próximo domingo, com o sinal esclarecido do seu voto, a recusa de uma política e de um programa de Governo (de sucessivos programas, aliás) que se encontram na raiz dos conflitos mais graves dos últimos anos de governação.

• **Através da respectiva Federação, os sindicatos dos têxteis e sectores afins deslocaram a Lisboa, no dia 24, «mais de cem activistas sindicais de empresas com salários em atraso».** Um dos objectivos era avistarem-se com o Primeiro-Ministro gestor. A PSP interveio afastando os trabalhadores de junto da residência oficial de Mário Soares. No mesmo dia, a Federação afirmava aos órgãos de comunicação social que foram «caricatas as sucessivas entradas e saídas do Primeiro-Ministro no Palácio de S. Bento, enquanto que os serviços da residência oficial recebiam instruções no sentido de alegarem a recusa da audiência por ausência do chefe do Governo». Salienta a Federação dos têxteis que é de 35 314 o total de trabalhadores têxteis com remunerações em atraso, só neste ramo de actividade, no qual predomina, como se sabe, o trabalho das mulheres. As empresas devedoras são 171. Acrescenta a Federação que, «num total de 676 meses de salários e subsídios por pagar», a dívida total cifra-se em 3,1 milhões de contos». Com o título «**Nem à porta das eleições Soares recebe trabalhadores com salários em atraso**», um comunicado da Federação realinha que «serão agora pedidas audiências às delegações do Ministério do Trabalho, um pouco por todo o País», não sendo de excluir nova insistência junto do Primeiro-Ministro em gestão.

• **A propósito dos recentes acontecimentos ocorridos em algumas prisões, a Federação Nacional dos Sindicatos da Função Pública chama a atenção para a incapacidade demonstrada pelos «sucessivos governos, para superar as deficiências e insuficiências do sistema prisional», e para a tentativa de atirar «para cima dos guardas prisionais a responsabilidade desta situação».** Depois de referir que o Governo quer fazer desses guardas o «bode expiatório», esquecendo em especial o «crescimento permanente do número de reclusos» e a «manutenção de um número quase inalterável de guardas prisionais», a Federação, em comunicado do dia 24, após a reunião dita extraordinária de alguns ministros do Governo em gestão e outras entidades (género «gabinete de crise») salienta que «não é com operações de fachada como esta que se resolvem os problemas; não é com a instauração de processos disciplinares a guardas prisionais que se atacam as causas». Referindo que os guardas «para responderem às necessidades são sujeitos a condições de trabalho quase sobre-humanas», a Federação sublinha que o próprio ministro da Justiça «foi obrigado a reconhecer», em Junho deste ano que, para «uma capacidade de 2500 presos, havia nas prisões portuguesas 8820, ou seja, mais do triplo».

Aliás, esse total não pára de crescer, «como revelou agora o director-geral dos Serviços Prisionais, apontando para a existência de 9300 reclusos», recorda ainda a Federação, reclamando «medidas de fundo», que devem passar especialmente pelas que vão no sentido de garantir aos guardas prisionais melhores e mais eficazes condições de trabalho».

• **Os trabalhadores da Função Pública debatem e votam, desde a passada quinta-feira, a «Proposta Reivindicativa Comum — 1986» a apresentar ao Governo pela Frente Sindical do sector.**

O Sindicato do Sul e Açores (STFSA) convocou uma assembleia geral extraordinária para reunir nos locais de trabalho e durante as «horas de serviço, nos principais organismos» que empregam «mais de 50 mil trabalhadores». A proposta comum dos TFP que, segundo o Sindicato do Sul e Açores, será discutida e votada «em cerca de quinhentos e cinquenta locais de trabalho da Administração Pública, desde Castelo Branco a Faro e aos Açores» (âmbito do STFSA), incide sobre três aspectos fundamentais: **questões pecuniárias** (salários, diuturnidades, ajudas de custo, pensões, subsídios de refeição e outros); **estabilidade de emprego** (contra a extinção de organismos essenciais à função pública do Estado); e **carreiras profissionais** (pela revisão e correcta aplicação do actual diploma legal de carreiras). Segundo o STFSA, o principal sindicato membro da Frente Comum, são estas «as principais preocupações dos trabalhadores do sector, apesar de outras reivindicações profissionais há muito aguardarem negociação com o Governo».

• **«Mais de dois terços dos professores dos graus de ensino primário, preparatório e secundário, da educação pré-escolar e especial não serão abrangidos por qualquer reajustamento dos seus vencimentos»,** sublinha a Federação Nacional dos Professores (FENPROF). Desmentindo afirmações recentes do ministro gestor da Educação, o secretário nacional da Federação analisa a «nova proposta de enquadramento salarial» que estaria «pronta para ser publicada, se o Conselho de Ministros a aprovar», e conclui que «não existem quaisquer razões — a não ser de ordem eleitoralista, sublinha — para levar a Conselho de Ministros, antes de 6 de Outubro (ou seja, à sua reunião desta semana) «uma proposta que ainda não foi negociada com a FENPROF, conforme estipula a própria lei da qual a FENPROF não abdica para defesa dos interesses dos professores. Os poderes do actual Governo de gestão são constitucionalmente os mesmos antes ou depois de 6 de Outubro, até à tomada de posse de um novo Governo», realinha a Federação.

Aniversário da CGTP-IN Parte integrante da luta são também as eleições

A Confederação-Geral dos Trabalhadores Portugueses — Intersindical Nacional, que acaba de anunciar a realização do seu quinto Congresso para Maio do próximo ano, completou quinze anos no passado dia um. Comemorada por todo o País, a data adquire um significado especial com a proximidade das eleições para a Assembleia da República, no próximo domingo.

Infatigável defensora da unidade, sobretudo na acção, a CGTP-IN, ao completar quinze anos de luta e progresso na organização do movimento sindical, realinha pela voz de um dos seus dirigentes nacionais, que sem ela «não se pode governar estavelmente o País; que sem a CGTP-IN não se pode prosse-

guir nos caminhos de Abril; e, conforme temos afirmado e a vida tem comprovado, muito menos se pode fazê-lo contra a CGTP-IN» — recordaria Florival Lança numa das sessões comemorativas que a Inter realizou na Sorefame.

A CGTP-IN, que efectuará em Novembro próximo a 2.ª Conferência de Organização Sindical, foi fundada em 1 de Outubro de 1970 e representa hoje 88 por cento dos sindicalizados em todo o território nacional. Abrange nas suas fileiras «cerca de um milhão e seiscentos mil trabalhadores, assumindo-se hoje como a maior organização social portuguesa.

Quanto às eleições do próximo domingo, Florival Lança,

membro da Comissão Executiva do Conselho Nacional da CGTP, defendeu que elas «devem ser entendidas pelos trabalhadores portugueses como mais uma importante batalha e como parte integrante da luta pela resolução dos seus problemas». Considerou que «do seu resultado depende a possibilidade de se alcançar uma solução governativa que se traduza numa modificação real e qualitativa da política seguida nos últimos nove anos, que mereça e obtenha o empenhamento e a participação activa dos trabalhadores e das suas organizações representativas».

As comemorações prolongam-se até depois de amanhã e nelas intervêm os dirigentes da Central.

Internacional

Quem defende o neo-nazismo?

O carro de água avançou sobre o homem derrubado por um jacto de água. Guenter Sare morreu vítima da repressão policial, quando, numa concentração com cerca de 700 pessoas, protestava contra a realização de um Congresso neonazi. Foi em Frankfurt, na RFA, no sábado passado. No mesmo dia, em Munique, veteranos das SS nazis e das tropas norte-americanas, reuniram-se sob a protecção da polícia, que cercou o local e cortou o trânsito em toda a zona próxima.

Assim — como os factos linearmente indicam — o governo de Bona protege reuniões de nazis, e vai até ao assassinato dos que protestam contra as reminiscências de uma política e uma ideologia que já levou à morte mais de 40 milhões de pessoas. Uma situação que tem necessariamente a sua lógica. Tanto no plano da política geral do imperialismo. Como no da política oficialmente seguida por Bona.

E importa aqui lembrar que neste 40.º ano da vitória sobre o nazifascismo, o mundo do capital comemorou uma data que representa o mais longo período de paz para a Europa de uma forma deveras significativa.

Ideologia e prática

Uma das facetas da «comemoração» foi uma intensa batalha ideológica destinada a fazer crer que os acordos que culminaram o estabelecimento da paz no Velho Continente devastado teriam sido uma espécie de *dictat* aos povos, impondo inadmis-

síveis condicionantes ao seu livre desenvolvimento e definição de caminhos de evolução.

Claro que estes e outros ensaios no sentido de pôr em causa a Conferência de Yalta, visam no fundo a própria realidade da comunidade socialista (o «império do mal», que seria necessário vergar ou destruir...), e o difícil equilíbrio político obtido na Europa, favorável a um desenvolvimento múltiplo de relações, em particular entre Estados com regimes sociais antagónicos, e assim favorável à paz. Ou seja, visam a criação de um clima de instabilidade e tensão, propício à corrida aos armamentos, à militarização das economias dos países capitalistas, aos chorudos lucros para o sector monopolista que lhe está ligado, à acentuação do carácter repressivo do domínio do capital, contra as massas trabalhadoras dos países capitalistas desenvolvidos.

Neste quadro, a RFA assume um papel particular. Pôr em causa os acordos que definiram em linhas gerais o actual quadro da Europa, é também estimular o espírito e os sectores revanchis-

tas na RFA, os mesmos que continuam a afirmar que o Reich alemão continua a existir com as fronteiras de 31 de Dezembro de 1937 e que a RFA detém o direito exclusivo de representação do povo alemão.

Assim imperialismo norte-americano e revanchismo oeste-alemão se dão as mãos. E não será excessivo afirmar: uma vez mais...

A mesma identificação de interesses e apoios mútuos se regista na prática.

Em Outubro de 1983, na sua primeira declaração enquanto chefe do governo, o chanceler H. Kohl, sublinhou, que a política externa do país assentava na «fidelidade à NATO, à amizade e cooperação com os Estados Unidos». O apoio à instalação dos mísseis constitui prova prática dessa orientação. Hoje, uma vez mais, ficam confirmados a fidelidade e cooperação com o apoio ao criminoso e suicida projecto da «guerra das estrelas», oficialmente garantidos, em Fevereiro de 85, na conferência da sociedade militar-científica «Werkunde», em Munique.

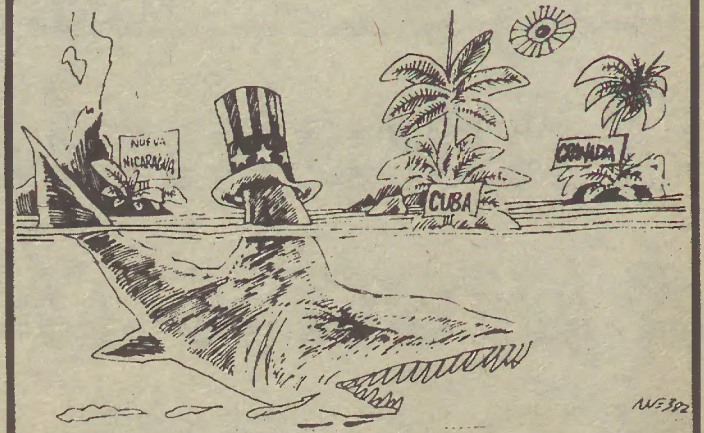
Actualmente a RFA participa, em relação aos outros países da Europa capitalista, no maior número de programas militares comuns. E mais: os monopólios que desempenham um papel de maior relevo na produção de armas, são os mesmos que forneceram o armamento às tropas nazis.

O outro lado da medalha

Guenter Sare foi morto no sábado numa concentração antinazi com algumas centenas de pessoas, em Frankfurt. Na noite de domingo, cerca de duas mil pessoas manifestaram-se contra o assassinato e contra o Congresso nazi, nas ruas de Frankfurt. Nessa mesma noite e com o mesmo objectivo, realizaram-se múltiplas manifestações antinazis em várias cidades da RFA. A repressão foi violenta. Fizeram-se muitas prisões. Mas a acção popular antinazi assumiu uma envergadura não prevista.

Não se trata de um facto fortuito. O movimento pela paz, contra a corrida aos armamentos, na RFA, destaca-se como um dos mais amplos e fortes movimentos populares pelo desarmamento no mundo capitalista.

Apesar de uma intensa e quotidiana cobertura ideológica, apesar da falsificação dos factos e de sistemáticas campanhas anticomunistas, apesar da repressão sob diversas formas, nomeadamente pela condenação de facto ao desemprego de quem mais se destaque como militante por objectivos progressistas — a própria política militarista, reaccionária, chauvinista, seja na RFA, seja em qualquer outro país, desencadeia um processo de resistência e luta que a condiciona e virá a pô-la em causa.



Os EUA no banco dos réus

A guerra não declarada que os EUA movem contra a Nicarágua, com o objectivo de derrubar o regime sandinista, continua a ser um tema em aberto no Tribunal Internacional de Justiça de Haia, onde a administração Reagan foi colocada no banco dos réus.

O facto das autoridades norte-americanas terem declarado não aceitar a jurisdição daquele organismo internacional, logo que a queixa nicaraguense foi apresentada, não impediu que a análise da veracidade das acusações seguisse o seu curso nem tão pouco o avolumar das provas contra os EUA.

Segundo dados recentes, até ao início deste mês da guerra não declarada contra a Nicarágua resultaram mortos, feridos ou raptados 12 mil nicaraguenses e outros 72 mil deslocados devido aos combates. Os prejuízos materiais causados à Nicarágua são avaliados em 1,3 mil milhões de dólares.

Aumentam entretanto as vozes discordantes com a política de Reagan em relação à Nicarágua. Um grupo de congressistas republicanos e democratas que visitou a América Central acusou o presidente norte-americano de estar **obcecado com a Nicarágua** e afirmou que um envio de tropas para aquele país será um **erro desastroso porque a guerra será longa e sangrenta, nenhum aliado dos EUA apolará a intervenção militar e esta, além de causar danos incalculáveis às relações com os países latino-americanos, criará divisões profundas na opinião norte-americana.**

O referido grupo acusou ainda a administração Reagan de não procurar seriamente uma **solução diplomática negociada com os sandinistas, de bloquear activamente as iniciativas do Grupo Contadora e de rejeitar o diálogo com os dirigentes de Manágua.**

Eleições na Nova Caledónia

A Frente de Libertação Nacional Kanaka Socialista, organização que luta pela independência da Nova Caledónia do domínio francês, conquistou nas eleições de domingo último a maioria absoluta em três dos quatro conselhos regionais daquele território do Pacífico Sul.

A Assembleia Regional resultante das eleições será no entanto dominada pelo partido colonialista RPCR, dada a desigual distribuição dos lugares em disputa que favorece os grandes aglomerados urbanos onde está concentrada a população de origem europeia.

As eleições agora realizadas inserem-se num plano que deverá culminar com o referendo sobre o estatuto da Nova Caledónia como país «independente/associado» da França, marcado para 31 de Dezembro de 1987.

A Renamo em Lisboa

A organização terrorista que dá pelo nome de Renamo usando da liberdade de acção de que continua a dispor em Portugal, deu há dias uma conferência de imprensa em que, entre outras coisas, confessou receber apoios oficiais dos EUA.

O encontro com os jornalistas ocorreu poucos dias depois de ter sido divulgada uma nota da Procuradoria-Geral da República em que se afirma **ser possível o exercício da acção penal** contra os propagandistas da Renamo e da Unita.

O parecer, emitido a pedido do ministro dos Negócios Estrangeiros, não deixa lugar a dúvidas: (...) **a nível nacional, é possível o exercício da acção penal quanto a cidadãos portugueses, estrangeiros ou apátridas que, por uma das formas de comissão, incluindo actos preparatórios e de culpa previstos na lei, ponham em causa aqueles interesses (de Portugal), como sucede, nomeadamente, quando indivíduos que se intitulam representantes de movimentos de oposição aos poderes constituídos em terceiros Estados, em território português distribuam comunicados, difundam notícias, realizem conferências de imprensa ou pratiquem actos análogos (...)** lesivos do interesse nacional.

O governo PS/PSD, demitido, continua a fazer ouvidos de mercador.

Os «ghettos» ingleses

Em Handsworth, *ghetto* de miséria no centro de Birmingham, velho centro industrial britânico, podemos talvez falar de um «incidente menor»: um jovem de origem jamaica reage à agressividade de um polícia, e o motim alastra pelo bairro, culminando com um balanço de dois mortos e dezenas de feridos, casas e ruas devastados, a pilhagem do comércio local. Poucos dias volvidos, neste mesmo mês de Setembro, em Brixton, velho bairro londrino, trata-se já indubitavelmente, de verdadeira provocação policial, ou melhor dizendo, do hábito arreigado, ao nível de forças do poder, de agir em termos de discriminação de classe de raça. Sábado passado, num bairro em que a maioria da população é constituída por originários das Antilhas e Caraíbas, a polícia irrompe por uma casa, numa acção de busca, e fere gravemente a tiro uma mulher negra, mãe de seis filhos. A população sai à rua amotinada. 36 feridos e 45 presos é o balanço provisório. E não se trata apenas de um «trágico erro», como afirma a polícia londrina.

Por detrás do agressivo comportamento policial, por detrás da amplitude e violência da resposta popular, ergue-se uma realidade de miséria e marginalização, ergue-se o peso de gravíssimos problemas sociais, que bem testemunham do carácter da sociedade capitalista, da sua incapacidade de responder a problemas básicos, e ainda de que a única resposta que bem conhece — a repressão — não só não resolve (mesmo na lógica do capital) esses problemas, como os agrava.

Porquê?

Porquê Brixton? Porquê Birmingham?

Comentando os acontecimentos da passada semana no bairro periférico de Londres, o porta-voz do Partido Trabalhista comentava: «No clima social actual, os bairros periféricos como

Brixton são como um paiol de pólvora susceptível de explodir à menor falca».

Isto é igualmente verdade para Birmingham. Mais, a tendência, na lógica do desenvolvimento do capitalismo, será a multiplicação destes «paíóis de pólvora».

Não é difícil compreender as raízes de semelhantes situações. Birmingham é — ou foi? — um importante centro industrial.

A segunda cidade britânica, com 2,5 milhões de habitantes.

Mas a sua base económica tradicional tem vindo a ser desmantelada, e nenhuma das múltiplas promessas de implantação de novas indústrias se confirmou. O resultado é: 100 mil desempregados. Com as inevitáveis consequências ao nível de acréscimo de miséria, situações sociais insustentáveis, droga, marginalização, uma juventude a que à

partida se nega o direito a um qualquer futuro.

Handsworth é um bairro central da cidade de Birmingham, onde todos estes problemas se encontram ainda mais agravados. No conjunto da cidade o desemprego atinge os 20% da população activa (mais 7% do que a média nacional), nos bairros operários sobe para 29,9%, em Handsworth ultrapassa os 55% entre a juventude. Não é difícil discernir das razões da cólera acumulada contra um poder, e os seus diferentes instrumentos, que impõe tais condições — ou melhor dizendo, ausência de condições de vida.

Outros factores há que agravam ainda uma situação já de si — e justificadamente — muito tensa. Utilizando o agudo e crescente problema do desemprego o capital esforça-se por virar trabalhadores contra trabalhadores, concretamente apontando a imigração como responsável, ou pelo menos elemento agravante, das dificuldades vividas pelos trabalhadores britânicos. E apostar no confronto com a imigração é apostar no racismo, apostar numa política profundamente reaccionária.

Não é ocasional o à-vontade com que em Brixton a polícia disparou sobre uma mulher negra. Como não é por acaso que a Frente Nacional, grupo racista de extrema direita, é tão activo em Birmingham, tendo atacado, no mês passado, a sede local do Partido Comunista e de um movimento pacifista.

A direita não tem muitas soluções na manga. Sob as mais diversas formas, a resposta, em

geral, resume-se a: mais repressão.

Mais repressão — indirecta — através da protecção, tolerância, ou fomento, de grupos de extrema direita, por vezes mesmo com carácter para-militar.

Mais repressão, como no *ghetto* de Handsworth, para onde foram mandados «reforços» — 600 homens armados e blindados ligeiros. Mais repressão com o agravamento da legislação repressiva, a superlotação das prisões, o reforço das forças policiais, que, após as revoltas registadas em 1981, em Liverpool, Manchester, no bairro de Brixton, foram dotadas de espingardas com balas de plástico e veículos blindados, como na Irlanda ocupada.

Todos os que lutam, todos os que de qualquer forma são «impedidos» aos objectivos do capital, automaticamente se tornam vítimas da repressão: as massas juvenis dos bairros degradados, os mineiros em luta durante doze meses, as mulheres que em Greenham Common se opõem à instalação dos novos mísseis nucleares norte-americanos, os 2,5 milhões de imigrantes (metade dos quais de origem asiática), muitos dos quais estão hoje «a mais» no quadro da actual fase de evolução do capitalismo.

Um número crescente de gente marginalizada, de gente que objectivamente põe em causa um sistema, que a «resposta» da repressão não poderá salvar.

Handsworth é um exemplo, entre outros, de como uma gota a mais pode fazer transbordar o cálice.

Internacional

ÁFRICA DO SUL

O apartheid não se rende é preciso destruí-lo

Entre o discurso de Pieter Botha em meados de Agosto e o discurso pronunciado esta semana pelo presidente do regime racista muito sangue correu nas ruas da África do Sul e muita coisa começou a mudar tanto no interior como no exterior do país do *apartheid*. Poucos duvidam hoje que a luta de libertação da maioria negra oprimida entrou numa fase irreversível e que o poder da minoria branca se aproxima rapidamente do fim.

Mas os que porventura ainda esperavam ser possível um qualquer milagre, como os racistas deixarem de o ser acordando um dia de manhã convertido à convicção do direito à dignidade humana de todos os homens, tiveram no último discurso de Botha o balde de água fria que merecem.

Pondo de lado as condições inevitáveis de quem a todo o custo necessita de convencer os seus próprios aliados de que ainda consegue controlar uma situação que se tornou de facto incontrolável, Botha foi claro e consequente num único aspecto: na afirmação de que o regime racista não se renderá a quaisquer pressões.

E como não se pode reformar o que não tem reforma, Botha mais não fez do que confirmar que a luta contra o *apartheid* só poderá terminar quando este for liquidado, tudo apontando para um desfecho inevitavelmente violento.

Como escrevia há dias o «Sunday Times», de Joanesburgo, o Estado de emergência decretado por Pretória em vários distritos sul-africanos não só não conseguiu «restabelecer a ordem», como provocou o aumento do número de vítimas entre a população negra. Segundo aquele jornal, a maioria dos africanos

mortos nos últimos doze meses pereceram após a concessão de poderes ilimitados ao exército e à polícia.

Estas informações vêm confirmar as recentes denúncias feitas pelo secretário-geral da Conferência Mundial das Religiões para a Paz, John Taylor, sobre as escandalosas condições nas cerca de 260 prisões maiores e cadeias da polícia da África do Sul. **Cerca de 3500 sul-africanos, afirmou, foram levados para as câmaras de tortura do regime desde a imposição do estado de excepção em 21 de Julho, estando ainda muitos deles à espera de um processo; destes presos, 60 por cento têm menos de 25 anos e 22 por cento não completaram sequer os 18 anos de idade.**

O futuro mais próximo

O aumento da repressão não só não consegue impedir as ma-

Racista recebido em Lisboa

O secretismo que rodeou o encontro, na passada segunda-feira, entre o presidente em exercício da Câmara Municipal de Lisboa, Lívio Borges, do PSD, e o Mayor de Joanesburgo, E. Favel, não impediu que mais esta afronta à dignidade nacional fosse repudiada e denunciada por diversos sectores democráticos.

O Movimento Português contra o *apartheid*, outras personalidades e uma delegação de candidatos da APU tomaram posição pública contra um tal acto considerando-o uma falta grave aos mais elementares deveres de solidariedade humana e que põe em causa os princípios constitucionais, o prestígio e interesses nacionais essenciais, as relações de amizade e cooperação de Portugal com os povos africanos, vítimas da política racista e agressiva da África do Sul.

Receber um representante do *apartheid*, regime que todos os dias massacra homens, mulheres e crianças, e atenta contra a segurança e soberania de países da África Austral, num momento em que a nível internacional se desenvolvem todos os esforços para isolar a África do Sul e forçar ao desmantelamento do regime racista, não pode ser interpretado de outro modo que não seja o da convivência. Uma convivência com a qual o povo português nada tem a ver e a que importa pôr termo afastando dos órgãos de poder os que aos interesses nacionais opõem os interesses dos seus aliados racistas e imperialistas.

nifestações de revolta, como estimula a uma cada vez maior participação na luta de massas, o que é bem revelador do ponto a que chegaram os ânimos. A palavra de ordem do Congresso Nacional Africano (ANC) de tornar ingovernável vastas áreas do país está a ser cumprida. Os re-

empresários tomaram posição afirmando que se deve abolir a discriminação racial onde quer que ela exista, dar início a negociações com os dirigentes negros sobre a partilha do poder, garantir a cidadania sul-africana a todos os povos que habitam o país e atribuir maior importância ao papel do sistema jurídico e à aplicação da justiça.

Paralelamente, a nível internacional, cresce o isolamento do *apartheid*, ainda que os EUA, a Grã-Bretanha e a RFA, seus principais aliados, estejam longe de ter tomado as medidas de pressão que estão ao seu alcance. Outros, como o Governo português enfeudados à política norte-americana, estendem ainda a mão a Pretória, apelando a reformas em que ninguém acredita, a começar pelos próprios racistas.

É neste intrincado jogo de forças, em que os que nada têm estão dispostos a tudo e os que tudo têm a perder não recuam perante nada para salvar o mais possível, que o futuro da África do Sul se vai delineando. O mar de sangue que Botha está disposto a provocar antes de ser forçado a abrir mão do poder não beneficiará ninguém, como parte da comunidade branca sul-africana reconhece hoje. Impedi-lo dependerá em grande parte da sua capacidade para reconhecer que o racismo e o *apartheid* estão historicamente condenados.

presentantes do capital — os mais previdentes — exigem já a reforma do sistema político, conscientes de que o tempo corre contra os seus interesses.

Após o encontro histórico de importantes figuras do mundo dos negócios com os dirigentes do ANC, mais de 91 grandes

PCP condena agressão israelita à Tunísia

O PCP condena firmemente o criminoso bombardeamento levado a cabo pela aviação israelita contra a Tunísia sob o pretexto de atingir instalações da OLP em Túnis, capital da Tunísia, que provocou a morte de dezenas de pessoas.

Trata-se de um ataque aéreo contra um país soberano situado a milhares de quilómetros de distância, que viola todas as normas do direito internacional e agrava perigosamente a já de si explosiva situação na região. Estas agressões perpetradas pelos sionistas de Israel, ao longo dos últimos anos, contra vários países árabes, só são possíveis devido ao apoio e estímulo que a sua política expansionista tem recebido por parte do imperialismo norte-americano e inserem-se nos seus planos hegemónicos.

Reafirmando a sua solidariedade à OLP e ao povo palestino, o PCP uma vez mais manifesta a sua convicção que a paz no Médio-Oriente passa pela retirada de Israel de todos os territórios ocupados depois de 1967, pelo reconhecimento da OLP como único representante do povo palestino e dos direitos nacionais palestinos, incluindo o da formação do estado palestino soberano e independente.

O PCP exorta todas as portuguesas e todos os portugueses a manifestarem o seu repúdio por esta acção de autêntica pirataria contra a Tunísia, a OLP e o povo palestino.

Lisboa, 1 de Outubro de 1980

A Secção de Informação e Propaganda do PCP

A responsabilidade que cabe aos patriotas libaneses nesta situação não podia ser maior. Têm para si a difícil tarefa de encon-

trar e extirpar do seu seio o pomo da discórdia que os separa e construir a unidade sem a qual não podem sobreviver.

LÍBANO

De novo a guerra

As notícias chegam em catadupas após períodos mais ou menos breves de paz relativa a dar conta de que no Líbano a guerra está outra vez na ordem do dia. Da amálgama das informações divulgadas pelas agências fica-se a saber que as milícias do Partido Árabe Democrático combatem contra os sunitas do Movimento de Unificação Islâmica em Trípoli; que em Beirute os fundamentalistas da Jihad Islâmica exercem retaliações; que as milícias do Amal combatem contra as do Partido Socialista Progressista... e pouco se entende das razões que levam um povo a uma guerra fratricida que desde há longos anos dilacera o país.

De concreto ficam as imagens da destruição e da morte, o êxodo das populações (cerca de 80 por cento dos habitantes de Trípoli abandonaram a cidade), o drama de um povo onde morrer de causas naturais se tornou verdadeiramente insólito. O que espanta na verdade é como é que ainda se pode sobreviver num país onde cada um parece professar uma religião diferente, uma ideologia distinta e ter na força das armas o melhor argumento face aos adversários.

É isto pelo menos o que procura fazer crer à opinião pública a generalidade da informação sobre os acontecimentos no Lí-

bano, sem cuidar de explicar porque razão os libaneses têm um governo que não governa, um exército que está enfeudado a uma força política, milícias armadas em todos os partidos e o território dividido em zonas de influência.

Quando os sionistas de Israel invadiram o Líbano com o objectivo expresso de liquidar a OLP, não faltou quem afirmasse que a origem dos problemas estava na presença dos palestinos, assim transformados em bodes expiatórios numa situação de que foram as principais vítimas. Mas a OLP retirou de Beirute e os problemas do Líbano não se re-

solveram, muito pelo contrário.

A unidade conseguida as várias forças políticas no combate à agressão americano-israelita, se serviu para forçar os invasores a retirar não foi bastante para se transformar na plataforma necessária à conjugação de vontades para a reconstrução nacional e a instauração de um regime democrático.

As pressões de toda a espécie feitas pelo imperialismo — importa não perder de vista que o Médio Oriente é para os Estados Unidos uma zona de interesse vital — encontraram no Líbano um terreno fértil. Dividido de há muito numa estrutura confessional que deliberadamente exacerbava os antagonismos religiosos para escamotear os confrontos de classe, o Líbano deverá continuar a ser uma torre de Babel para que o imperialismo e o seu fíal aliado na região, o sionismo, possam levar a cabo os seus planos hegemónicos e agressivos. E a experiência mostra que para atingir estes fins não se olha a meios.

AVANTE!

«O Governo comercializou o futebol e fez dele uma grande fonte de receitas, por isso este desporto é praticado com a preocupação exclusiva de ganhar jogos e campeonatos. A preocupação de praticar bom futebol e de elevar o seu nível técnico tornou-se secundária.

«Por esta razão aumenta de forma impressionante o número de jogadores «importados» do estrangeiro nas equipas de 1.ª, 2.ª e até da 3.ª divisão. Há equipas de futebol onde quase metade dos seus jogadores são estrangeiros. E, o que é grave, essa percentagem parece aumentar cada vez mais. O FC do Porto, o Sporting e outros clubes anunciam a aquisição de novos jogadores estrangeiros.

«Tal situação não beneficiará em nada o futebol nacional, pois impedirá a revelação e o aperfeiçoamento de novos jogadores portugueses. A prová-lo está o facto de alguns dos melhores jogadores da 1.ª divisão não poderem ser seleccionados para a equipa nacional, precisamente porque são estrangeiros.» (...)

«Acabe-se com a 'Inundação' de Estrangeiros no Futebol Nacional» — «Avante!», VI Série, n.º 222, 1.ª Quinzena de Outubro de 1956.

AVANTE!

«Entre os muitos problemas que o salazarismo se mostrou incapaz de resolver, encontra-se o da emigração. Sempre que, dentro do nosso país, o nosso povo não conseguiu angariar o suficiente para viver, procurou recorrer à emigração como meio de salvação. Por isso, nas épocas de crise, ela tende a intensificar-se. Raro é o barco que parte para portos estrangeiros, onde não se introduza um ou mais passageiros clandestinos. E os que ainda conseguem dinheiro para a passagem chegam ao porto de destino nestas condições: 'chegou o Mousinho (Rio de Janeiro) com mais um carregamento humano... um verdadeiro rebanho de mendigos andrajosos, sujos, cobertos de parasitas, na maioria analfabetos'. ('Diário de Notícias' de 27/3/47). (...)»

«Incapaz de fomentar a produção no continente, de forma a ocupar os milhares de braços que se vêem na necessidade de emigrar para encontrar ocupação, o salazarismo não vê outro meio senão impedir essa saída para que a sua reputação não fique abalada.»

«O Salazarismo e a Emigração» — «Avante!», VI Série, n.º 108, Outubro de 1947

Avante!

«A situação das Forças Armadas portuguesas na Índia agravava-se de dia para dia. Sabemos que a população goesa mostra aberta hostilidade às Forças Armadas portuguesas, recusando-se a cumprimentá-las e a falar-lhe, por ver nelas o instrumento da opressão salazarista.

«Apercebendo-se do papel de carrascos e de opressores que cabe às tropas portuguesas na Índia e sujeitos a uma má alimentação e doenças, os soldados e marinheiros mostram-se descontentes, revoltam-se contra a oficialidade fascista.

«Além disso, há milhares de soldados que se encontram na Índia há mais de um ano e que anseiam por regressar ao país e para juntos dos seus. (...)»

«Sabedores a que infame papel o governo traidor de Salazar e o governo americano os destinam, são cada vez mais numerosos os soldados que se recusam terminantemente a ir para a Índia e que se levantam contra a política antinacional e provocadora de conflitos do governo e dos americanos, onde eles figuram simplesmente como carne de canhão.» (...)

«Nem Mais um Soldado para a Índia!» — «Avante!», VI Série, n.º 205, Outubro de 1955

INVENTÁRIO DE FALÊNCIA

É o chamado documento interno. Por tarefa distribuída, devidamente equipados de bloco e esferográfica, dois camaradas plantaram-se nas varandas do Vitória (que já é nosso, o que, sendo Vitória, é significativo!), a anotar com todo o pormenor o «monumental», «grandioso», «nacional» e etc., desfile do PS.

Com rigor milimétrico (que a lentidão da função permitiu e a exiguidade dos participantes facilitou...), anotaram, contaram.

Com a secura de um inventário de escassos *stocks* de uma falência, passaram a papel a contagem.

E é irresistível!

Aqui na Redacção escrevemos estas simples linhas: o que se segue, tal qual aqui nos surgiu é... o desfile!

Início (passagem frente ao CT Vitória): 16.02h.

- Camioneta de caixa aberta (com cerca de 20 pessoas) decorada com apelos ao voto no PS.

- Fanfarra.

- Soares, A. Santos, etc., em fila, seguidos de um grupo de 150 pessoas. Gritam: Só, só, só PS. (paragem breve).

- 5 automóveis com aparelhagens sonoras e bandeiras.

- 2 ranchos folclóricos.

- 40 pessoas.

- 2 automóveis.

- 61 pessoas.

- 10 pessoas.

- 1 rancho folclórico.

- 1 automóvel (paragem breve).

- 31 pessoas.

- 1 automóvel.

- 1 rancho folclórico.

- 100 pessoas (nesta altura o desfile passava há 13 minutos).

- 1 automóvel.

- 1 rancho folclórico.

- 90 pessoas. Paragem; gritam: Liberdade sim, ditadura não; PS é do povo, não é de Moscovo.

- 1 rancho folclórico.

- 120 pessoas.

- 1 rancho folclórico.

- 10 pessoas, algumas com bandeiras do PS, descem ao lado do desfile.

- 1 automóvel.

- 1 rancho.

- 70 pessoas. Gritam: Almeida amigo o povo está contigo; Liberdade sim, ditadura não.

- 1 rancho folclórico (breve paragem).

- 60 pessoas.

- 1 automóvel.

- 70 pessoas (com um pano «Juventude»).

- 10 pessoas.

- 100 pessoas (Pano: JS Porto).

- 1 rancho folclórico (paragem de 6 minutos) gritam: Só, só, só PS; Olé, olé o voto do PS é o melhor que há).

- 1 automóvel.

- 1 rancho folclórico (paragem de 2 minutos).

- 11 pessoas.

- 1 rancho folclórico (breve paragem).

- 12 pessoas (descem pela placa lateral levando algumas bandeiras do PS).

- 130 pessoas (pano: Beja). (O desfile começou há 36 minutos; até esta altura desfilaram 1160 pessoas não incluindo os ranchos folclóricos).

- 108 pessoas (pano: Ferreira do Alentejo).

- 1 automóvel.

- 2 ranchos folclóricos (paragem de 2 minutos).

- Um grupo de 40 pessoas e 2 automóveis ultrapassaram estes ranchos.

- 37 pessoas.

- 1 automóvel.

- 1 rancho folclórico (paragem de 2 minutos).

- 24 pessoas.

- 9 pessoas.

- 1 rancho folclórico.

- 90 pessoas (olé, olé, o voto no PS

é o melhor que há; Almeida Santos amigo o PS está contigo).

- 4 pessoas.

- 1 automóvel.

- 1 banda.

- 10 pessoas.

- 1 rancho folclórico (breve paragem).

- 103 pessoas (pano: Portalegre — Juventude).

- 1 automóvel.

- 2 ranchos folclóricos (o desfile começou a passar há 50 minutos e passaram 1587 pessoas).

- 38 pessoas (incluindo várias que seguem pelo passeio).

- 1 automóvel.

- 1 rancho folclórico (paragem de 3 minutos).

- 35 pessoas.

- 1 automóvel.

- 1 rancho folclórico (paragem de 1 minuto).

- 98 pessoas (Olhão).

- 4 automóveis.

- 1 rancho folclórico (breve paragem).

- 72 pessoas (Portimão).

- 1 automóvel.

- 1 rancho folclórico.

- 44 pessoas.

- 45 pessoas (pano: Almada).

- 1 automóvel.

- 2 ranchos folclóricos.

- 120 pessoas.

- 1 rancho folclórico (1 hora de desfile: 2039 pessoas).

- 130 pessoas (pano: Caldas da Rainha).

- 1 automóvel.

- 1 rancho folclórico.

- 1 camioneta de caixa aberta com 25 pessoas encerra o desfile que durou 1 hora e 4 minutos. Além dos carros (30), da fanfarra, dos ranchos e das bandas (cerca de 30), desfilaram 2194 pessoas. ■



■ Helena Neves

Estas mulheres da APU

Elas, as mulheres da APU, movem-se de maneira diversa. Têm um outro modo de se expressar. Riem de uma forma mais solta. E até a voz é diferente. Voz de exigência e crítica. Voz de combatividade e confiança.

E se as olharem bem no fundo dos olhos, descobrirão que uma iris pode conter a passagem do testemunho de tanta luta de tanta mulher, pode abranger a dimensão da esperança de cada vez mais e mais mulheres... mulheres da APU.

Periodicamente as forças reacção-nárias, aparentadas e afins dão-se conta que as mulheres existem. Não apenas como números — os primeiros — a abater nas listas de emprego, não apenas como objectos de cama e mesa, não apenas como sujeitos a alienar para o consumismo e objecto a consumir, mas como protagonistas decisivas de todos os processos políticos decisivos. E então de acto eleitoral para acto eleitoral, a mulher torna-se objecto do discurso. E surgem mesmo curiosas e significativas figuras de estilo...

Lucas Pires, com o habitual sorriso alarve, clama que os beijos das mulheres portuguesas são melhores que vitaminas. O PDC louva as mães portuguesas como as que têm maior capacidade de sacrifício em todo o mundo. Almeida Santos promete restituição às donas-de-casa (e só se restitui o que se usurpou...). Cavaco e Silva joga uma de «pater famílias» condescendente, moderno, à americana... Enfim das maneiras mais primárias, grosseiras mesmo, às técnicas mais envolventes emocionalmente, os partidos reacção-nários procuram enredar as mulheres nas teias da sua demagogia. Prometendo mundos e fundos mais uma vez. Apelando à paciência — dita excelsa virtude feminina pelos conservadores de todas as latitudes e épocas. Jogando na instrumentalização dos sentimentos, à qual as mulheres são tão vulneráveis, vítimas da mentalidade dominante que identifica como expressões de amor feminino e maternal o sacrifício e as várias formas de escravidão doméstica, de sujeição ao «lar, doce lar».

Tudo isto significa pura e simplesmente que as mulheres como sujeito político colectivo são determinantes em todos os processos políticos. Tanto nos de recuperação capitalista como nos de política alternativa, em defesa da democracia, da liberdade, da paz. O grande problema para as forças reacção-nárias é um só mas insolúvel: a movimentação das mulheres orienta-se cada vez mais pelos caminhos de Abril, caminho que as mulheres desvendaram, na resistência, com olhos de luto e gestos de luta, caminhos que tantas descobriram e descobrirão como seus. Caminhos de que a APU é o único garante.

Novo rumo na vida das mulheres

É uma movimentação natural, irresistível, instintiva mesmo, esta que traz as mulheres à maré crescente da APU. Nasce da imersão do individual no colectivo. Da consideração das pequenas e das grandes coisas. Da certeza de que na mais densa floresta não há duas árvores iguais. Da afirmação de uma forma de querer mais plena, mais exigente.

Porque as mulheres querem a paz nas fronteiras e nos lares. Querem o fim da violência contra os povos e o fim de violência contra elas mesmas, no trabalho, na sociedade e em casa (recorde-se que a ONU considerou em 1984, a violência do homem sobre

a mulher exercida em casa como o crime mais numeroso, mas encoberto e impune do mundo).

Porque as mulheres querem o direito ao trabalho não simplesmente como fonte de sobrevivência mas como raiz de libertação. Querem a maternidade como escolha e não como sujeição. A maternidade como impulso à luta — vejam-se as mães da Praça de Maio na Argentina — e jamais como justificativa de passividade. Querem o reconhecimento da diferença sem que tal seja argumento de negação da igualdade.

Porque as mulheres querem que o lado a lado não seja apenas rima de

canção de gesta mas vivência no dia a dia.

É uma movimentação imparável esta a das mulheres na APU. Feita do reconhecimento entre os objectivos propostos colectivamente e o desejo profundo de cada uma a transformar a vida, a sua própria vida no fora e no dentro, no trabalho, na sociedade e também no interior da relação com o outro, na intimidade, no amor, no prazer.

Entrecruzando a luta comum e a sua luta específica sem jamais separar uma da outra nas igualmente sem jamais reduzir uma à outra, as mulheres trazem como argumento de peso contra a política dos governos PS,

PSD e CDS o imponderável da sua angústia, da sua frustração nestes nove meses áridos, a força do seu repúdio, a confiança na sua combatividade.

Na maré crescente da APU, elas estabelecem novas pontes, novas vias de comunicação entre o público e o privado, alargam o conteúdo do político, procuram dar forma ao País novo que lhes vire do avesso os dias, que dê novo rumo às suas vidas.

Por tudo isto, as mulheres da APU movem-se de maneira diversa. Têm um outro modo de se expressar. Riem de uma forma mais solta. E até a voz é diferente. Voz de exigência e crítica. Voz de combatividade e confiança.



SAI O GOVERNO FICA O NARIZ

Quase todos os dias se lê ou se ouve acerca das exorbitâncias do Governo demitido de Mário Soares, o que, dito de outra forma, significa que diariamente há notícia de que o executivo em gestão mete o nariz onde não é chamado.

Só que uma coisa é o nariz das pessoas e outra, bem diferente, o «nariz» de um Governo. O primeiro coscuvilha na pacatez do quotidiano individual e só ganha impacto quando traduzido por anedotas anónimas e anódinas; o segundo, de cada vez que investe, contente, melindra e prejudica o colectivo dos portugueses. Isto porque o nariz de um Governo tem muito que se lhe diga, a começar pela gravidade da própria existência de tal «nariz».

De resto o executivo PS/PSD teve uma trajectória eminentemente nasal desde a sua tomada de posse até à saída por desempossamento, cerca de dois anos mais tarde, pelo que nem é de estranhar esta nova arremetida. Quem não se lembra do seu permanente «pêlo na venta» quando se tratou de lidar com os trabalhadores e respectivos interesses, ou o seu «nariz no ar» sempre que os «special friend» de dentro e de fora manifestaram desejos? E não é verdade que «caiu de nariz», como corolário lógico de tantas narigadas?

Mas não são as ventas do Governo o que nos preocupa — grave, mesmo, é a exorbitância de poderes que estes pinóquios têm praticado de dentro de gabinetes, ministérios e secretarias que não lhes pertencem desde 12 de Julho passado.

Demitido que foi e em funções de gestão como está, o Governo de Mário Soares deveria ater-se, rigorosamente, à administração dos negócios correntes do Estado, já que lhe ficou vedado, por lei, qualquer tipo de iniciativa governamental desde 12 de Julho passado, a data em que foi demitido. Uma breve mirada sobre estes dois meses e tal de «gestão» dá-nos a ideia do que esta gente entende por respeito pela legalidade democrática.

No próprio dia da sua exoneração uma Resolução do Conselho de Ministros (publicada na folha oficial a 26 de Julho) permitiu que a «Tinto Investments Bristol» e a «Rio Tinto Zinc Metals» (ambas da R. T. Zinc Corporation) adquirissem 49% do capital social da **Somincor** (Sociedade Mineira Neves Corvo), o que significou a entrega ao capital estrangeiro deste importante sector mineiro. De acordo com a Resolução, a EDMA (Empresa de Desenvolvimento Mineiro do Alentejo, EP), que detém 51% do capital da **Somincor**, «não exerceu o direito de preferência, de acordo com a orientação tutelar», isto é, de acordo com a orientação do Governo.

«Necessidades» de quem?

Começamos com um exemplo legislativo. Continuaremos com mais alguns, que violaram a «regra da estrita necessidade — Artigo 189.º, n.º 5»:

No Conselho de Ministros de 19 de Julho iniciou-se «a apreciação dos Projectos de Decretos-Lei que aprovam os estatutos das seguintes empresas públicas: Quimigal — Química de Portugal, EP; Tabaqueira — Empresa Industrial de Tabacos, EP; EDP — Electricidade de

Portugal, EP; Ferrominas, EP; Sidurgia Nacional, EP; Fábrica-Escola Irmãos Stephens, EP; Empresa de Desenvolvimento Mineiro do Alentejo, EP; Portucel — Empresa de Celulose e Papel, EP; Setenave — Estaleiros Navais de Setúbal, EP; Unicer — União de Cervejas, EP; Centralcer — Central de Cervejas, EP; Companhia Nacional de Petroquímica, EP; Estaleiros Navais de Viana do Castelo, EP; Empresa Nacional de Urânio, EP; Cimpor — Cimentos de Portugal, EP».

A 1 de Agosto o Conselho de Ministros não esteve com mais aquelas: aprovou um Decreto-Lei que «define

os termos em que serão estabelecidos acordos de colaboração entre a Administração Central e os Municípios para a realização de programas de habitação social destinados ao realojamento de população residente em barracas» (imaginem-se! Em dois anos de Governo não se preocuparam com as barracas, e agora, quando não têm poderes para tal, legislam «a acabar» com elas!), e ainda um outro Decreto-Lei «que cria a zona de jogo permanente de Vidago-Pedras Salgadas», dada «a necessidade de criar no interior do País um polo de desenvolvimento turístico face ao desequilíbrio que se verifica em relação ao litoral» (resta saber quem, realmente, viu satisfeitas as suas «necessidades» com esta flagrante exorbitância de poderes...).

Dos terroristas aos sobrinhos

Foram apenas alguns exemplos de «abusos legislativos» e não um levantamento das exorbitâncias do Governo

de Mário Soares nesta matéria. Há outros casos. Mas passemos agora em revista títulos de Imprensa entre tanto vindos a lume ao longo destes dois meses e tal, para ilustrar de um ângulo menos «oficioso» o que tem sido a actuação deste Governo de «gestão».

Em Agosto, Cavaco Silva (armado em inocente...) culpa ministros do PS de agirem de forma pouco transparente na transferência de tecnologia estrangeira para o fabrico de centrais digitais de comutação telefónica; o Tribunal Constitucional decide limitar acções ilegais do Governo sobre o Orçamento de Estado através da declaração de inconstitucionalidade de várias disposições do Artigo 17.º daquela lei; as organizações representativas dos trabalhadores acusam o Governo e o CG de estarem a tentar destruir a empresa pública Petrolgal; Dias Lourenço, da CP do CC do PCP, acusa os partidos do Governo de manipularem escandalosamente a comunicação social estatizada, designadamente a RTP e a RDP, para a sua propaganda eleitoral; Governo não comenta, sequer, a escandalosa inge-

rência nos assuntos internos portugueses do indigitado embaixador dos EUA em Lisboa, Frank Shakespeare (aqui nem a dignidade de «gestão» conseguiu ter...); pedido inquérito pelos trabalhadores do PPD/PSD dos CTT/TLP à actuação do ministro do Equipamento Social e do secretário de Estado das Comunicações no processo das centrais digitais; o PCP considera manobrista eleitoralista e abuso de funções governativas a forma como vai ser pago o subsídio de gasóleo à agricultura; Governo credencia agente dos terroristas da Renamo em Lisboa como «correspondente de Imprensa» permanente; Governo dá segundo aumento aos gestores da Carris com efeitos retroactivos a Janeiro (um dos contemplados é sobrinho de Almeida Santos), estes compram cinco novas viaturas para uso pessoal e entretanto anuncia-se que nos próximos dois anos não há dinheiro para aumentos de salários nem renovação de frota desta empresa pública; apesar da condenação internacional, Governo intensifica contactos financeiros com o regime racista sul-africano; são marcadas cinco reservas ilegais para a próxima semana na zona da Reforma Agrária (Évora, neste caso).

Nas ventas

Isto, em Agosto. E o mês passado? Ora vejam:

Tentativas de entregas ilegais de reservas na zona da Reforma Agrária que passam por várias fases, desde a recusa de funcionários do MAP em as executar, dada a flagrante ilegalidade, até à imposição através de contingentes de 500 homens da GNR, culminando no cancelamento das «operações» graças à firme resistência dos trabalhadores (que não aceitaram nenhum dos esbulhos concretizados); o Conselho da Comunicação Social considera que a manipulação da Informação está a atingir foros de escândalo, com relevo na RTP, o que, a continuar, porá em causa transparência de eleições; bancários eleitos nas listas unitárias do Sindicato do Sul e Ilhas denunciam o Governo demitido e os conselhos de gestão da banca nacionalizada de continuarem a utilizar os dinheiros públicos para criar, financiar e desenvolver a banca privada (e dão exemplos, com nomes e montantes); a administração da Lisnave admite perante os trabalhadores que o despedimento colectivo em curso foi decidido pelo Governo por razões de ordem política; Governo nomeia 33 gestores para a banca nacionalizada, incluindo a nomeação de um homem do PS — Galhardo Simões — para a presidência do Banco Fonsecas & Burnay, onde tem crédito mal parado em seu nome!

Chega. Voltando à questão dos narizes, é melhor pararmos por aqui antes que o mau cheiro nos lese seriamente a pituitária. Quanto a tais partidos e tal Governo, o eleitorado lhes dará resposta conveniente neste fim-de-semana.

E nas ventas.

■ H. C.



■ **Luís Dantas**

A visão de um profissional Marketing político nas eleições de 85

1. Utilizado já em numerosos países ocidentais, o conceito e a prática do chamado **marketing político** transformaram-se nos últimos anos num recurso habitual do Partido Socialista, do FPD/PSD e do CDS.

O **marketing político** significa uma mudança qualitativa importante em relação à prática da **propaganda política**. Historicamente, esta antecede a **publicidade comercial** que por sua vez é anterior ao aparecimento do **marketing**.

Como veículo divulgador ao nível de grandes massas das propostas políticas, a **propaganda política** surge com maior vigor a partir do século XVIII e das revoluções burguesas confluindo para o seu aparecimento a necessidade de mobilização política por elas geradas e os meios técnicos (tipografia nomeadamente) entretanto desenvolvidos. A **publicidade comercial** acompanha essencialmente, a partir da segunda metade do séc. XIX, a produção industrial de produtos de grande consumo.

2. Desenvolvido particularmente nos Estados Unidos depois dos anos 30 deste século, o **marketing** é definido como «a procura e organização funcional de todos os meios que se devem pôr em acção para assegurar a expansão comercial de um produto» (A. Birou). O **marketing** envolve várias etapas em que se salientam os **estudos de mercado** com vista à definição dos interesses e necessidades do público, a **organização de produção e redes de vendas e a publicidade**. Numa síntese muito divulgada, a Associação Francesa de Marketing no seu primeiro congresso (1960) definiu que «o conceito de **marketing** implica a aceitação pela direcção da empresa que qualquer decisão seja tomada com base nas necessidades de consumo do consumidor, e não nas suas. Significa que se teve em consideração a procura em vez da preocupação exclusiva da oferta».

3. O alargamento do conceito e prática do **marketing** à acção político-partidária surge evidentemente como um recurso a meios tecnológicos e funcionais por parte de estados-maiores político-partidários face a um esvaziamento da participação política militante dos seus aderentes e das massas em geral. Privados, por anquilosamento da estrutura partidária, do conhecimento da realidade social que, actuante, ela fornece, limitados na definição de programas ou propostas mobilizadoras por essa situação e privados do próprio aparelho político-partidário para a divulgação dessas propostas, recorre-se às técnicas e estruturas técnico-profissionais para suprir tal situação.

4. O **marketing político** tem-se revelado essencial aos partidos politicamente situados à direita por duas ordens essenciais de razões:

a) os objectivos políticos de classe da direita não correspondem por definição aos interesses da esmagadora maioria do eleitorado;

b) os sistemas ideológico-políticos da direita, a insulação social das camadas sociais que a definem e a sua prática política constituem obstáculos reais a um conhecimento objectivo e exacto do eleitorado.

As técnicas de **marketing aplicadas à política** podem assim contribuir para suprir dois objectivos:

a) proporcionar um conhecimento mais real da sociedade quando este é impossível ou deficitoso por processos directamente político-partidários;

b) definir campanhas/acções políticas de acordo com esse conhecimento e que cultem os objectivos reais e/ou adaptem ou construam programas/propostas alheios aqueles mas concordantes com a realidade pela fase de inquirição do **marketing**.

5. A eficácia do **marketing político** é a priori limitada por dois factores essenciais:

a) Ao contrário do que sucede no **marketing económico**, as conclusões da fase de inquirição (admitindo o seu rigor) não definem a **produção** (neste caso, a efectiva orientação programática do partido), mas exclusivamente a **promoção**;

b) O inquérito limita-se assim a condicionar a **apresentação** de projectos que o inquérito revela inadequados e sem aceitação e/ou a criar propostas e formulações alheias à essência política da força em questão mas de acordo com as averiguadas tendências do eleitorado.

Nestas circunstâncias e contraditoriamente com a própria essência do **marketing económico**, o **marketing político** tende a definir uma situação limitada e condenada a prazo e não um **processo** que se desenvolve no tempo.

6. É evidente que, onde se verifica que uma confluência entre as propostas/programas políticos e a efectiva situação/ansios do eleitorado, as técnicas de **marketing** podem revelar-se úteis: podem proporcionar um alargamento do conhecimento do tecido social para além das fronteiras sociais da estrutura político-partidária bem como de fenómenos ou sensibilidade circunstanciais, podem assegurar o recurso a meios técnicos de testada eficácia e ainda darem um importante apoio/conhecimento face à concorrência de forças que dele se socorram sistematicamente.

7. Toma-se assim evidente que a questão essencial do **marketing político** não é o **marketing** mas sim a **política**. Só em prazos historicamente muito curtos (o que não significa politicamente irrelevantes) uma eficaz acção de **marketing** salva uma má política ou uma deficiente acção condena uma boa política.

O quadro político-institucional, o grau de **participação permanente** do eleitorado na acção política é igualmente determinante.

Em regimes onde a participação massiva se faz essencial ou exclusivamente através de actos eleitorais pontuais, o impacto do **marketing político** é muito mais condicionante e eficaz do que noutros (como é manifestamente o caso português) em que o quadro institucional assegura e formula uma intervenção quotidiana geral na coisa pública e a sociedade atinge um grau de estruturação colectiva e sectorial muito desenvolvido.

8. Coerentemente com o falhanço das propostas e práticas políticas do PS, do PPD/PSD e do CDS ao longo dos últimos anos, a presente campanha eleitoral evidencia um intenso recurso destas formações ao **marketing político**.

Embora se possa constatar que esta situação pode contribuir para um

atenuar dos resultados eleitorais que a pura situação político-social imporia, parece desde já evidente que o saldo não é positivo, essencialmente por duas ordens de razões:

a) as limitações congénitas já apresentadas do recurso ao **marketing**;

b) a sua evidente má utilização, seja por impossibilidade funcional no confronto das técnicas com a prática dos partidos que a elas pretende recorrerem, seja pela mecânica e primária aplicação de metodologias do **marketing económico** ao político, seja ainda por má qualidade técnica, criativa e de investigação das campanhas gisadas.

9. A título de exemplo do anteriormente afirmado, podem — sem qualquer carácter exaustivo — assinalar-se os seguintes pontos:

a) a acção propagandística de **personalização** das formações partidárias e suas propostas político-programáticas em função de um dirigente. Trata-se de uma aplicação de um conceito primário de singularização de marca comercial buscando a unicidade do acto de compra; corresponde a um objectivo de **ocultação** da «qualidade e características do produto» (neste caso, a prática e projectos políticos) tornados evidentemente inadequados por recusa pública óbvia; joga em fenómenos socioculturais específicos da sociedade portuguesa (sebastianismo, caciquismo) e em tendências sociológicas constatadas (situações de crise/processos messiânicos).

Como **solução de recurso** (e note-se a sua **generalizada** utilização) pode justificar-se, mas a sua eficácia é mais do que contingente dado que:

• pese embora a tendência primária de identificar o **acto singular** de compra com o **acto singular** de voto, a própria investigação de **marketing** sublinha as diferenças profundíssimas das motivações de compra (unívocas e quase sempre instantâneas na opção da marca) das de voto (complexas, interactivas e processuais). A **identificação personalizada** esvazia as motivações de voto se não for solidamente acompanhada por um enquadramento vasto e conciso;

• o **timing** de uma campanha eleitoral é insuficiente para o desenvolvimento de fenómenos de empatia/identificação, salvo quando se dispõe de personalidades de particulares qualidades (que conduz, comercialmente, ao recurso a profissionais). A criação promocional de personalidades identificadas requer prazos mais dilatados e o máximo de condições de isolamento concorrencial (se uma marca basear uma campanha numa identificação pessoal isso constitui um obstáculo efectivo a esforço idêntico da concorrência). A **personalização promocional** (donde, sempre forçada) é eficaz politicamente em situações políticas não concorrenciais, ou seja, em quadros institucionais ditatoriais onde os impedimentos repressivos à participação política criam a sua necessidade e também as condições de isolamento propícias à sua eficácia (casos nazifascismo, franquismo, etc.);

• finalmente, o esforço em torno de Almeida Santos, M. Soares, Freitas do Amaral, Lucas Pires e em grande parte Cavaco Silva realiza-se sobre figuras à **partida marcadas com fortes elementos negativos**. Não se conta com grande carisma prévio nem com o que se designa por «imagem vir-

gem»: o esforço tende assim a esgotar-se na pura compensação dos elementos negativos prévios. Apenas Cavaco Silva conta com uma situação mais favorável, mas é claro que, mesmo no seu caso, é a sua promoção como «alternativa» que escora uma personalização que, isolada, seria inteiramente insuficiente;

b) o recurso formal ao **populismo verbal** expresso em **slogans** do estilo «vamos a isto», «prá frente Portugal», «cêdesse, o voto que apetece», etc. Inteiramente inadequado ao perfil da personalização (personalidades de origem social burguesa e com formação universitária), constitui um ridículo esforço de mediocre técnica promocional para tentar uma identificação popular dos dirigentes em causa, ignorando o princípio básico de que dificilmente alguém (nem mesmo os utilizadores habituais) se identifica com a tradução escrita da expressões orais e muito menos com primarismos semânticos ou sintácticos (para não falar de violações ortográficas como o «prá...»), nomeadamente no quadro de um fenómeno — a acção política — que se aceita exigir conhecimentos, preparação, mesmo respeitabilidade;

c) a pura transposição de metodologias comerciais, nomeadamente na criação de **leit motives** artificiais (na linha do **marketing** forçado de **criação de necessidade**) ou **slogans** desastrosos. Como exemplos:

— o «conseguimos» do PS. Aceitável comercialmente (a concorrência comercial não actua por acção directa sobre a publicidade de outro produto, mas por acção paralela), é elementar prever o que sucederia à ideia no quadro político-eleitoral...

• o uso do ideais-força inteiramente desenquadradas do quadro sociocultural português. Note-se o esforço do PS na promoção de uma «Integração na Europa» e a adesão à CEE num país em que a esmagadora generalidade da população (se exceptuarmos essencialmente os estratos intelectuais) se encontra histórica e culturalmente formado na ligação atlântica africana ou latino-americana ou ainda o eixo «anti-socialismo» do CDS (errado à partida por se basear numa negativa e não numa afirmativa e por incorrer no erro evidente de supor massivamente desprestigiado o conceito global socialismo).

10. Outros exemplos se podiam enumerar ao nível de **estratégia de meios, ponderação de dados, criatividade gráfica**, etc.

De uma perspectiva puramente técnico-profissional é contudo possível afirmar-se que o recurso ao **marketing político** nesta campanha eleitoral para as legislativas de 1985 evidencia:

a) as limitações inultrapassáveis do próprio **marketing político**, a sua tendência para constituir recurso de formações políticas em crise de funcionamento e implantação;

b) um nível técnico, criativo e funcional extremamente baixo;

c) a comprovação do evidente primado do critério político, na definição de objectivos e na criação da situação para acção político-eleitoral. Comportando riscos nos seus resultados imediatos, o **marketing político** não altera duradouramente o quadro ideológico-político, nomeadamente no período restrito de uma campanha eleitoral;

d) os riscos da acção deste tipo quando entroncada num processo continuado de acção ideológica. ■

■ **Leandro Martins**

Juventude

A juventude não é uma classe, é uma camada da população. Até aqui não dissermos novidade nenhuma, toda a gente sabe disso. Nem toda a gente, porém, age como se soubesse disso. E, em plena campanha eleitoral, vê-se perfeitamente que se há quem trate a juventude como uma camada da população — com as suas características próprias — outros tratam-na como classe, isto é, só lhes interessa aquela parte da juventude que se integra na classe cujos interesses representam. O resto, para esses, é um saco de votos a arrebanhar. De qualquer maneira.

De vários modos, por outro lado, a juventude responde ao conjunto de partidos concorrentes às eleições pagando-lhes da mesma moeda. Ou por instinto de classe ou por sabedoria conquistada em poucos anos de experiência, ou por rebeldia pura ao quadro familiar ou por consciência das responsabilidades que cada partido tem tido na condução do Governo naquilo — e é muito — que a juventude diz respeito. Ou ainda, por concordância com as propostas avançadas no sentido da resolução dos seus próprios problemas. Ou, finalmente, por achar que também tem algo a dizer — e di-lo, e propõe, e participa, responsabilizando-se lado a lado com homens e mulheres feitos na construção de um país onde as esperanças sejam concretizáveis.

A esperança

Teremos assim um quadro não muito diverso daquele que respeita à maioria da população. Que é que, afinal, distingue a juventude do resto do povo português? Os anos verdes? O modo de vestir? O encontrarem-se os jovens sobre o fio da navalha que é a estreita beira que separa as esperanças das responsabilidades? Tudo isso, dizemos nós, e muito mais.

Não iremos ao ponto de, como alguns a propósito da democracia dizem, afirmarmos que a juventude é um estado de espírito. Não é: antes se trata de um particular modo de ver a vida quando ela começa e ao mesmo tempo adquire um significado for-



te. O tempo dos projectos, das esperanças, o início da concretização — não digamos de sonhos, porque a gente sonha em qualquer altura — de rumos que a gente escolhe, por muito difícil que a escolha se apresente quando no quadro onde chegamos à vida a vida se apresenta com poucos direitos, poucas oportunidades, poucos caminhos abertos a essa escolha.

Mais: o que caracteriza a juventude é, sobretudo, a esperança — se os dias são maus, outros virão e agora, já, neste momento que corre, podemos meter as mãos à obra para que o futuro seja à nossa medida. Como todos os jovens sonharam sempre, como alguns outros, muitos também, souberam continuar a sonhar e a abrir caminho — muitas vezes não já para si próprios mas para os filhos, para outros, descobrindo a razão de ser da sua luta na oportunidade que abrem para os outros...

E mais ainda: a generosidade. E aqui também, as classes podem de certo modo — não totalmente! — diluir-se na camada que a juventude é. A classe ainda os não conseguiu diferenciador por completo, um certo fundo de despojamento — no sentido de nunca terem possuído realmente de seu — os liga a todos numa solidariedade que consegue em comum o sentir que o mundo todo, sem partilhas, pode vir a partilhar-se com justiça.

Esperança, pois. Generosidade. O que os une a todos — os jovens que ainda não optaram pela classe a que pertencem ou que têm ainda uma escolha a fazer, fora da classe a que «naturalmente» podem aceder.

Os jovens chegam, pois, todos um dia — venham de que classe venham — à idade de votar. A campanha abre-se. Que fazem? Onde estão? A quem juntam a voz? Que dizem com a sua própria?

Vêmo-los

Nas viagens de campanha, temos tido oportunidade de vê-los. De todos e em todos os quadrantes. Mais aqui, menos ali, com diversas formas de intervenção ou de olhar um mundo que à sua volta se desenrola.

Vêmo-los, por exemplo, em «boogies» de praia, distribuindo sacos de plástico vazios, com a marca PS, às pessoas que não conseguiram, nos mercados, encher a cesta de vitualhas. Vêmo-los, por exemplo, circulando em caravanas de carros ricos, ostentando bandeiras cor-de-laranja-PPD e fazendo chifrinheira da grossa, como se à força de decibéis e estardalhaço convencessem outros jovens a correrem, sem carro, atrás de, um qualquer cavaco. Também se vêem, por exemplo, nos carros CDS, distribuindo prospectos de moral e gosto duvidosos.

Vêmo-los, ainda — e não raramente — um pouco aturdidos na confusão que lhes parece a campanha eleitoral, correndo ao sabor das músicas, do espectáculo. Vêmo-los até — e os exemplos disto têm sido infelizmente vários — chegar a um Centro de Trabalho do PCP e perguntarem, candidamente, quanto é que a gente paga por colar cartazes. Que, dizem, no PPD e no PS é um ver se te avias, o preço à hora é aliciente...

Vêmo-los, porém — e cada vez em maior número, nas iniciativas da Aliança Povo Unido. E não falamos apenas dos que, muitos, levam consigo as bandeiras e fazem a festa no comício, dos que desfilam com as faixas das suas reivindicações, dos que animam as concentrações com a sua presença viva.

Queremos falar desses e doutros



— são afinal os mesmos — que metem a mão na massa da campanha, que também é deles, levam o balde da cola, o pincel e a escada, os cartazes APU e as tintas para os murais que decoram cidades, vilas e aldeias, cada vez mais deles.

Queremos falar dos que sabem as razões porque nos acompanham. E não só nos acompanham mas fazem connosco o seu próprio caminho, convictos de que é a vez deles, é altura de luta e de escolha. Para colocar o país à altura das suas aspirações, para que os seus sonhos se possam concretizar.

Têmo-los visto. Dizem: «Jovem, é a nossa vez! Vamos votar APU!»

Ter voz

Não é a primeira vez que no país a crise parece fechar horizontes a uma geração e essa, logo nos verdes anos, se organiza e combate. No tempo do fascismo, que os jovens dos dezoito anos de hoje não conheceram para que lhe reconheçam as ameaças, os jovens desse tempo perderam muito, mas sobrou-lhes a esperança.

Hoje a crise lança centenas de milhares de jovens no vazio do desemprego, na falta de primeiro emprego; lança-os no vazio da falta de lugar na escola, ou num ensino mediocre e caro — cada vez menos os filhos dos trabalhadores têm acesso a um lugar de estudo, têm acesso ao livro, ao custo do ensino. Lança-os na incerteza de virem a poder fundar, como é de seu direito, um novo lar.

Mas sobra-lhes a esperança. Vê-se.

Tirando os privilegiados — que temos visto passearem de carro rico bandeiras para a «maioria», seja ela PS ou PSD — todos os outros, filhos de operários ou de empregados, de quadros, de pequenos empresários,

têm pela frente, mais ou menos, as mesmas dificuldades de abrir um futuro em que possam realizar-se. Por isso juntam vozes. À nossa.

Não se limitam a olhar, de fora. Trabalham pela mudança. Não se limitam a dar uma ajuda. Se se empenham na propaganda, na colagem, no mural, no carro de som, empenham a sua própria voz. E dizem, connosco, de sua justiça. Reclamam, exigem, reivindicam. Propõem as soluções.

Têmo-los visto falar nos comícios. Mostrar a face como candidatos do Povo Unido. Não andam por aí a espera. Vão.

E dizem, como temos visto e ouvido: «Jovem, é a nossa vez, vamos votar APU!» ■

■ **Ulisses**

A RTP e a campanha

1 Durante a campanha eleitoral, abriu-se na RTP um espaço a aproveitar pelos partidos concorrentes. Tal não resultou de uma deliberação própria. É da lei.

Mas nem só nesse espaço se fez propaganda eleitoral. Outros houve, dentro da televisão, onde ela se fez à grande e à francesa mas apenas num sentido: ao serviço do PS e de Mário Soares.

Temos assim propaganda eleitoral em três vectores:

a) — legalmente, incluída no espaço da campanha;

b) — ilegalmente, disseminada ao longo de todas as rubricas informativas;

c) veiculada através doutras rubricas e de maneira desavergonhadamente ilegal.

Para não falarmos já da autêntica máquina de lavagem ao cérebro que foi a televisão nos últimos tempos. Pode garantir-se que a RTP se encontra em campanha eleitoral há dois anos.

2 Os erros praticados pela coligação PS-PSD não deram a nenhum destes partidos grande espaço de manobra. O mesmo se poderá dizer em relação ao CDS, entusiástico apoiante de todas as mafeitorias.

O resultado foi aquela ginástica ansiosa por fugir às responsabilidades — por vezes com aspectos verdadeiramente caricatos.

O CDS apresentou-se a público com uma chave obscena e oscilou

sempre entre o gongorismo de Lucas Pires e o «humorismo» do Óscar Acúrcio, duas faces da mesma anedota. Ouvimos coisas deliciosas: «Nós, CDS, somos povo...» «Só nós podemos restituir a dignidade aos trabalhadores portugueses...» «O CDS é o único partido que nunca dirigiu o País...». Assim por diante.

O PSD praticamente não existiu. Apenas existiu Cavaco Silva. Tratava-se de desviar as atenções, aliviar aquele partido da carga onerosa de uma governação dos diabos e focar apenas uma **imagem nova** — a de um dirigente descomprometido (!) e purificado pela oposição...

Quem assistisse à propaganda sem saber nada do que se passa em Portugal nos últimos anos, pensaria que o PSD sempre fora um partido oposicionista. Numa das emissões, por exemplo, populares diziam de sua justiça: «tem sido um governo de pouca vergonha», dizia um, «os nossos filhos acabam por morrer de fome» dizia outro, «pagamos um balúrdio de renda de casa», protestava outro ainda.

E o Cavaco? O Cavaco sorria, inefável. O Cavaco dizia que sim, com a cabeça. O Cavaco inflamava-se: «Eu não prometo, eu acuso...» «O que conteceu nos últimos dois anos não pode continuar.»

Só visto. Porque, contado assim, ainda pode haver quem não acredite...

Quanto ao PS, o seu discurso era como o visual: de uma pobreza franciscana.

O Almeida Santos não é homem

para estas andanças. Aparecia sempre em ar de lamúria, como os pobrezinhos que pedem esmola nas caves do metropolitano. Penitenciava-se. Aquela história de abolir o papel selado fora apenas um símbolo, com mil demónios, já um homem não pode usar uma metáfora! Quanto ao passado, bom, «não queremos saber do passado!», dizia, como se dissesse «deixemos as coisas tristes, c'um raio, falemos de coisas mais agradáveis...»

Também acho. O ideal era não falar de coisa nenhuma e fazer uma emissão com ele e os seus amigos a jogar o «poker», no meditabundo ritual tão ao gosto dos seus amigos capitalistas. Batotice, de facto, antes o «poker»!

Acabaram por remodelar o visual: mais fronha do dr. Soares mais musquinha género «spot» publicitário de detergente (ah, o complexo dos **glutões...**) e a voz **épica**, com estretos de bombo nas lonas, do Manuel Alegre: «Temos uma moral, temos uma ética...» Enfim, têm tudo menos vergonha! E lá veio, na voz adormecida de si mesma, a cantilena, sem convicção, da urgência em combater a direita. Com Mário Soares, claro...

Não havia palavras: havia serra-dura.

Não havia argumentos: havia armadilhas.

Não havia rostos: havia máscaras.

3 Outro tipo de propaganda se desenvolveu na televisão através de **todas** as rubricas



de informação, com maior incidência no **Telejornal**.

Aqui houve sempre a preocupação de nos impingirem o estafado visual do dr. Soares, coma desculpa de se encontrar nas suas funções de primeiro-ministro...

Claro que o barrete não cola. Eram iniciativas mijonas, arranjadas à pressa para veicular a fronha do «friend». É certo que não deram imagens da sessão em que ele presidiu à abertura dos jogos de belindre entre os putos da minha rua. Indesculpável!

Onde quer que ele aparecesse

como ministro, ele, ou alguém por ele, falou sempre em termos eleitorais. O Soares nem o SIDA poupou: lá se enjorcou uma sessão em que ele apareceu, muito sorridente, de facto o SIDA é assunto muito divertido. Gonelha no uso da palavra: «Temos agora grandes perspectivas!» Ninguém chegou a perceber se se referia ao Governo, se ao PS, se ao SIDA.

Telejornal, por outro lado, sempre defendeu as jornadas eleitorais do PS. Não eram reportagens: eram autênticas formas de propaganda, eram artigos de promoção, género abertura

Os jornais e a campanha

Uma análise global do comportamento da comunicação social em relação à APU durante a campanha eleitoral, é ao nível da televisão que detecta as maiores manipulações. É aí que o poder político-económico ligado à evolução do país nos últimos nove anos, e desenvolvido à sua sombra, mais tem investido. Este investimento não é ocasional: cerca de 80 por cento dos portugueses vêem todos os dias o Telejornal, enquanto menos de 20 por cento lêem diariamente os jornais... Estes, porém, não são propriamente o paraíso democrático que seria de supor, se déssemos ouvidos às suas profissões de fé. E que certas «distorções» ultrapassem as marcas, disso não tenhamos dúvidas.

É evidente que falamos essencialmente dos jornais do sector público, visto que são estes que estão legalmente sujeitos a determinadas regras de «pluralismo» e «objectividade» por cujo não cumprimento devem ser responsabilizados.

Em relação à imprensa privada de direita, aliás, há que reconhecer que não é só a APU que é discriminada, falsificada ou ofendida — são a democracia e o 25 de Abril. Uns alinham na «tese» do CDS de que a situação no país se deve ao «socialismo» vigente (!); outros vão mais longe e, sem reboço, o que condenam são as eleições em si — e o PCP, esse, nem sequer devia poder existir...

Mas exceptuando estes casos extremos e «incuráveis», deve dizer-se que ao nível da imprensa, e tendo em conta actos eleitorais anteriores, se manifesta em vários casos uma tendência que de certo modo reflecte e acompanha a evolução verificada no

terreno social: uma maior compreensão e abertura em relação aos comunistas, um maior respeito por uma força cujas implantação e influência cada vez mais surgem não como algo de inexplicável mas sim como fruto de uma coerência e justeza de posições confirmadas ao longo dos anos.

Constatar isto não significa admitir que na imprensa estatizada desapareceram as discriminações contra o PCP e a APU, nem, muito menos, como é óbvio, que deixaram de existir as forças e as pessoas interessadas nisso. Só que os tempos vão mudando e, apesar de tudo, não correm a favor dos inimigos de Abril...

Mas o certo é que as discriminações continuam a ser muitas, umas mais e outras menos descaradas, conforme a campanha o tem vindo a demonstrar (alguns dos casos mais flagrantes têm sido protagonizados por jornais do Porto). Um exemplo entre muitos foi-nos dado pela forma

como certos jornais trataram os «incidentes» em Aveiras de Cima (V. F. de Xira) e Oriola (Évora).

No início da campanha eleitoral, num texto intitulado «A nossa opção», o **Diário Popular** afirmava: «Como é nosso timbre e nosso dever, sempre escrupulosamente honrado, as forças políticas concorrentes às próximas eleições terão, nestas colunas, o tratamento que habilite os cidadãos a votar em consciência — isto é, um tratamento imparcial».

Quando dos tais incidentes, aliás, convenientemente empolados e falsificados por todos os que continuam interessados em dar dos comunistas uma imagem de «antidemocratas» — e se possível, de «faca na liga» — que fez o **Diário Popular**? Na sua edição do dia 23 deu a notícia mas... omitindo por completo as posições da APU! E, não obstante as graves e caluniosas acusações do PSD contra um dirigente do PCP, o **Diário Popular** brindou os seus leitores única e exclusivamente com a versão dos «sociais democratas»!

Como «tratamento imparcial» não está nada mau. Mas sublinhe-se que nem o **Diário Popular** foi excepção, nem este tipo de «distorção» foi o único. Em relação a outros «incidentes» mais recentes, tornou-se notória uma outra manobra: a dos grandes títulos dando uma dimensão e uma grávida



de aos acontecimentos que eles, de facto, não tiveram.

Um esquema que não é ingénua

Um outro tipo de discriminação, mais subtil e menos ostensiva, enquadra-se numa questão de fundo, relacionada com a própria visão que um certo jornalismo político tem dos partidos e, entre eles, do PCP.

Ou seja: definiu-se um estereotipo da vida política, da «classe política» e

dos partidos — um estereotipo importado, baseado nos critérios da democracia à moda da CEE e depois ligeiramente adaptado às exigências do Terreiro do Paço e da linha do Estoril — e, à força, procura-se tudo nele encaixar.

Ora, se tal forma serve perfeitamente ao **conteúdo** de um PS (com Mário Soares e Almeida Santos à cabeça), de um PSD ou de um CDS, não serve, manifestamente, ao PCP. Só que, em vez de tentar compreender o PCP, as suas características próprias (não «inventadas» ou artificialmente construídas, mas baseadas na sua natureza de classe, na

de saldos nas casas de modas. Paradigmático dessa propaganda foi a reportagem no mercado do Bolhão. Uma desvergonha de todo o tamanho! Foram ao ponto de fazer publicidade à sessão do PS no Terreiro do Paço, o que contraria todas as disposições.

Para certa gente, uma ilegalidade a mais ou a menos que importância tem...

4 A «campanha eleitoral» assumiu outros aspectos e passo a dar dois exemplos:

Um, foi a criação de uma nova rubrica, «Opinião Pública» que se dedicou, na segunda emissão, à vida das autarquias.

E que autarquias foram escolhidas? A de Vagos, presidida pelo PPM (restos da velha AD...) e a de Coimbra e Santarém de presidência... vejam lá se adivinham? Isso mesmo: de presidência do PS...

A emissão assumiu, do princípio ao fim, um tom propagandístico sem qualquer disfarce. Conclusão: o PS tem o segredo da boa gestão autárquica!!!

E agora escusam os leitores de estar para aí a afiar a faca.

A RTP não agiu por mal, aquelas três câmaras foram escolhidas ao acaso, meteram as bolinhas no saco, precisaram de três, saíram aquelas. Pois...

Outro exemplo: No programa «Nós por cá...» registaram o depoimento do

director de um jornal de Beja. Esse depoimento redundou num acto de propaganda anticomunista de rara violência.

Chegou a falar-se na ocupação (!!!!) no Alentejo pelo Partido Comunista e o repórter comentava:

— Vamos todos fazer força para que isso acabe de vez...

Isto aconteceu na televisão. Em 1985. Durante a campanha eleitoral.

5 Podemos, por outro lado, considerar notável o esforço desenvolvido pela APU para esclarecimento do povo português.

Com as suas realizações «esquecidas» no plano informativo; sofrendo múltiplas agressões e golpes baixos no telejornal; caluniada por grupos, grupinhos e grupelhos — a APU prosseguiu a sua tarefa de mostrar, com nomes e números, a hipocrisia, a falsidade, o descalabro e a responsabilidade da coligação PS-PSD.

Mas não se ficou por aí. Apontou as soluções, mostrou como a construção de um futuro melhor **não é possível** sem a participação dos comunistas e dessa participação, como disse Álvaro Cunhal, «só o povo português pode decidir».

A campanha eleitoral tornou **visível** onde estão o desvario e a coerência, o abismo e o caminho certo, a vigarice e a palavra honrada.

Vote-se em conformidade — e a batalha está ganha para a democracia.

sua vida interna, nos seus objectivos de luta), o que esse jornalismo político tenta fazer é adaptar o PCP aos critérios e parâmetros utilizados para a análise dos outros partidos.

O que resulta disto é uma violentação e uma falsificação da realidade do PCP, enfarpelado à força nos noticiários e nos comentários dos jornais com um padrão e um corte que visivelmente não lhe assentam bem — ainda que, naturalmente, sirva os interesses dos que no PCP temem a única força capaz de se opor aos seus privilégios e ambições.

Em termos de campanha eleitoral a cobertura jornalística cristalizou-se numa fórmula que, essencialmente, se resume à «perseguição» dos **leaders** de cada partido e pouco mais. Digamos que é um esquema prático e até de certo modo lógico, que não oferece grandes riscos de desequilíbrios e que, além do mais, simplifica a tarefa e a torna mais económica.

Só que uma tal fórmula, se responde às exigências de partidos que, caricata e demagogicamente, pretendem fazer crer que o que se vai eleger é um primeiro-ministro e não deputados, não se mostra capaz de cobrir uma campanha que, como a da APU, tem outro âmbito, outro estilo e outros objectivos.

E é assim que, por exemplo, um **facto novo** como o é o vasto e diversificado lugar dado este ano à cultura

na campanha da APU, ficou praticamente ignorado em jornais que por um lado frequentemente se queixaram da monotonia, da falta de originalidade e de imaginação das diversas campanhas, e por outro amiúde se lamentam das debilidades culturais da política portuguesa, da minimização da cultura, etc.!

A ignorância a que o programa cultural da APU tem sido votado na comunicação social (e não obstante a maioria das iniciativas terem tido, em Lisboa, no Porto e outros locais, uma excelente adesão popular) mostra como a sujeição das coberturas jornalísticas a esquemas prévios e estereótipos adequados aos partidos da burguesia ou de direcção burguesa acabam por significar uma ostensiva discriminação do PCP e dos seus aliados.

O esforço e o brio profissional de alguns jornalistas, apostados em «furar o esquema» e tomando iniciativas nesse sentido, não pode ser minimizado. Mas o seu exemplo isolado também contribui para sublinhar a injustiça e a imoralidade do esquema.

Um esquema que, obviamente, não é ingenuo — ou não fosse ainda o anticomunismo a grande plataforma ideológica que une os inimigos da justiça social, do progresso e da verdadeira independência nacional.

■ F.C.

...Síntese... semanal da IMPRENSA

Os partidos não são todos iguais.

Tema saliente da semana: PS, PSD e CDS fazem alianças eleitorais para combater a gestão democrática da APU. Como diz um dos nossos recortes, é «o acto visível da frágil máscara que se estilhaça na praça pública». Lá confessa Almeida Santos que é «socialista nas ideias mas capitalista nos amigos». Eles podem ser iguais. Mas a APU é diferente!

PS na Televisão: o País irreal

• «(...) o PS trouxe-nos o País irreal, o da recuperação económica e bem-estar que a generalidade do povo não sente, e prometeu melhorar, é até pela voz de Manuel Alegre, "o diálogo com os trabalhadores" e pela de Almeida Santos, a "execução da lei das rendas" e, mesmo assim, pediu "maioria para governar".»

(Pinto de Carvalho, «Diário de Notícias», 29/Setembro)

Vender a alma ao diabo

• «Solenemente e frente às câmaras da TV, dirigentes locais, distritais e até nacionais do PS e do PSD assinam acordos eleitorais com um único ponto no programa: «desalojar» a APU da gestão democrática de algumas autarquias, sobretudo na região de Lisboa. Ao mesmo tempo, o sr. Mário Soares almoça com empresários do distrito de Setúbal, visando, pelas notícias que nos chegam, o mesmo objectivo, na região sadina. Tudo isto acontece na sequência de algumas alterações na estratégia eleitoral dos dois partidos do Governo, sobretudo do PS; e coincide, facto a reter, com uma grave mudança de atitude da RTP na cobertura do noticiário da campanha eleitoral.

(...)

E assim temos presente como, a uma semana das eleições legislativas, cai de uma vez por terra a pseudo-oposição de toda a direita entre si e entre ela e o PS de Mário Soares-Almeida Santos. Esta gente receia de facto os resultados das eleições, não só das próximas, a 6 de Outubro, mas também, e especialmente no caso do PS e Mário Soares, das autárquicas de 15 de Dezembro. PS, PSD e CDS continuam bem juntos para o prosseguimento da mesma política que arruinou o país e agora têm procurado negar, dela se desresponsabilizando sem um mínimo de dignidade. As coligações PS/PSD nas autarquias, constituem o acto visível da frágil máscara que se estilhaça na praça pública. O encontro do sr. Mário Soares com empresários de Setúbal, pedindo-lhes auxílio — que outra coisa poderia ser? — para «afastar» os comunistas de um distrito onde são esmagadoramente majoritários, demonstra de uma vez por todas quais os aliados que procura, os amigos que deseja, os objectivos antioperários que persegue; e o envolvimento da RTP nesta operação em plena campanha eleitoral, tudo isso diz bem dos contornos e organização de um esquema antidemocrático que nasceu do medo. Quando um partido que se diz socialista procura a extrema-direita para combater a esquerda, é porque os seus dirigentes venderam a alma ao diabo.»

(A. Pereira da Silva, «o diário», 29/Setembro)

Almeida, Cavaco & Lucas

• «Não serei um epiléptico dentro de uma sorveteira, mas revolverei as águas estagnadas.»

(Almeida Santos, «DL», 21/9/85)

• «Sou socialista nas ideias, mas capitalista nos amigos.»

(Almeida Santos, «DL», 24/9/85)

• «O PS está afectado por euroesclerose.»

(Cavaco Silva, «A Capital», 23/9/85)

• «Sinto vergonha ao ver políticos a mentir ao povo português.»

(Cavaco Silva, «A Capital», 26/9/85)

• «O PS terá uma forte recaída de esquerda se Mário Soares não for eleito presidente.»

(Lucas Pires, «A Tarde», 24/9/85)

• «Quando o CDS tiver um milhão de votos, a esquerda sentir-se-á ameaçada.»

(Lucas Pires, «DL», 21/9/85)

APU: As campanhas não são todas iguais

• «"PCP, PCP, PCP". Eram milhares e milhares a aclamarem em uníssono Álvaro Cunhal, um Cunhal arrebatado que já sem reservas garantia à multidão: "Vamos dar uma volta a isto." O

grito de vitória do líder comunista repetiu-se em cada cidade, em cada vila, em cada aldeia, em cada ponto do Alentejo por onde passou até agora. E talvez o mais impressionante não fossem os grandes aglomerados mas as pequenas terriolas, de ruas completamente desertas. Na retina fica, por exemplo, Amareleja, do concelho de Moura, onde o único indício de existência de seres vivos era o rumor longínquo da instalação sonora: toda a gente estava concentrada no largo principal ou nas suas imediações. A imagem era tão impressionante que levou o próprio líder comunista a dizer: "Creio que posso afirmar que todos ou quase todos os votos de Amareleja serão na APU, tantas as pessoas que aqui estão. E posso até garantir que os grandes comícios dos outros partidos nas capitais de distrito não chegam aos calcanhares deste aqui em Amareleja."

(...)

Na noite anterior, em Beja, perante uma assistência que excedia seguramente as dez mil pessoas, o secretário-geral do PCP admitia no entanto a hipótese de, uma vez no Governo, manter Portugal na CEE. "Poderemos continuar na CEE, mas é certo que todos os acordos assinados por Mário Soares e o seu Governo terão de ser renegociados, porque são esses que irão deixar o País na penúria e farão aumentar o desemprego, a miséria e a fome."

Visivelmente empolgado pela multidão ("raramente se viu uma coisa aqui em Beja"), Cunhal fez questão de pôr os pontos nos ii sobre um problema até aqui não abordado: as presidenciais. "É preciso não ter pressas. Precisamos encontrar primeiro o candidato democrático para vencer, aquele capaz de derrotar Freitas do Amaral e Mário Soares", disse. Para o secretário-geral do PCP, são necessários três milhões de votos para assegurar a eleição do "candidato democrático".

Em Beja, como ontem em Santiago do Escoural (onde também se reuniram milhares de pessoas), definiu muito claramente os três objectivos da APU: "Correr definitivamente com o Governo de Mário Soares"; "criar na Assembleia da República condições para que se ponha fim às coligações de direita, com ou sem PS, através do reforço dos deputados da APU"; "criar condições para que a APU possa formar um Governo para fazer o País sair da crise".

(Fernando Diogo, «Diário de Notícias», 29/Setembro)

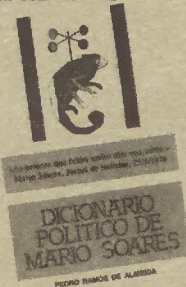
«Em democracia quem mente
ao povo é réu de alta traição.»

Mário Soares, República, 12/12/1965

«As pessoas que falam muito
têm voo curto.»

Mário Soares, Jornal de Notícias, 25/6/1976

DICIONÁRIO POLÍTICO DE MÁRIO SOARES



editorial
CAMINHO

na estrada do futuro

Ir ao Alentejo e ver

Quem pode negar que há mitos e estereótipos anticomunistas que ainda persistem, carinhosamente alimentados por quem da ignorância e da desinformação populares tira dividendos políticos e de classe? É disso excelente exemplo a visão que muitas vezes se pretende dar do Alentejo no resto do País. Entretanto...

Escreve no **Expresso** um jornalista que acompanhou no local os candidatos da APU — e, lido isto, o mínimo que se pode dizer é que não há como ir aos sítios e ver para que algumas teias de aranha (apenas algumas...) sejam destruídas: «A digressão pelas aldeias indica que a hegemonia comunista neste Baixo Alentejo de evidente bipolarização social está para lavar e durar. Reformas políticas desenvolvimentistas poderão alterá-la a longo termo, mas é disparatado atribuí-la ao «medo» ou a uma alegada «falta de liberdade». Os propagandistas da APU não mentem quando falam do «acolhimento fraternal das populações»: a entrada da caravana em qualquer lugarejo é saudada sem exuberância (estamos entre alentejanos), mas as mulheres assomam às janelas de sorriso aberto e punho fechado, os homens lançam acenos cúmplices de

encorajamento, a ligação afectiva com «o Partido» é uma evidência. Os candidatos são geralmente acompanhados pelos autarcas de cada concelho e há quem aproveite para lhes dirigir críticas e reparos, para depois acrescentar: **Mas é evidente que voto na APU. Sempre.**

Alqueva e a escandalosa demagogia

Será que as demagogias e as mentiras do PS, nestes últimos dias de campanha, ainda precisam de ser desmentidas? Pensamos que sim. E até há casos em que esses desmentidos, vindos de quem vêm, adquirem um sabor especial. Repare-se no que o ainda ministro Álvaro Barreto, do PSD, disse há dias no Alentejo: «No princípio deste Governo o Conselho de Ministros discutiu o projecto do Alqueva. Aliás fui eu próprio que em 80, no Governo Sá Carneiro, decidi, como ministro da Indústria, que o projecto devia seguir. Fiz o mesmo neste Governo. O primeiro-ministro concordou, mas a verdade é que ao longo dos meses foi sempre bloqueando o projecto. Agora, ficamos estupefactos quando vimos o dr. Mário Soares vir aqui a Beja assinar um papel com a EDP e dizer que o Alqueva vai para a frente e vai ser pago com o

dinheiro da CEE. Mas que garantias reais tem o sr. primeiro-ministro para falar desse dinheiro, para prometer o que não é seu? Essa assinatura não passou de uma pura manobra eleitoralista na qual se demonstra uma grande falta de respeito pelos alentejanos...» Claro que este Barreto também mente descaradamente porque o PSD nunca mexeu realmente uma palha para o Alqueva ir para a frente...

Acertou!

Maldonado Gonelha em Setúbal: «Antes do 25 de Abril, Setúbal era sacrificada pelo seu antifascismo. Mas agora é sacrificada por ser da APU». Não seria bem isto que o frustrado «parte-espínhas» queria dizer, mas lá que acertou, acertou!

O «alvo principal»

A jornalista do **Expresso** acompanha a caravana do PS no centro da Amadora. Gente da

Pontos Cardeais

Gazetilha

por Ignotus Sum

I

PS e PSD dão guita
aos seus venenos de lacraus.
É tudo fita, tudo fita
são comediantes — e maus...

Não mais se juntam: juram, trejuram...
Mas já desmentem desarmonias:
suas forças apuram
para votar nas autarquias...

O que fizeram, podemos ver;
o que farão, estão a mostrar.
Agora mesmo só quem quiser
é que se deixa enganar...

II

O Almeida Santos diz, num entremez,
em tom de voz enérgico e raso
que se for eleito, num mês
acaba com os salários em atraso...

E explica a ciência
com que desata o nó cego:
empresas prà falência
trabalhadores para o desemprego...

Isto não é político: é ofensa.
Estão lançadas das crises as sementes.
O PS não acaba com a doença:
acaba com os doentes...

III

A pergunta, de ronha,
não é rara:
por que é que o Soares não tem vergonha
na cara?

Mas é outra a questão, não sendo rara,
diante de tanta ronha:
ele é que já não tem cara
para tanta desvergonha...

IV

Faltam escolas, falta o pão
renda de cada aquece, aquece.
— Os grandes interesses com quem estão?
Com o PSD, com o PS...

Rancor ao povo espreita, espreita,
angústia antiga reaparece.
— Com quem estão os votos da Direita?
Com o PSD, com o PS...

Alastram corruptos e ladrões
cresce da infâmia a vasta messe.
— Com quem estão os vendilhões?
Com o PSD, com o PS...

Trabalhador que sofre e sente
na pele o mal de tal enguiço,
essa não é a nossa gente,
é doutra gente a culpa disso.

Na APU está nossa bandeira
somos um povo de irmãs, de irmãos.
Voto na APU é prá vida inteira
com a flor de Abril nas nossas mãos!

Mais dúvidas não há
este é o rumo novo:
COM A APU É QUE ESTÁ
O CORAÇÃO DO POVO!



TODOS PODEM
E EU NÃO POSSO
FAZER UM POUCO DE
DEMAGOGIA ?!!



Esta, só do Seabra!...

Quem quiser compilar as frases insólitas e as declarações mais caricatas desta campanha eleitoral terá de pensar a sério numa edição com vários volumes... E atenção, quando chegar à letra «S», lá terá de apontar «esta» bem à altura do conhecido **Seabra** (José Augusto), o antigo ocupante do Ministério da Educação no tempo de Mota Pinto. Então, não é que o Seabra teve o descaramento de afirmar há dias na capital do Norte que a sua passagem pelo Governo como ministro da Educação foi um contributo para o **desenvolvimento cultural** do Porto? Além de uma mentira colossal, é uma ofensa às forças vivas e à inteligência da cidade Invicta!

As manobras e as cassettes de Manuela Aguiar

Soube-se de fonte segura que a secretária de Estado da Emigração, do demitido Governo PS/PSD, dr.ª Manuela Aguiar, puxou os cordelinhos para que as delegações no estrangeiro do organismo que dirige, fizessem propaganda mais ou menos descarada a favor do PSD e de Cavaco Silva. No quadro desta engenhosa manobra, previu-se a utilização, via oficial, de **cassettes-vídeo** contendo autêntica propaganda eleitoral do seu partido. Entretanto, nas associações portuguesas, particularmente em França, há quem esteja atento à manobra!

Agenda

Avante!

Ano 53 — Série VII
N.º 614

3 de Outubro de 1985

4.º Caderno

Não pode ser vendido
separadamente

Quinta

● LISBOA

As 11.30 visita e almoço c/ trabalhadores/encontro com ORT's da Standard Eléctrica (Lisboa) c/ Octávio Pato. Sessão de esclarecimento no Laboratório Nacional de Engenharia Civil (LNEC), 13h c/ Frederico de Carvalho; às 12.30 minicócio à porta da empresa Triunfo, em Carnaxide, c/ Joaquim Silvério; às 17.30 no Banco Nacional Ultramarino na Rua 1.º de Dezembro, sessão de esclarecimento c/ Octávio Teixeira; às 16.30 no Crédito Predial Português, acção de propaganda; às 12, no Banco Espírito Santo e Comercial de Lisboa, na Av. da Liberdade, acção de propaganda c/ Octávio Teixeira. Nos Olivais — Centrel, visita e sessão de esclarecimento c/ Jerónimo de Sousa; às 9.30, no Mercado de Lisboa visita c/ Jorge Lemos; às 14.30, no Hospital de Santa Maria, sessão de esclarecimento.

● FARO

Pelas 21.30, Festa do Povo Unido no Jardim Manuel Bivar, em Faro, c/ intervenção política de Carlos Brito.

Margarida Tengarrinha encontra-se c/ os trabalhadores do Hospital de Portimão.

Sessão de esclarecimento em Maria Vinagre, Aljezur, c/ Joaquim Paulino; sessão de esclarecimento na escola primária da Amadora, Silves, c/ Margarida Tengarrinha; sessão de esclarecimento na sociedade de Pêra, Silves, c/ José Leal e Luís Catarino; 21.30 horas, na Aldeia Nova, Vila Real de St. António, c/ Cândido Mariano e Alfredo Graça; sessão de esclarecimento na escola de Alto Mora, Castro Marim, c/ José Cruz.

● ÉVORA

Viana do Alentejo
Comício-festa c/ António Gervásio e Luísa Marcão; em Alcáçovas, contacto c/ agricultores, c/ António Gervásio e Luísa Marcão.

Arraiolos

Sessão de esclarecimento para reformados, na Sociedade, às 16h c/ Vidigal Amaro; sessão em S. Gregório, na Junta de Freguesia, às 16h; porta-a-porta, pelas 18h c/ Luísa Marcão; sessão de esclarecimento, na escola, pelas 21h, c/ Vidigal Amaro; sessão de esclarecimento em S. Pedro da Gafanha, c/ Maria Luísa.

Borba

Visita à Câmara Municipal e Pedreiras, às 10h c/ Custódio Gingão; sessão para Reformados, em Borba; Plenário de Trabalhadores da Câmara Municipal de Borba.

APU
POVO UNIDO

Tempo de Antena

RTP

Dia 4 (sexta-feira)
às 20.40

Rádio
Renascença

Dia 3, às 20.45
Dia 4, às 20.55

Antena 1
e Rádio
Comercial

Dia 3, às 17.30
Dia 4, às 17.55

mara Municipal de Borba.

Estremoz

Arcos, sessão para reformados, às 10h c/ J. Figueira; sessão para reformados pelas 16.30h c/ J. Figueira em Velours; em S. Lourenço, sessão de esclarecimento para reformados, pelas 18, c/ J. Figueira. Montemor-o-Novo

Escoural e S. Cristóvão, pelas 17h distribuição de propaganda; distribuição de propaganda em Ora. Portel

Distribuição de propaganda c/ Vidigal Amaro.

● SANTARÉM

Sessão de esclarecimento na SAT (Tramagal — Abrantes), pelas 21h, c/ Dias Lourenço e João Constantino; sessão de esclarecimento às 21h na escola do Espinho (Alcanena), c/ António Canais; sessão de esclarecimento na escola de Malhou (Alcanena), c/ Lancinha; sessão de esclarecimento na escola de Paços Negros — Almeirim, c/ José Manuel Sampalo; festa de encerramento na Sociedade Filarmónica 1.º de Dezembro em Alpiçã, c/ Álvaro Brasileiro e Luísa Mesquita; festa de encerramento na Casa do Povo em Azinhaga (Golegã), c/ Sérgio Ribeiro, pelas 21h; distribuição de propaganda pelas 17.30, na Citrol (Rio Maior); distribuição de propaganda pelas 13.30h na Fiação em Tomar, c/ António Rosa Dias; sessão de esclarecimento pelas 21.30h na escola Goito (Tomar); sessão de esclarecimento pelas 21.30h na escola Porto da Lage (Tomar); distribuição de propaganda pelas 17h em várias empresas de Torres Novas, c/ António Canais e António Conde; sessão de esclarecimento pelas 21.30h na Sociedade Rec. Atalense (Vila Nova da Barquinha), c/ Mário Rodrigues; Rádio Juvenil, das 14 às 19 horas, na RN/Mercado em Vila Nova de Ourém, c/ Sérgio Ribeiro; Rádio Juvenil, das 20 às 24h, nos Paços do Concelho, em Tomar; às 21h na escola de Malhou, c/ Valdemar Henriques; em Courelinhas (Coruche), às 20h no Centro Social; em Mação às 21.30h, sessão nos Bombeiros.

● CASTELO BRANCO

Fundão

Casino, pelas 21.30 sessão de esclarecimento c/ José Paulo Gascão, Ana Rita e Garra.

Sernadas

Na escola, sessão de esclarecimento pelas 21.30h c/ Oliveira.

BEJA

Aljustrel

No Sindicato Mineiro pelas 21h, sessão para mulheres c/ Bernardina Sebastião; em Mombaja no C. Convívio, pelas 21.30h, sessão de esclarecimento; em Salvador, na Casa do Povo, pelas 21.30h, sessão de esclarecimento.

Castro Verde

Na Casa do Povo, pelas 21.30h, sessão

de esclarecimento Mértola

Na Aldeia dos Fernandes, em Corvos e Corte Sines na colectividade pelas 21.30, sessão de esclarecimento.

Vila Nova de Milfontes

Na Casa do Povo, pelas 21h, sessão de esclarecimento.

Ourique

Na Casa do Povo, pelas 21h, discoteca APU.

Vidigueira

Na Casa do Povo, pelas 21h, sessão de esclarecimento.

Almodôvar

Monte das Mestras, na escola primária, às 20.30, sessão de esclarecimento.

● LEIRIA

Leiria

Festa de encerramento c/ Joaquim Gomes, às 21.30h.

Miradouro

Distribuição de propaganda nas empresas, c/ Joaquim Gomes.

Alcobaça

Festa/Comício na Praça Principal, c/ Joaquim Gomes, às 21h.

Caldas da Rainha

Festa/Comício na Casa da Cultura c/ António Orcinha.

● AVEIRO

Sessão/espectáculo, pelas 21.30h na Filarmónica da Pampilhosa (Mealhada), c/ Zita Seabra; contacto com a população em Murtosa (Gafanha da Nazaré), pelas 10h, c/ Zita Seabra; minicócio na empresa Pescas de Aveiro (EPA), pelas 14.30, c/ Zita Seabra; contacto com a população na Pampilhosa - Mealhada, pelas 17.30h, c/ Zita Seabra; minicócio na empresa Cerâmica do Outeiro, pelas 12h; sessão de esclarecimento pelas 21.30h na escola primária de Ois da Ribeira (Águeda); porta-a-porta pelas 18 em Aveiro; às 21h espectáculo na Pampilhosa (Mealhada), c/ Carlos Cabral; sessão de esclarecimento pelas 21.30h, na escola primária de Cabeçais (Arouca), c/ Manuela e A. Brandão; em Esmeriz (Ovar), na sala da Junta, pelas 21.30 com a participação de Ferreira Mendes, sessão de esclarecimento; minicócio pelas 12.30h na empresa Nilo, S. João da Madeira, c/ Jorge Cortez; às 18h minicócio na empresa P. Oliveira em S. João da Madeira c/ Jorge Cortez; porta-a-porta às 18.30h em Casadelo (S. João da Madeira); distribuição de propaganda às 10h nas empresas em Ovar c/ Ferreira Mendes.

● SETÚBAL

Visita ao concelho de Almada c/ Luísa Araújo.

Visita ao concelho de Setúbal durante o dia, seguindo-se jantar e sessão de esclarecimento na Câmara Municipal de Setúbal, às 21h, c/ José Vitoriano, Odete Santos, Brito Apolónia e Albano Nunes.

Sessão de esclarecimento c/ Carlos Ramalho, na Cooperativa de Habitação do Zambujal (Sesimbra), às 21.30h.

Debate na Setenave (Setúbal) durante a manhã, sobre a indústria naval, c/ Carlos Carvalhas.

Sessão de esclarecimento no Salão Nobre da Câmara Municipal de Montijo sobre Pequenos e Médios Comerciantes e Industriais, c/ José Maria Bolões e Edgar Costa, às 21h.

Visita de candidatos ao concelho de Grândola durante todo o dia.

Sessão de esclarecimento às 21h em Amélias (Grândola) c/ Rogério de Brito; sessão de esclarecimento às 18h em Águas de São Pedro (Grândola) c/ Rogério de Brito.

Sessões de esclarecimento às 21h na Barra Chela em Alhos Vedros (Moita).

Sessão de esclarecimento às 21h em Santa Cruz, Escateiras e Valverde (Santiago do Cacém).

Sessão de esclarecimento às 21h em Caxias (Sesimbra) c/ Conceição Moraes.

Visita de candidatos às empresas de Azetão (Setúbal) durante todo o dia.

Sessão de esclarecimento às 12h c/ Vieira Mendes.

Sessão de esclarecimento às 21h em Lebruge (Vila do Conde).

● VIANA DO CASTELO

Distribuição de propaganda: na Feira de Ancora (Caminha), às 10h; nos Estaleiros Navais de Viana do Castelo, às 18h (V. Castelo).

Sessões de esclarecimento: na Escola Primária de Rubiães (Paredes de Coura), às 21h; na Junta de Freguesia de Porreiras (Paredes de Coura), às 20.30h.

● BRAGA

Festa/comício no Salão dos Bombeiros da Póvoa do Lanhoso, às 21.30h c/ António Lopes.

Rádio/Video/Juvenil APU às 9h em Braga; distribuição de propaganda e contactos c/ a população na Feira de Barcelos, às 9h.

Sessão/festa na Escola Primária de Forjães (Espinho), às 21h c/ José Manuel Mendes.

Sessões de esclarecimento: na Escola Primária de Quilhões (Fafe), às 21h; na Escola Primária de Fão (Espinho), às 21h.

● VISEU

Sessão/festa às 21.30 em Oliveira de Frades, no cinema, c/ Jaime Galheiro e Manuel Florindo; sessão de esclarecimento às 21.30h em Trevões (S. João Paqueta), c/ Carlos Fraião.

Minicaravana às 12.30h pelo concelho de Mangualde.

Distribuição de propaganda com som, às 9h; na Feira de Lamego; na Feira de S. Pedro do Sul; na Feira de Vila dos Azeites (Mortágua).

● AÇORES

S. Miguel

Sessões de esclarecimento: 20.30h na Escola Primária de Ponta Garça, c/ Decq Mota; na Escola Primária da Maia, c/ Luís Noronha; na Escola Primária de Feteiras de Ponta Delgada, c/ Sales Gomes e na Escola Primária dos Ginetes.

As 18h contactos com a população da Relva, c/ Decq Mota e Sales Gomes.

Faial

Festa/comício às 21.30h, na sede do Angústias Atlético Clube, c/ candidatos, artistas locais e Adelalde Carvalho.

● MADEIRA

Distribuição de propaganda e contacto c/ trabalhadores da empresa José Cardoso, das obras do Centro do Mar e da Caixa de Previdência, no Funchal.

Durante todo o dia grande acção de propaganda na cidade do Funchal, c/ candidatos.

BRAGANÇA

Sessão de esclarecimento em Carraceda de Anísio c/ Modesto Navarro.

Sessão de esclarecimento em Eufidã (Alfândega da Fé) 21.30, e em Ligeiras (Freixo de Espada à Cinta) 21.30.

cimento na Palhavã (Setúbal) c/ José Encarnação.

● BRAGANÇA

Sessões de esclarecimento: em Vimioso c/ candidatos; em Cortiços c/ Manuel Salazar; em Baguelho (Macedo de Cavaleiros) c/ Modesto Navarro.

Distribuição de propaganda nos mercados de Mirandela e Bragança.

● GUARDA

Comício de encerramento em Gouveia c/ José Soeiro; distribuição de propaganda e banca no mercado de Gouveia; Distribuição de propaganda com som nas empresas: Tavares, Renault e Fems (Guarda); sessão/cinema em Sazes (Seia); visita, c/ distribuição de propaganda e som na Quinta dos Bernardos (Pinhel); sessão/cinema em Benesperra (Guarda).

● VISEU

Sessão/festa às 21.30 em Oliveira de Frades, no cinema, c/ Jaime Galheiro e Manuel Florindo; sessão de esclarecimento às 21.30h em Trevões (S. João Paqueta), c/ Carlos Fraião.

Minicaravana às 12.30h pelo concelho de Mangualde.

Distribuição de propaganda com som, às 9h; na Feira de Lamego; na Feira de S. Pedro do Sul; na Feira de Vila dos Azeites (Mortágua).

● AÇORES

S. Miguel

Sessões de esclarecimento: 20.30h na Escola Primária de Ponta Garça, c/ Decq Mota; na Escola Primária da Maia, c/ Luís Noronha; na Escola Primária de Feteiras de Ponta Delgada, c/ Sales Gomes e na Escola Primária dos Ginetes.

As 18h contactos com a população da Relva, c/ Decq Mota e Sales Gomes.

Faial

Festa/comício às 21.30h, na sede do Angústias Atlético Clube, c/ candidatos, artistas locais e Adelalde Carvalho.

● MADEIRA

Distribuição de propaganda e contacto c/ trabalhadores da empresa José Cardoso, das obras do Centro do Mar e da Caixa de Previdência, no Funchal.

Durante todo o dia grande acção de propaganda na cidade do Funchal, c/ candidatos.

BRAGANÇA

Sessão de esclarecimento em Carraceda de Anísio c/ Modesto Navarro.

Sessão de esclarecimento em Eufidã (Alfândega da Fé) 21.30, e em Ligeiras (Freixo de Espada à Cinta) 21.30.

COIMBRA

Visita à Feira da Barreira (Condeixa), 9 h c/ João Abrantes e Manuel Roxo.

Visita ao mercado (lotas do peixe) da Figueira da Foz, 9 h c/ António Menano e António Rodrigues.

Visita à empresa FIACO (Oliveira do Hospital), 13.30 c/ Carlos Ferreira.

Sessões: na Casa do Povo de Penacova; em Fornoselha c/ João Abrantes; na Casa do Povo/ Associação Recreativa de Midões (Tábua) 21 h c/ António Rodrigues; em Arzila, 21.30, c/ Carlos Ferreira e Vítor Costa.

Caravana por todo o concelho da Figueira da Foz.

Caravana por toda a freguesia de Soure. Desfile APU em Coimbra de encerramento da campanha às 18.30.

● VISEU

Sessão/festa às 21.30 em Oliveira de Frades, no cinema, c/ Jaime Galheiro e Manuel Florindo; sessão de esclarecimento às 21.30h em Trevões (S. João Paqueta), c/ Carlos Fraião.

Minicaravana às 12.30h pelo concelho de Mangualde.

Distribuição de propaganda com som, às 9h; na Feira de Lamego; na Feira de S. Pedro do Sul; na Feira de Vila dos Azeites (Mortágua).

● AÇORES

S. Miguel

Sessões de esclarecimento: 20.30h na Escola Primária de Ponta Garça, c/ Decq Mota; na Escola Primária da Maia, c/ Luís Noronha; na Escola Primária de Feteiras de Ponta Delgada, c/ Sales Gomes e na Escola Primária dos Ginetes.

As 18h contactos com a população da Relva, c/ Decq Mota e Sales Gomes.

Faial

Festa/comício às 21.30h, na sede do Angústias Atlético Clube, c/ candidatos, artistas locais e Adelalde Carvalho.

● MADEIRA

Distribuição de propaganda e contacto c/ trabalhadores da empresa José Cardoso, das obras do Centro do Mar e da Caixa de Previdência, no Funchal.

Durante todo o dia grande acção de propaganda na cidade do Funchal, c/ candidatos.

BRAGANÇA

Sessão de esclarecimento em Carraceda de Anísio c/ Modesto Navarro.

Sessão de esclarecimento em Eufidã (Alfândega da Fé) 21.30, e em Ligeiras (Freixo de Espada à Cinta) 21.30.

Mini-comício nas Malhas Almagre, 11.30 horas, em Águeda c/ Zita Seabra.

Mini-comício em Arrenças em várias empresas às 15 h c/ Zita Seabra.

Mini-comício na Handy, em Águeda, às 15.30 c/ Zita Seabra.

Festa no Futebol Clube de Albergaria às 21 h.

Caravana automóvel pelas 18 h por todo o concelho de Espinho.

SETÚBAL

Comício/festa de encerramento c/ Domingos Abrantes, 16 h no Parque Catarina Eufémia, no Barreiro; Sessão de esclarecimento c/ Domingos Abrantes no Largo da Misericórdia, 21 h.

Comício de encerramento c/ Blanqui Teixeira, e Brito Apolónia, 18 h no Ginásio

Comício/festa de encerramento c/ Domingos Abrantes, 16 h no Parque Catarina Eufémia, no Barreiro; Sessão de esclarecimento c/ Domingos Abrantes no Largo da Misericórdia, 21 h.

Comício de encerramento c/ Blanqui Teixeira, e Brito Apolónia, 18 h no Ginásio

Comício/festa de encerramento c/ Domingos Abrantes, 16 h no Parque Catarina Eufémia, no Barreiro; Sessão de esclarecimento c/ Domingos Abrantes no Largo da Misericórdia, 21 h.

Comício de encerramento c/ Blanqui Teixeira, e Brito Apolónia, 18 h no Ginásio

Comício/festa de encerramento c/ Domingos Abrantes, 16 h no Parque Catarina Eufémia, no Barreiro; Sessão de esclarecimento c/ Domingos Abrantes no Largo da Misericórdia, 21 h.

Comício de encerramento c/ Blanqui Teixeira, e Brito Apolónia, 18 h no Ginásio

Comício/festa de encerramento c/ Domingos Abrantes, 16 h no Parque Catarina Eufémia, no Barreiro; Sessão de esclarecimento c/ Domingos Abrantes no Largo da Misericórdia, 21 h.

Comício de encerramento c/ Blanqui Teixeira, e Brito Apolónia, 18 h no Ginásio

Comício/festa de encerramento c/ Domingos Abrantes, 16 h no Parque Catarina Eufémia, no Barreiro; Sessão de esclarecimento c/ Domingos Abrantes no Largo da Misericórdia, 21 h.

Comício de encerramento c/ Blanqui Teixeira, e Brito Apolónia, 18 h no Ginásio

Comício/festa de encerramento c/ Domingos Abrantes, 16 h no Parque Catarina Eufémia, no Barreiro; Sessão de esclarecimento c/ Domingos Abrantes no Largo da Misericórdia, 21 h.

Comício de encerramento c/ Blanqui Teixeira, e Brito Apolónia, 18 h no Ginásio

Comício/festa de encerramento c/ Domingos Abrantes, 16 h no Parque Catarina Eufémia, no Barreiro; Sessão de esclarecimento c/ Domingos Abrantes no Largo da Misericórdia, 21 h.

Comício de encerramento c/ Blanqui Teixeira, e Brito Apolónia, 18 h no Ginásio

Comício/festa de encerramento c/ Domingos Abrantes, 16 h no Parque Catarina Eufémia, no Barreiro; Sessão de esclarecimento c/ Domingos Abrantes no Largo da Misericórdia, 21 h.

Comício de encerramento c/ Blanqui Teixeira, e Brito Apolónia, 18 h no Ginásio

Comício/festa de encerramento c/ Domingos Abrantes, 16 h no Parque Catarina Eufémia, no Barreiro; Sessão de esclarecimento c/ Domingos Abrantes no Largo da Misericórdia, 21 h.

Comício de encerramento c/ Blanqui Teixeira, e Brito Apolónia, 18 h no Ginásio

Comício/festa de encerramento c/ Domingos Abrantes, 16 h no Parque Catarina Eufémia, no Barreiro; Sessão de esclarecimento c/ Domingos Abrantes no Largo da Misericórdia, 21 h.

Comício de encerramento c/ Blanqui Teixeira, e Brito Apolónia, 18 h no Ginásio

Comício/festa de encerramento c/ Domingos Abrantes, 16 h no Parque Catarina Eufémia, no Barreiro; Sessão de esclarecimento c/ Domingos Abrantes no Largo da Misericórdia, 21 h.

Comício de encerramento c/ Blanqui Teixeira, e Brito Apolónia, 18 h no Ginásio

Comício/festa de encerramento c/ Domingos Abrantes, 16 h no Parque Catarina Eufémia, no Barreiro; Sessão de esclarecimento c/ Domingos Abrantes no Largo da Misericórdia, 21 h.

Comício de encerramento c/ Blanqui Teixeira, e Brito Apolónia, 18 h no Ginásio

Comício/festa de encerramento c/ Domingos Abrantes, 16 h no Parque Catarina Eufémia, no Barreiro; Sessão de esclarecimento c/ Domingos Abrantes no Largo da Misericórdia, 21 h.

Comício de encerramento c/ Blanqui Teixeira, e Brito Apolónia, 18 h no Ginásio

Comício/festa de encerramento c/ Domingos Abrantes, 16 h no Parque Catarina Eufémia, no Barreiro; Sessão de esclarecimento c/ Domingos Abrantes no Largo da Misericórdia, 21 h.

Comício de encerramento c/ Blanqui Teixeira, e Brito Apolónia, 18 h no Ginásio

Comício/festa de encerramento c/ Domingos Abrantes, 16 h no Parque Catarina Eufémia, no Barreiro; Sessão de esclarecimento c/ Domingos Abrantes no Largo da Misericórdia, 21 h.

Comício de encerramento c/ Blanqui Teixeira, e Brito Apolónia, 18 h no Ginásio

Comício/festa de encerramento c/ Domingos Abrantes, 16 h no Parque Catarina Eufémia, no Barreiro; Sessão de esclarecimento c/ Domingos Abrantes no Largo da Misericórdia, 21 h.

Comício de encerramento c/ Blanqui Teixeira, e Brito Apolónia, 18 h no Ginásio

Comício/festa de encerramento c/ Domingos Abrantes, 16 h no Parque Catarina Eufémia, no Barreiro; Sessão de esclarecimento c/ Domingos Abrantes no Largo da Misericórdia, 21 h.

Comício de encerramento c/ Blanqui Teixeira, e Brito Apolónia, 18 h no Ginásio

Comício/festa de encerramento c/ Domingos Abrantes, 16 h no Parque Catarina Eufémia, no Barreiro; Sessão de esclarecimento c/ Domingos Abrantes no Largo da Misericórdia, 21 h.

Comício de encerramento c/ Blanqui Teixeira, e Brito Apolónia, 18 h no Ginásio

Comício/festa de encerramento c/ Domingos Abrantes, 16 h no Parque Catarina Eufémia, no Barreiro; Sessão de esclarecimento c/ Domingos Abrantes no Largo da Misericórdia, 21 h.

Comício de encerramento c/ Blanqui Teixeira, e Brito Apolónia, 18 h no Ginásio

POVO UNIDO



Hoje e amanhã, Álvaro Cunhal participa nas seguintes iniciativas no âmbito da campanha eleitoral da APU:

HOJE

TV O Programa

Quinta
RTP1

- 12.00 — Notícias
- 12.05 — 12/13
- 12.45 — Notícias
- 13.00 — Telenovela — «Origens»
- 14.00 — Ciclo Preparatório TV — Acção de formação de professores
- 18.00 — Tempo dos Mais Novos
- 18.35 — Notícias
- 18.45 — Golo
- 19.15 — A Mulher no Mundo — Noruega



- 19.55 — O Livro Grande de Petete
- 20.00 — Telejornal
- 20.27 — Boletim Meteorológico
- 20.30 — Campanha Eleitoral para a Assembleia da República — 1985
- 21.00 — Telenovela — «Louco Amor»
- 21.45 — Actualidade Política
- 22.45 — Reportagem do Exterior
- 00.35 — Último Jornal

RTP2

- 19.30 — Desenhos Animados
- 20.00 — Conheça Melhor — Austrália
- 20.30 — Munch, Pintor da Angústia
- 21.40 — Da... Música — Concerto com Ton Koopman
- 22.30 — Jornal da Noite

Sexta
RTP1

- 12.00 — Notícias
- 12.05 — 12/13
- 12.45 — Notícias
- 13.00 — Telenovela — «Origens»
- 14.00 — Ciclo Preparatório TV — Acção de formação de monitores
- 18.00 — Tempo dos Mais Novos — Animação
- 18.30 — Notícias
- 18.45 — Atletismo — Taça do Mundo de Canberra (Eurovisão)



- 19.55 — O Livro Grande de Petete
- 20.00 — Telejornal
- 20.27 — Boletim Meteorológico
- 20.30 — Campanha Eleitoral para a Assembleia da República — 1985
- 21.00 — Telenovela — «Louco Amor»
- 21.45 — Crime, Disse Ela
- 23.45 — Último Jornal

RTP2

- 19.30 — Desenhos Animados
- 20.00 — Atletismo — Taça do Mundo de Canberra (Eurovisão)
- 21.30 — Recordações
- 22.30 — Jornal da Noite

Sábado
RTP1

- 11.30 — Tempo dos Mais Novos
- 14.00 — Dar e Receber
- 14.30 — Circo — com Dick Van Dick
- 15.30 — Revista de Toiros
- 16.00 — Reportagem do Exterior
- 18.30 — Um Planeta para Amar
- 19.45 — Totoloto
- 20.00 — Telejornal

- 20.27 — Boletim Meteorológico
- 20.30 — Magic of Stars
- 22.30 — Informação Desportiva
- 23.25 — Último Jornal
- 23.40 — Sábado Especial

RTP2

- 16.32 — Troféu — Atletismo
- 20.00 — Animação — «A Beleza da Dança»
- 20.30 — Para o Melhor e para o Pior
- 21.30 — Terra Mãe

Domingo
RTP1

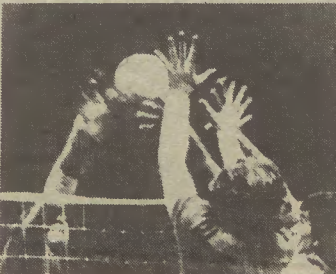
- RTP — 1
- 10.30 — 70x7
- 11.00 — Missa
- 12.00 — Tempo dos Mais Novos
- 13.00 — TV Rural
- 13.30 — Tempo dos Mais Novos



- 15.00 — Sessão da Tarde — «Os Gloriosos Calhambecos»
- 16.30 — Atletismo — Taça do Mundo de Canberra (Eurovisão)
- 18.00 — Top Disco
- 19.00 — Assembleia da República — «Eleições»
- 20.00 — Telejornal
- 20.27 — Boletim Meteorológico
- 20.30 — Assembleia da República — «Eleições»

RTP2

- 14.00 — Automobiliismo — Fórmula 1
- 16.00 — Atletismo — Taça do Mundo de Canberra
- 16.30 — É de Enlunhacear
- 18.30 — Voleibol — Final do Campeonato da Europa



- 21.00 — Assembleia da República — «Eleições»

Segunda
RTP1

- 12.00 — Notícias
- 12.05 — 12/13
- 12.45 — Notícias
- 13.00 — Telenovela «Origens»
- 18.00 — Tempo dos Mais Novos — «A Volta ao Mundo com Willy Fog»
- 18.30 — Notícias
- 18.45 — Desporto
- 19.20 — Divulgação — «A Primeira República Portuguesa»
- 19.55 — O Livro Grande de Petete
- 20.00 — Telejornal
- 20.30 — Boletim Meteorológico
- 20.35 — Telenovela — «Louco Amor»
- 21.45 — Badarósissimo
- 22.15 — Informação — «Opinião Pública»
- 23.00 — Último Jornal

RTP2

- 19.30 — Desenhos Animados — «Formiga Fenómeno»
- 20.00 — Musical — «Folclore»



- 20.30 — Divulgação — «RTP/Açores»
- 21.00 — Teatro — «As You Like It»
- 22.30 — Jornal da Noite

Terça
RTP1

- 12.00 — Notícias
- 12.05 — 12/13
- 12.45 — Notícias
- 13.00 — Telenovela «Origens»
- 18.00 — Tempo dos Mais Novos — «Bell e Sebastião»
- 18.35 — Notícias
- 18.50 — Século XX — O Mundo em Guerra



- 19.55 — O Livro Grande de Petete
- 20.00 — Telejornal
- 20.30 — Boletim Meteorológico
- 20.35 — Telenovela — «Louco Amor»
- 21.15 — O Corpo Humano
- 21.45 — Informação — «Actual»
- 22.45 — Tudo em Família
- 23.15 — Último Jornal

RTP2

- 19.30 — Desenhos Animados — «Dinky Dog»
- 20.00 — Musical



- 21.00 — Sessão das Nove — «Todo o Modo», real. Elio Petri (Itália/1976)
- 22.30 — Jornal da Noite

Quarta
RTP1

- 12.00 — Notícias
- 12.05 — 12/13
- 12.45 — Notícias
- 13.00 — Telenovela «Origens»
- 18.00 — Tempo dos Mais Novos
- 18.35 — Notícias
- 18.50 — Trânsito
- 19.20 — Telemundo
- 20.00 — Telejornal
- 20.20 — Boletim Meteorológico
- 20.30 — Vamos Jogar no Totobola
- 20.45 — Telenovela — «Louco Amor»



- 21.45 — Noite de Cinema — «Guerra e Paz»
- 23.45 — Último Jornal

RTP2

- 18.00 — Desenhos Animados
- 20.05 — A Arte e as Coisas
- 20.30 — O Mundo em Extinção
- 21.30 — Filmoteca TV
- 22.30 — Jornal da Noite

Livros

Arco Íris — Wanda Wassilewska — Edições «Avante!», colecção «Resistência» — capa de Ivone Ralha. Lisboa, Agosto de 1985. Preço 600\$00

Mais de quarenta anos depois, «Arco Íris» volta ao interesse dos leitores. Livro que conta a guerra, escrito no âmago da guerra, o seu êxito foi enorme no mundo de então. De centenas de milhares de exemplares, foi apanhado pelo cinema e o filme com o mesmo nome, da realização de Mark Donskoy para a Artkins Films. Nos primeiros meses da publicação deste livro publicado em 1943, só na URSS venderam-se quinhentos mil exemplares e foi-lhe atribuído o Prémio Stálin.

Que faz reviver hoje este livro?

Celebra-se em todo o mundo o quadragésimo aniversário do fim de uma guerra que se meceu a morte em todos os continentes. Mais do que isso, celebra-se a vitória sobre o nazismo que desencadeou essa guerra e ensombrou o planeta com os seus crimes e atrocidades. É disto que «Arco Íris» trata. Para que se não esqueça.

Escrito por uma mulher, a polaca Wanda Wassilewska, que quando a sua pátria foi invadida percorreu centenas de quilómetros para alcançar a fronteira soviética — e sobre esta saga escreveu a novela «Pântanos em Chamas» — «Arco Íris» é o resultado da sua experiência como correspondente de guerra.

A autora, que tomou parte activa na luta contra os invasores e trabalhou organizada com outros patriotas polacos, fundando nomeadamente a revista «Novos Horizontes» e o jornal «Polónia Livre», acompanhou de perto os exércitos soviéticos que combatiam os nazis, lançou-se depois na escrita de «Arco Íris».

Wanda Wassilewska, que nasceu na Polónia, mais precisamente em Cracóvia, em 1905, filha de um filólogo, cedo foi atraída pelas letras. Depois dos seus estudos universitários em Varsóvia dedicou-se ao ensino. Não abandonou, porém, os seus versos e, mais tarde, abraçou o jornalismo. Em «Pátria Subjugada», o seu primeiro êxito literário, foi a vida dos agricultores polacos que contou. A realidade e a humanidade que soube ver não mais deixariam de orientar-lhe a carreira das letras.

Neste livro, de novo no lume das leituras, é contada a terrível realidade da guerra. E desta terrível realidade soube a autora encontrar, por entre os milhões de cadáveres, presságios de felicidade — que muitos não veriam mas também pressentiam para os outros, sobreviventes de uma luta sem tréguas contra os inimigos dos povos e da Humanidade. Um arco-íris de esperança depois da tormenta.

Homens e mulheres, crianças e jovens, camponeses e soldados, sobre quem se abateu o negrume da agressão bárbara do nazis-



mo, levantam-se e combatem. E vão levando, por entre inúmeros sacrifícios, a sua justiça avante, varrendo a opressão para Ocidente, sempre para Ocidente...

Os gestos de paz e de trabalho de uma sociedade que se transformava e tomava nas suas mãos o futuro tiveram de ser violentamente mudados. Na guerra que lhes foi imposta, os soviéticos foram arrancar aos seus próprios corações mais coragem para rechamar o inimigo.

«Arco Íris» trata dessa verdadeira epopeia. E, se as cruentas cenas de violência atravessam todas as suas páginas, lá se encontra ainda lugar para a esperança.

Passaram-se quarenta anos sobre a vitória. No momento em que tal acontecimento é celebrado, no momento em que novos perigos se acrescentam na louca corrida para a guerra que o imperialismo desencadeia, ler «Arco Íris» volta de novo a ter um significado muito especial.

É este o livro que as Edições «Avante!» acabam de lançar, com uma bela capa, na sua colecção «Resistência» e que propomos hoje aos nossos leitores. Uns lembrar-se-ão destes acontecimentos aqui descritos, até da fama do livro e do filme. Para outros, porém, cuja memória não chega tão longe, mais importante se torna lê-lo.



Cinema

A selecção

	António Durão	David Lopes	Manuel Machado da Luz	Manuel Neves	Paulo Torres
A O Clube	★★	—	★★	—	—
B Dune	★	★★	★★	★★	★
C Desesperadamente Procurando Susana	★★★	—	★★	—	—
D Os Favoritos da Lua	★★★★	—	★★	—	—
E O Jogo do Falcão	★★	—	★★	—	—
F A Ocasão da Rosa	★★	—	★★	★★	—
G Reacção em Cadeia	★★	—	★★★	—	★★★
H A Rosa Púrpura do Cairo	★★★★	★★★★★	★★★★★	★★★★★	—
I Para Além das Muralhas	★★★	—	—	—	—
J A Testemunha	★★★	★★★	★★	★★★	★★★

- A — Real. John Hughes — Quarteto/4 (14.30, 16.45, 19.00, 21.15, 23.30) — Lisboa.
 B — Real. David Lynch — Alfa (14.15, 16.45, 19.15, 21.45, 00.15) — Borna (14.00, 16.30, 19.00, 21.30) — Mundial (14.00, 16.30, 19.00, 21.30) Restelo (15.30, 21.30) — Lisboa; Casino (17.00, 21.15) — Estoril.
 C — Real. Susan Seidelman — Condes (14.00, 16.30, 19.00, 21.30) — Hollywood/2 (14.30, 16.45, 18.45, 21.30, 23.45) — Lisboa.
 D — Real. Otavio Lisseliani — Quarteto/1 (14.30, 16.45, 19.00, 21.15) — Lisboa.
 E — Real. John Schlesinger — Fonte Nova/3 (14.45, 17.00, 19.15, 21.45) — Hollywood/1 (14.00, 16.00, 19.00, 21.30, 24.00) — Lisboa; Miramar (15.15, 21.30) — Cascais.
 F — Real. Salvatore Piscielli — Quarteto/3 (15.00, 17.00, 19.00, 21.30) — Lisboa;
 G — Real. Mike Nichols — Cine 222 (14.00, 16.30, 19.00, 21.30) Lisboa; Cinestúdio Girassol (15.00, 18.00, 21.30) — Colmbra.
 H — Real. Woody Allen — Las Vegas/1 (15.15, 18.30, 21.30) Londres (14.00, 16.30, 19.00, 21.30) — S. Jorge/2 (15.00, 17.00, 19.00, 21.45) — Lisboa; Trindade (21.45, 24.15) — Porto.
 I — Real. Uri Barbash — Quarteto/2 (21.30) — Lisboa.
 J — Real. Peter Weir — Alfa Clube (14.00, 16.30, 19.00, 21.30, 24.00) — S. Jorge/3 (14.15, 16.30, 18.45, 21.15) — Lisboa; S. João (18.45, 21.45) — Porto.

Classificação de
★ a ★★★★★

Exposições

Arqueologia Industrial. «Um Mundo a Descobrir, um Mundo a Defender». Visitas guiadas, 3.ª, 4.ª, 5.ª e dom./10 às 17; 6.ª e sábados até às 21 horas. Na antiga Central Tejo, em Belém.

Azulejos do Século XIV aos Nossos Dias. De 3.ª a dom./10 às 13 e 14.30 às 17. Museu Nacional do Azulejo — Convento da Madre de Deus.

Colecção Calouste Gulbenkian. Exposições no Museu e nas Galerias da Fundação, peças — dos tapetes orientais aos livros preciosos — organizadas sob a designação «Reservas da Colecção».

Colectiva de pintura e escultura. 3.ª a Dom./12.30 às 15.30 na galeria Gemini, Rua das Freiras.

Exposição de desenhos de Pasolini, no CAM.

«Um Rosto para Fernando Pessoa» — o poeta retratado por 33 pintores nossos contemporâneos. Na nave superior do Centro de Arte Moderna da Gulbenkian.

Salão de Colagem, Tapeçaria, Gravura e Objectos. Sociedade Nacional de Belas Artes, Rua Barata Salgueiro, 36, todos os dias das 14.00 às 20.00.

Vestir 1955-85. A moda nos últimos 30 anos. Museu Nac. do Traje, Palácio do Montebelo-Mor, Lumiar.

A cor e o desenho no Brasil (colectiva de 20 artistas) na Galeria de Exposições Temporárias, piso 1 da Fundação Gulbenkian. Quartas e sábados das 14 às 19.30, restantes dias das 10 às 17. Encerra às segundas e feriados.

Arte Portuguesa, de Mário Botas, Jorge Martins, João Hogan, Eduardo Nery e outros, na Casa Museu Anastácio Gonçalves, Av. 5 de Outubro. De 3.ª a domingo, das 10 às 17.00.

«Gaetana Sala de Estar», desenhos e trabalhos Tridimensionais de Gaetana, objectos de Ana Jota e pinturas tempera acrílica sobre papel de F. M. na Galeria EMI-Valentim de Carvalho (Palácio das Alcáçovas, Rua Cruz dos Poiais). Todos os dias (excepto às segundas), das 15 às 19.00.

Uma Academia de Amsterdão, colectiva de estudantes da Academia Gerrit Rietveld com pintura, desenho, artes gráficas e trabalhos em vídeo. Alvalade (Palácio dos Coruchéus), das 10 às 13 e das 15 às 19.

Christine Hélène (pintura), na sala Camões da Sociedade de Língua Portuguesa. Diariamente das 13 às 19, excepto sábados e domingos.

Fernando Vidal (pintura) na Galeria de Arte Moderna da Sociedade Nacional de Belas Artes, R. Barata Salgueiro. Até 15 de Outubro.



Edith Ambuhl, desenhos: «Mãos de Mulheres». Museu Municipal. PENICHE

Clarabóias do Porto, de Fernando Aroso, na Casa do Infante (à Ribeira), todos os dias das 9.30 às 12.30 e das 14 às 17. PORTO.

Arte para as Festas. 3.ª a sáb. das 16 às 19.30. Galeria EG, Rua do Crato, 210. PORTO

Encontro com a Arte, colectiva de escultura, pintura, desenho, colagem e gravura, com Eduardo Nascimento, Helena Matta, José Mourão, Joaquim Lourenço, Isabel Pena, Marina e Milli, Abílio Febra e Victor Pl. Na Quinta de S. Miguel (Quinta do Tivoli), sáb e dom/a partir das 15.00. Até 29/9. AMADORA.

Arquitectura e Escultura Góticas. Até 3/11. Mosteiro de St.ª Maria da Vitória. BATALHA

Colectiva de pintura. De 3.ª a Dom./15 às 19, em A Galeria — R. Nova de Alfaroel. CASCAIS

Fernando Sobral, escultura, na Galeria

Assolli, Birre Centro, diariamente, excepto às 3.ª das 16.30 às 21. CASCAIS.

Colectiva de artes plásticas a favor dos artistas moçambicanos na casa TAIT, Rua de Entre Quintas, 219. De terça a quinta das 10 às 12.30 e das 14.30 às 17. Sexta e sábado da 10 às 12.30 e das 14.30 às 18. Encerra aos domingos e segundas. CASCAIS.

Exposição Nacional de Artes Plásticas de Pequeno Formato. Galeria da Junta do Turismo da Costa do Estoril nas Arcadas do Parque. ESTORIL

Homenagem a Gil do Monte (Felício José Pássaro) — exposição bibliográfica no Museu. EVORA

Colectiva de pintura (Carlos Calvet, Cruzeiro Seixas, Guilma, Jorge Martins, Nadir Afonso e outros). De 3.ª a domingo, das 15 às 19.30. Galeria Gilde, S. Torcato. GUIMARÃES

Edith Ambuhl, desenhos: «Mãos de Mulheres». Museu Municipal. PENICHE

Arqueologia Naval. Exposição itinerante organizada pela Ass. dos Municípios de Setúbal, a percorrer todos os concelhos do distrito. SETÚBAL

Fernanda Birrento, desenho e pintura, na Galeria Central, Praça do Bocado. SETÚBAL

Lembrança de Bocado, desenhos de Júlio Pomar, na Casa Bocado, Galeria Municipal das Artes Visuais, Rua Edmundo Bartolomeu de 3.ª a 6.ª das 9 às 12 e das 14 às 17, sáb. e dom. das 15 às 19. SETÚBAL.

Lúcia Perienes e Carlos Dutra, escultura nos Claustros do Convento de Jesus. SETÚBAL

José Ribeiro, pintura, aguarela e desenho. Palácio do Turismo. SINTRA

Maria Gabriel, pintura e desenho. Casa das Artes. TAVIRA



POVO UNIDO
 nhai Novense — Pí-nhal Novo; Na Venda do Alcaide — Montenhoso; Lagoa do Calvo — Sociedade Recreativa Primeiro de Janeiro; em Alres — Sociedade Alresense; Em Palmela — nos Loureiros c/ Carlos Ramildes; Na sociedade dos Leões, em Cajados; No Bairro Alentejano; na Quinta do Anjo; Em Cabanas; Comício em Águas de Moura c/ Odete Santos, nos Bombeiros; às 19 h desfile de encerramento e comício em Santiago do Cacém c/ Rogério de Brito e Modesto Pereira; Em Sesimbra, 21 h comício c/ Conceição Moraes, Valente Fernandes e Francisco Nuni, no Pavilhão Gimnodesportivo Sesimbra; De manhã, em Setúbal distribuição de propaganda promovida pela JCP; Caravana pelo concelho de Sines; Comício na Vila de Sines, no Salão dos Bombeiros Voluntários de Sines, 21.30 h.

UISEU

Sessão/festa em Tarouca, 21.30 h c/ Jaime Giralheiro e Rogério Martinho.

Sessão/Festa em Paços (S. Pedro do Sul), 21.30 c/ Carlos Fraião.

Distribuição de propaganda e contacto dos candidatos com a população na Feira do Carregal do Sal e na Feira de Vila Nova de Paiva.

VILA REAL

Comício de encerramento da campanha em Vila Real na Avenida Carvalho Araújo, c/ Helena Cidade Moura, Agostinho Lopes e Cunha e Serra, 20 h.

Festa de encerramento da campanha em Chaves, 21 h no Largo Arrabalde c/ José António Lopes.

CASTELO BRANCO

Sessão/comício de encerramento da campanha em Castelo Branco, 21.30, no Cinema, c/ todos os candidatos.

GUARDA

Sessão/Festa de encerramento da campanha em S. Romão (Sela) c/ todos os candidatos, 21 h. Distribuição de propaganda e contacto com a população na Feira de S. Francisco.

PORTO

Comício/Festa de encerramento da campanha na Praça da Liberdade (Porto), 21.30 h, c/ Carlos Costa.

Meetings nas empresas: da Via Rápida

da c/ Manuel Almeida; às 9.30 no Pão de Açúcar c/ Virgínia Moura.

VIANA DO CASTELO

Comício/Festa de encerramento da campanha, 16 h no Largo da Vila de Melgaço.

Comício/Festa de encerramento da campanha, 21 h na Casa do Povo de Freixo (Ponte de Lima).

Sessão/Festa no Mercado Municipal de Ponte de Lima, 21 h.

Sessão/Festa de encerramento de campanha nos Bombeiros Voluntários de Vila Paredes (Paredes de Coura), 21 h.

Festa de encerramento de campanha com caravana no Largo do Mercado de Vila (Caminha), 21 h.

Comício/Festa de encerramento da campanha na Praça da República em Viana do Castelo, 21 h (em caso de chuva, a iniciativa realiza-se no Teatro Sá de Miranda).

FARO

Festa de encerramento da campanha no Auditório de Portimão c/ Carlos Brito e outros candidatos da APU pelo círculo de Faro.

Desfile do Povo Unido em Faro, c/ candidatos e apoiantes da APU, 18 h.

Visita à Feira de Távora c/ Carlos Brito. Comício/Festa em Quarteira (Loulé), c/ Carlos Luís Figueira e João Guerra, 21 h.

Festa de encerramento da campanha eleitoral no Lusitano (Vila Real de St.º António), 21.30.

Festa de encerramento da campanha no Sindicato dos Trabalhadores de Conservas, em Oihão, às 21.30.

Baile de encerramento da campanha na Sociedade de Instrução e Recreio Messinense, em São Bartolomeu de Messines (Silves), às 21.30.

SANTARÉM

Comício/Festa de encerramento da campanha em Benavente, c/ Dias Lourenço e outros candidatos, 21 h.

Festa de encerramento da campanha na Casa do Povo do Couço (Coruche) c/ Raimundo Cabral e Dionísio Moisés, 21 h.

Festa de encerramento da campanha no Largo do Depósito da Água, em Almeirim c/ José Manuel Sampaio, 21.30.

Sessão de encerramento da campanha, no Cine-Teatro dos

Bombeiros, em Tomar 21 h.

Sessão/Festa de encerramento da campanha no Clube de Instrução Recreativo em Molta do Norte (Vila Nova da Barquinha), 21 h.

Sessão/Festa de encerramento da campanha na Associação Humanitária de Benfca do Ribatejo (Almeirim), c/ candidatos, 21 h.

Sessão/Festa de encerramento da campanha na Casa do Povo de Montalvo (Constância) c/ candidatos, 21 h.

Sessão/Festa de encerramento da campanha no mercado antigo de Entrancamento.

Sessão/Festa de encerramento da campanha na Casa do Povo de Lamorosa (Torres Novas), 21 h.

Sessão/Festa de encerramento da campanha na Alcaidaria do Castelo, em Torres Novas, 21 h.

Distribuição de propaganda em Alcaneve, 18 h; distribuição de propaganda com som e bandas, na cidade de Santarém e arredores, 16 h; banca na Esplanada Primorosa, em Tomar, 10 h.

Rádio Juvenil na Estação da CP, no Entrancamento, das 14 às 18 h.

Caravana APU passando por todo o concelho do Cartaxo, das 9.30 às 24 h.

BEJA

Sessão/festa na Casa do Povo de Ourique 21h c/ Bernardina Sebastião.

Sessões de esclarecimento às 21h na Casa do Povo das seguintes localidades: Ferreira do Alentejo, Figueira, Odiveias, Peroguarda, Canestras; e Santa Margarida; em Mértola no Teatro; em Santo Amador; Sobral; Santo Aleixo; Estrela; Amareleja e em Castro Verde.

Sessões de esclarecimento às 21h na Casa do Povo das seguintes localidades: Ferreira do Alentejo, Figueira, Odiveias, Peroguarda, Canestras; e Santa Margarida; em Mértola no Teatro; em Santo Amador; Sobral; Santo Aleixo; Estrela; Amareleja e em Castro Verde.

BRAGA

Distribuição de propaganda e contactos com as populações às 9h em Celorico de Basto, Clameira, Feira.

Comício/festa de encerramento da campanha no Largo do Paço, na cidade de Braga às 21h. Também no Pavilhão Gimnodesportivo de Braga festa de encerramento da campanha.

Em Barcelos, Rádio Juvenil APU.

ÁÇORES

Na Escola Primária do Porto Formoso (S. Miguel), comício/festa de encerramento da campanha, c/ Decq Mota e Luís Noronha. Durante o dia contactos c/ a população na cidade de Ponta Delgada (S. Miguel), c/ Decq Mota e Sales Gomes.

Distribuição de propaganda em toda a ilha das Flores, c/ Paulo Valadão.

Às 21.15h na Sociedade Filarmónica da Ribeirinha (Fala) comício/festa de encerramento da campanha.

LEIRIA

Visita à empresa Aníbal Abrantes (Marinha Grande) c/ Joaquim Gomes.

Comício/festa na Praça Stephens na Marinha Grande c/ Joaquim Gomes, 21.30h.

Comício/festa de encerramento da campanha no Teatro Eduardo Brazão no Bombaral c/ Jaime Félix, às 21.30.

Comício/festa de encerramento da campanha no Ginásio da Escola Secundária em Peniche, às 21.30 c/ António Orcinha.

Comício/festa no Salão dos Bombeiros em Pombal, c/ Carlos Pinhão, às 21h.

Comício/festa na Praça Sousa Oliveira na Nazaré, c/ candidatos.

Sessão de esclarecimento na Casa do Povo em Porto de Mós, às 21.30h, c/ candidatos.

LISBOA

Iniciativas com a participação de Octávio Pato:

Almoço com os trabalhadores da Sorefame, às 12h e visita à empresa e contacto com os trabalhadores.

Às 12.30 horas minicômico na Zona Industrial da Venda

Nova (Rua Almirante Azevedo Coutinho); às 16h visita à Quinta do Tivoli e ao Centro de Dia da Falegueira/Venda Nova; às 17h visita e encontro com os trabalhadores da Heska (Venda Nova/Amadora); às 18h, comício de encerramento da campanha no Largo da Estação da CP na Amadora.



OUTRAS INICIATIVAS

Comício em Aveiras de Cima (Azambuja), às 21h c/ Jorge Lemos; sessão de esclarecimento na Reboleira (Amadora) no Salão da Junta de Freguesia, pelas 21.30, c/ Demétrio Alves; comício em Mafra nos Bombeiros, às 21h, c/ Albano Nunes; comício em Torres Vedras, pelas 21h, c/ Octávio Teixeira e Manuel Fernandes; minicômico às 18.30, junto ao Café Nilo em Benfca (Lisboa), c/ Carlos Mamede; sessão de esclarecimento na Casa do Povo de Vialonga, às 21.30h, c/ Álvaro Rana; sessão de esclarecimento na Lourença, pelas 21.30h, c/ António Borge; acção de propaganda às 15h, no Montepio Geral na Rua Augusta (Lisboa), c/ Carlos Carvalhas; acção de propaganda às 17h, na EPAL na Avenida de Berlim (Lisboa), c/ Jerónimo de Sousa; acção de propaganda, às 12h, no Banco Pinto & Sotto Mayor na Avenida Fontes Pereira de Melo (Lisboa), c/ Carlos Carvalhas.

Jantar promovido pela Comissão de Apoio à APU do Banco Fonsecas & Buray, às 20h na Comissão de Moradores do Alto dos Toucinheiros (Lisboa), c/ Carlos Carvalhas.

Comício em Sobral de Monte Agraço, no Cinema, pelas 21h c/ António Abreu.

Teatro

O Cartaz

• CASCAIS

Teatro Experimental de Cascais, Av. Marechal Carmona, 6-B. De 3.ª a Sáb/17.00. Duas Anedotas Provincianas, de Alexander Valentinovitch, enc. Artur Ramos.

• LISBOA

ABC, Parque Mayer. Às 21.45; Sáb e Dom também às

16.00. **Fininho mas Jeltosinho**, de J. Bettencourt, versão de César Oliveira e R. Solnado, enc. Carlos César.

Casa da Comédia, R. S. Francisco de Borja, 24. De 3.ª a Sáb/17.00. Duas Anedotas Provincianas, de Alexander Valentinovitch, enc. Artur Ramos.

Instituto Franco-português, Av. Luís

Bivar, **Embalagem Perdida**, enc. de Ricardo Marques, com Cunha Carvalheiro e Lucinda Loureiro, às 21.30.

Maria Vitória, Pq. Mayer. Não Batam Mais no Zélinho, de H. Santana, Nicholson e Zambujal, enc. H. Santana. De 3.ª a Dom./20.30 e 22.45; Dom. e feriados também às 16.00.

Teatro da Graça, Trav. S. Vicente, 11. Terça a Sáb/22.00; Sáb/e Dom/17.00. **A Noite e o Momento**, de Crébillon Fils, enc. Carlos Fernando — Grupo Teatro Hoje.

Teatro Vasco Santana, Entrecampos (Feira Popular). 3.ª a Sáb/21.30. Dom./16.00. **Jardim de Outono**, de Lillian Hellman, enc. Luzia Maria Martins — Teatro Estúdio de Lisboa.

Tempo

Fim de Semana

Apesar da descida de temperatura, o tempo vai continuar quente, com céu pouco nublado, vento fraco, neblinas e nevoeiros matinais.

Utilidades & variedades

Eleições

Nas primeiras depois do vinte e cinco

• Um texto de José Gomes Ferreira

Aqui estou resignado na bicha que me coube para ser eleito. Confesso que saltei da cama mal-humorado e sonolento. Tomei um banho rápido, escanho-ei-me com o rabugento civismo matinal e fui ocupar com lentidão diligente o lugar na bicha da minha secção.

É esta. Bem. Tive sorte. É das mais curtas do local, constituída totalmente por Josés, associação à que nunca pertenci. Mas pertenceu o meu amigo, já morto, embora continue vivo em alguns discos, José Paradelo de Oliveira (e ainda bem que me lembrei dele agora), sempre tão amoroso de tudo o que deixava na boca o sabor popular a canções que ele cantava com tanto gozo de amar a vida e a liberdade. Um dia — contou-me o poeta Edmundo Bettencourt, que também entoava com volú-

pia cantigas do povo com puríssimos agudos de tenorino — um dia, o Paradelo proferiu na sede dos Josés uma conferência sobre José Régio, Armandinho José Rodrigues e José Gomes Ferreira.

— Por acaso — continuava o Edmundo — nessa sessão um dos associados presentes elogiou com veemência as «inesquecíveis páginas dos Celfellos» de José Fialho de Almeida,

desta maneira, pouco mais ou menos: «Quando leio essa obra-prima que canta os horríveis trabalhos forçados dos ceifeiros naquele inferno de suor e fel digo sempre de mim para mim: quantos Josés não andarão ali a penar na ceifa...». Bem. Felizmente que me recordei destes meus dois amigos para me esquecerem a impaciência de esperar. Agora estou a fixar com atenção psicológica os Josés que me rodeiam,

na tentativa de descobrir os partidos em que irão votar. Apuro o ouvido e ouço sobretudo falar dos cafés fechados. «Que chatice! — exclamava um rapaz de boné à Lenine: tenho uma fome de lobo! Vinha com a intenção de tomar o pequeno almoço num snack-bar, mas afinal...» Respon-di-lhe com doçura burguesa: «Pois eu roí as minhas torradas em casa». Olham-me com inveja. (Até o extremista do boné

implacável.) Caramba! Como a bicha se desloca com pernas de tédio rastejante. Vale-me a imaginação. Por exemplo deviam construir o Palácio do Voto com cadeiras instaladas em tapetes rolantes que nos levassem com delicadeza democrática até às urnas. Seria tão bom poupar as pernas. Mas que remédio senão continuar de pé e, para não desistir, invoco a coragem com que alguns presos políticos, no tempo do salazarismo, se mantinham duros, hirtos, terríveis, sem quebras nem choraminguices durante a terrível tortura da estatura. Em 1958, aquando das eleições de Humberto Delgado, a espera foi bem mais longa, naquela altura jogava-se a lógica de outro destino, posto que eu, durante o fascismo, nunca acreditasse na libertação pelo voto. E então, para me aguentar, resolvi entregar-me à poesia. Reparando que a maioria dos eleitores em redor de mim traziam escondidos nos envelopes da União Nacional, uma velha organização fundada por Salazar para nos desunir, os votos da oposição com o nome de Delgado, pus-me a magiar mentalmente:

De repente desato a rir
do último arrojo
do Grito Plural
agora silêncio de cobra
em filas

Combate astucioso
com armas de papel
em bainhas inimigas

Cólera de abelhas
que só picam em segredo
por indústria macia
de cera e mel.

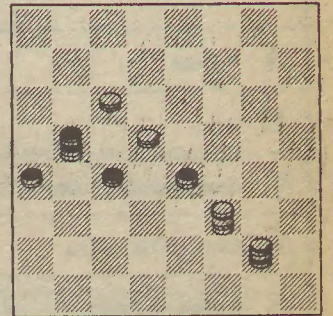
O mais curioso (ou melhor: que outra coisa poderia suceder?) é que estes versos, inseridos em Grito Plural da minha Poesia V, foram cortados pelo Exame Prévio, quando uma revista de Lisboa tentou publicá-los nas últimas eleições para a Assembleia Nacional Caetanista.

E se eu agora também fizesses versos para entreter estes últimos momentos de espera? Para quê? Não vale a pena. Não falta muito tempo para terminar o sacrifício. Com toda a franqueza estas eleições, depois da assinatura da plataforma com as Forças Armadas, não possuem, para mim, qualquer espécie de dramatismo poético especial. Talvez fosse preferível organizar um referendo com a seguinte pergunta: «Quer ou não quer que se instale o Socialismo em Portugal?» Seria porventura mais apaixonante, e útil. Mas agora não temos outro remédio senão ir para diante. aliás já não me restam muitos minutos para meditar.

Cheguei à mesa e o presidente lê o meu nome em voz bem repenicada.
Voto.

Damas

XX — 3 de Outubro de 1985
PROPOSIÇÃO N.º 20
Por Manuel Duarte, Lisboa
«A Bola» 18.XI.1950
Pr. 14-15-16-20



Br. (5)-(10)-19-23
AS BRANCAS JOGAM E GANHAM

...O...
JOGO N.º 20
Almada, 29 de Julho de 1985
Br. J. dos S. Ferreira
Pr. H. Medalha da S.

1. 10-14, 22-18; 2. 12-15, 23-20; 3. 8-12, 27-22; 4. 4-8, 20-16; 5. 5-10, 28-23; 6. 15-19, 22-15; 7. 12-28, 32-23; 8. 1-5, 23-20; 9. 14-19, 26-22; 10. 19-26, 29-22; 11. 10-13, 21-17; 12. 5-10, 25-21 (evita 10-14); 13. 8-12, 22-19; 14. 13-22, 20-15; 15. 11-20, 24-8; 16. 22-26, 8-4; 17. 7-12, 16-7; 18. 3-12, 21-18; 19. 26-29, 19-14; 20. 10-19, 30-26; 21. 29-13, 17-3; 22. 19-22, 3-16; 23. 22-16, 4-8; 24. 26-29, 16-7; 25. 9-13, 7-25; 26. 2-5, 31-27 G. Pr.

...O...

GOLPE N.º 20 DE J. SMITH

1. 10-14, 22-18; 2. 5-10, 23-20; 3. 14-19, 18-14; 4. 11-18, 21-5; 5. 1-10, 27-23; 6. 10-14, 20-15; 7. 9-13, 25-21; 8. 13-17, 31-27; 9. 12-16, 24-20; 10. 7-12, 29-25; 11. 4-7, 27-22 ?? e as Br G. (Br. 2-3-6-7-8-12-14-16-17-19) Pr. 15-20-21-22-23-25-26-28-30-32-.

...O...

SOLUÇÕES (3.X.85)

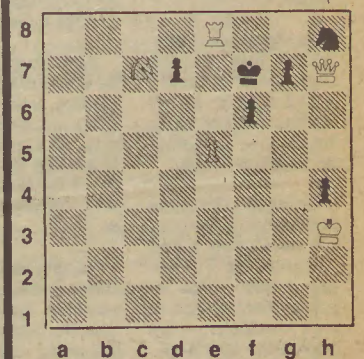
N.º 20 (J. Duarte): 10-3 e 19-23 e 5-12 e 3-30 G. Br.
Golpe N.º 20 (Smith): 12 14-18, 22-13 (a); 13. 19-22, 26-19; 14 17-26, 30-21; 15. 6-11, 15-6; 16. 3-26 G. Br.
(a) 12.... 21-14; 13. 6-11, 15-6; 14.2-27 G. Br.

A. de M.M.

Xadrez

Proposição N.º 20

Por J. Knöppel
«Eskilstuna Kuriren», 1949
Pr. (6): Ps. d7, f6, g7, h4-Ch8-Rf7



Br. (5): Pe5-Cc7-Te6-Dh7-Rh3
Mate em 2 lances

...O...

Jogo N.º 20

52.º Campeonato da URSS, Riga 1985
Br Geller — Pr. Petrossian

1. e4, c5; 2. Cf3, d6; 3. d4, cxd4; 4. Cxd4, Cf6; 5. Cc3, a6; 6. Be2, e5; 7. Cb3, Be7; 8. 0-0, 0-0; 9. Te1, Be6; 10. Bf1, Cbd7; 11. Cd5, Cb6; 12. c4, Tc8; 13. Cd2, Cld7; 14. Cxe7+, Dxe7; 15. b3, Cc5; 16. Cb1, f5; 17. exf5, Bxf5; 18. Cc3, Tcd8; 19. Be3, Cbd7; 20. b4, Ce6; 21. Cd5, Df7; 22. Df3, Tde8; 23. Tad1, Cb8; 24. b5, Cd7; 25. Cc3, e4; 26. Dg3, Ce5; 27. Txd6, Cd3; 28. Td1, Td8; 29. Cxe4, Bxe4; 30. Bxd3, Txd6; 31. Dxd6, Td8; 32. Bxe4, Txd6; 33. Txd6, Df6; 34. g3, Rf8; 35. Bd5, Da1+; 36. Rg2, Cc7; 37. Td8+ G. Br.

...O...

Solução N.º 20 (3.X.85)

Chave: 1. Dd3! Bloqueio!
1. g5; 2. Dh7 mate
1. g6; 2. Dxd7 mate
1. Cg8; 2. Dd5 mate
1. d ad lib.; 2. e6 mate
1. f5; 2. Dxf5 mate
1. fxe5; 2. De5 mate

A. de M.M.

